

Um cachorro pode comover
uma cidade inteira?

PROCURA-SE MEU MELHOR AMIGO

PAULS TOUTONGHI



PAULS TOUTONGHI

PROCURA-SE MEU MELHOR AMIGO

Um cachorro pode comover
uma cidade inteira?

Tradução:
Rodrigo Peixoto

 HarperCollins
Rio de Janeiro, 2017



© 2016, by Pauls Toutonghi

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela CASA DOS LIVROS EDITORA LTDA . Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Contato:

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005 Rio de Janeiro – RJ – Brasil Tel.: (21) 3175-1030

CIP-BRASIL.
CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS
EDITORES DE LIVROS, RJ

T67 p

Toutonghi, Pauls

Procura-se meu melhor amigo : a história real do cachorro que comoveu uma cidade inteira / Pauls Toutonghi ; tradução Rodrigo Peixoto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins, 2017.
il.

Tradução de: Dog gone
ISBN: 9788595081376

1. Ficção americana. I. Peixoto, Rodrigo. II. Título.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

Nota do autor

Prólogo

PARTE 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

PARTE 2

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

PARTE 3

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

PARTE 4

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

PARTE 5

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Epílogo

Agradecimientos

Para todos os cachorros que nunca voltaram.

Nota do autor

Todas as famílias, ao que parece, têm aquele bicho de estimação único — diferente de qualquer outro. Um bicho de estimação que, de alguma forma, se torna sagrado na tradição do lar. Ele pode ser o mais destruidor, o mais doce ou aquele capaz dos atos mais dramáticos. Armários de cozinha são vasculhados, garagens são saqueadas, edredons são roídos ou retalhados. Coisas improváveis acontecem. Para-lamas de carros não os matam, doenças são superadas, habilidades nada corriqueiras são dominadas. Há algo de singular nesses animais. Eles não são humanos, e é por isso mesmo que eles são incríveis. Do âmago de suas vidas como animais, reúnem algo que confirma sua individualidade, vivacidade e vigor, garantindo uma presença forte e duradoura em nossos corações e mentes. Para a minha família (os Marshall, de McLean, na Virgínia), Gonker foi esse bicho de estimação.

Gonker era um golden retriever que, acima de qualquer coisa, adorava vestir coletes de lã. Onde quer que estivesse, ele se recusava a se espalhar no chão como um cachorro, preferindo sentar-se em cadeiras, empoleirar-se em bancos ou beiradas de camas, sempre com as patas cruzadas e o focinho erguido. Ele era majestoso, mas tinha suas fraquezas também. Latas de lixo abertas eram uma tentação. Uma barra de manteiga dando sopa? Irresistível. Por alguma razão misteriosa, ele corria atrás de qualquer pessoa vestindo um casaco branco. Quando minha sogra e meu sogro, Virginia e John Marshall, me contaram pela primeira vez a história de como Gonker mudara suas vidas (e a vida de Fielding, seu filho), fiquei boquiaberto. A história parecia com outras que eu já ouvira, mas com traços até então inéditos. Era uma história ao mesmo tempo singular e familiar. E logo percebi que, se eles permitissem, gostaria de contá-la.

Prólogo

SÁBADO, 10 DE OUTUBRO DE 1998

Era um lindo dia na costa leste dos Estados Unidos. A temperatura estava em cerca de 18 graus e o sol brilhava — o cheiro de outono estava presente no ar, e as árvores decíduas pintavam os Apalaches de amarelo, vermelho e laranja.

William Jefferson Clinton estava no meio do seu mandato como 42º presidente norte-americano. Na República Democrática do Congo, a chamada Grande Guerra da África (que chegou a destruir a vida de quase 5,4 milhões de pessoas) acabara de começar. No oeste do Mar do Caribe, a pressão atmosférica despencou e um complexo fenômeno climático de mesoescala (o furacão Mitch, o segundo furacão atlântico mais mortífero da história) arrasou a costa jamaicana. O primeiro vírus de computador em escala mundial, baseado na plataforma Windows, o vírus Chernobyl, destruía discos rígidos em todos os cantos do planeta. A França acabara de vencer o Brasil por três a zero na final da Copa do Mundo.

No Kosovo, o diplomata norte-americano Richard Holbrooke mantinha conversas com Slobodan Milošević, a fim de resolver a crise humanitária e aliviar as tensões entre os sérvios de origem albanesa e kosovar. No Wyoming, quatro pessoas foram acusadas de sequestrar e espancar Matthew Shepard (que terminou inconsciente em um hospital de Laramie, onde morreria dois dias mais tarde). Em Los Angeles, no bairro de North Hills, líderes locais se reuniram para inaugurar o Penny Lane, complexo de apartamentos bancado pelo condado local e destinado a oferecer moradia, educação e aconselhamento a jovens com problemas emocionais. E numa trilha dos Apalaches, em algum ponto da Blue Ridge Parkway, um

golden retriever chamado Gonker desapareceu. Ele correu em direção às árvores. E não voltou.

Fielding Corbett Marshall (dono de Gonker e meu cunhado) tinha 28 anos. Fielding e Gonker eram, apesar de uma leve divergência biológica, melhores amigos. E estavam no meio de uma clássica atividade norte-americana: uma viagem de carro. Eles saíram de Washington, onde moravam, e seguiam para Charlottesville, onde Fielding estudara. Estavam revisitando seus lugares preferidos, seus antigos refúgios, as casas onde Gonker vivera quando pequeno — os sofás, as cozinhas e as varandas onde perdera várias de suas pelagens, muitas de suas pulgas e praticamente toda sua dignidade.

Fielding convidou Noel, um amigo humano, e os três viajaram durante algumas horas em direção ao sul, à Floresta Nacional de Jefferson, para entrar na trilha dos Apalaches e fazer algumas caminhadas. Durante a trilha, Gonker pulava animadamente, feliz por estar correndo em meio à natureza. Por estar solto. Sem coleira. Fazendo coisas de cachorro. *Livre*.

As florestas desta parte do país são relativamente jovens. Foram plantadas na década de 1880, após as ferrovias terem atravessado os Estados Unidos, consumindo quase a totalidade de suas antigas florestas. Antes das ferrovias, as árvores dos Apalaches estavam entre as maiores do mundo. Bosques de abetos vermelhos, carvalhos brancos, cicutas e álamos tomavam conta das colinas. As árvores costumavam alcançar trinta metros. Viajando às margens do rio Kanawha, em 1770, George Washington escreveu em seu diário: “Assim que nos aproximamos das colinas, encontramos uma figueira de dimensões extraordinárias, com quase 14 metros de circunferência; e a menos de cinquenta metros havia outra, com mais de nove metros de circunferência.”

Porém, quando as florestas dos Apalaches foram protegidas, seu ecossistema era outro. Por conta disso, ao contrário das florestas do noroeste da costa do Pacífico, muito densas em certos pontos, as áreas exploradas por Fielding, Noel e Gonker são mais abertas. Elas convidam à exploração, especialmente se você for um cachorro.

Gonker estava correndo em círculos pela trilha, vasculhando a vegetação rasteira com um entusiasmo atrapalhado e caçando esquilos reais e imaginários. Fielding estava de olho nele, mas também prestava atenção na luz solar que os banhava. Era uma luz brilhante e agradavelmente

calorosa. O cheiro de pinheiros tomava conta do ar. Logo após o meio-dia, os três pararam para almoçar em um bosque de sempre-vivas, bem perto da trilha principal. Fielding comeu cenouras cruas e bebeu água mineral; Noel, um morno sanduíche de almôndegas com queijo.

Num minuto, Gonker estava por perto, ao lado deles, farejando o ar e tentando abocanhar parte do almoço de Noel. Porém, logo depois... desapareceu. Ele correu atrás de alguma coisa, um rápido vislumbre amarelo, e não deixou vestígio de sua existência. Apenas o silêncio.

Acidentes são rápidos. Incrivelmente rápidos. É o que sobreviventes de sérios acidentes automobilísticos costumam afirmar: “Fiquei surpreso com a rapidez dos acontecimentos”. É por isso que ter filhos começando a andar (ou animais de estimação agitados e incontroláveis) pode ser muito estressante. Os desastres estão sempre à espreita, esperando o momento certo de darem o ar de sua graça.

Passados 15 minutos, Fielding começou a ficar preocupado. Depois de uma hora, estava seriamente preocupado. “Gonker!”, ele começou a gritar, andando pelos mesmos 400 metros da trilha. Depois de noventa minutos, começou a entrar em pânico. Estava no meio dos Apalaches, uma área selvagem, encarando sua vastidão. Antes, aquela área parecia fácil de ser controlada, mas naquele momento parecia gigantesca e intimidadora. A paisagem crescia em sua imensidão.

Fielding e Noel passaram um bom tempo atrás de Gonker. Eles subiram e desceram a trilha. Fielding gritou até sua garganta doer. O sol descia entre as montanhas mais ocidentais, o crepúsculo o envolvia como uma moldura.

— Ele vai voltar — disse Noel. — Ele vai voltar, a qualquer momento.

Fielding não respondeu.

— Deixe sua camiseta aqui, ou algo parecido — sugeriu Noel. — Deixe aqui, e ele vai sentir o cheiro e achar você. Ele vai sentir o seu cheiro.

Cinco anos após ter abandonado os estudos, Noel, que não era muito bom aluno, trabalhava entregando pizza em meia jornada e continuava morando na mesma casa decrépita dos tempos de faculdade. No entanto, sua ideia não era das piores. Fielding tirou a camiseta, que deixou no chão empoeirado da floresta. Ele ficou olhando para ela. O algodão parecia vazio e sem forma. Ele balançou a cabeça.

— Nós estivemos aqui antes? — ele perguntou. — Nesta parte da floresta?

— Não sei, cara. Florestas são só... árvores, certo?

Mas Fielding olhava à distância. Algo chamava sua atenção. Ali perto, não muito longe da trilha, ele percebeu uma sombra branca. Piscou os olhos. Aquilo estava se movendo?

— Gonker? — ele chamou. E repetiu: — Gonker?

Fielding deu alguns passos pela vegetação rasteira e, de repente, sob suas botas, só restou o vazio. Ele mergulhou de cabeça em um desfiladeiro. Fielding rolou várias vezes. Ao seu redor, tudo era um borrão cor de carvão. Ele parou de rolar quando chegou ao leito de um riacho lamacento. De joelhos, estava submerso até os punhos naquela lama viscosa e escura.

— Socorro — disse ele, baixinho, sabendo que ninguém o escutaria.

A história de Gonker (perdido na floresta, muito procurado e aparentemente desaparecido para sempre) é bem familiar. É bem familiar por ser uma história sobre dever e morte, sobre a maneira como nosso passado molda o presente, e também sobre a maneira como, em momentos de crise, abraçamos fervorosamente nossos papéis mais importantes. Trata-se de uma história sobre responsabilidade, sobre doença, sobre abuso e sobre gerações de uma mesma família. Ela envolve um megafone, um mapa, um hospital psiquiátrico, um iogue, o governador da Virgínia e (claro) um raro transtorno genético fatal que se desenvolve rapidamente.

E tal história começa (como você pode ou não imaginar) em um hotel cinco estrelas às margens do rio Ooka, no centro de Yokohama, no Japão.

PARTE 1

O caldeirão

Quem me ama, ama também meu cão.

SÃO BERNARDO

1

A história começa com Virginia Newman Corbett, que um dia será mãe de Fielding Marshall e avó de Gonker Marshall, mas hoje ela tem 7 anos de idade, ainda uma menina, usando vestido de bolinha vermelho intenso e sapatos de couro, também de um vermelho brilhante. Estamos em 1949. Ela está no Japão, com seus pais, vivendo como se fosse uma princesa de conto de fadas.

Também temos o tenente-coronel William Henry Corbett (pai de Virginia, avô da minha esposa), oficial da Unidade de Operações Especiais dos Estados Unidos, baseado em Yokohoma. O trabalho do coronel Corbett é aprovar atividades de recreação para os soldados da ocupação americana. Por isso, tem que visitar (com sua família) hotéis e restaurantes que competem pela preferência dos militares. Baseado em tais visitas, ele recomenda certos estabelecimentos e retira outros das listas.

Assim é o retrato de uma típica noite familiar: um carro (uma limusine) entra em cena, trazendo Virginia e seus pais. O motorista abre a porta e a família Corbett desce do carro, geralmente pisando em um tapete vermelho. A equipe do hotel está pronta para recebê-los, enfileirados e vestidos com seus melhores uniformes. A família Corbett caminha como uma família real, cumprimentando todos os membros da equipe e recebendo em troca uma série de reverências formais. Depois seguem ao salão principal do restaurante, onde degustam um menu completo. Muitas vezes, uma gueixa permanece ao lado da mesa, e sua única tarefa é manter a pequena Virginia entretida. A gueixa veste um quimono de seda brilhante, usa batom púrpura, pó branco no rosto e tem os cabelos escuros. Uma complexidade de boas maneiras e servidão.

No final dessas refeições, uma tigela para mergulhar os dedos é posta diante de Virginia, e um pequeno recipiente de prata com água morna e perfumada e um crisântemo branco boiando na superfície. Virginia mergulha os dedos na tigela, e sua gueixa particular permanece ao seu lado, segurando um fino lenço bordado, para secar suas mãos. Virginia considerava tudo isso normal e maravilhoso.

— Eloise, no Plaza — ela dizia —, não vivia melhor do que a gente.

No entanto, a realidade da economia japonesa era a seguinte: durante a guerra, as forças Aliadas bombardearam os principais centros industriais do país, estraçalhando-os. No dia 29 de maio de 1945, por exemplo, 454 Boeings B-29s Superfortress atingiram o município de Yokohoma, destruindo 42% da sua área em pouco mais de uma hora e matando mais de 7 mil pessoas. O general Curtis LeMay, com seu Grupo de Bombardeio número 468, usou bombas incendiárias AN-M76 com PT-I (Pyrogel) para atear fogo na cidade. O napalm tomava conta do ar e destruía a pele humana, ardendo entre novecentos e mil graus Celsius, em ponto de combustão.

Após a campanha de LeMay (e a destruição de Hiroshima e Nagasaki) a infraestrutura econômica japonesa teve de ser completamente reconstruída. “Um mundo melhor deve emergir do sangue da carnificina do passado”, disse o general Douglas MacArthur, na cerimônia formal de rendição, a bordo do USS Missouri.

E surge a mãe de Virginia, que começava a beber logo pela manhã, imediatamente após o café (ou, com cada vez mais frequência, ao invés do café). O mordomo prepara para ela uma gim da marca Beefeater com tônica, servido sobre cubos de gelo e um pedaço generoso de limão, com um pouco de suco cítrico e polpa pungente. Ou um Manhattan: uísque Cascade Tennessee, uma pitada de Peychaud’s Bitter e vermute doce em uma taça para coquetel, com uma cereja mergulhada no fundo, como se fosse o olho de um deus cego. Ou um Château Latour Grand Vin 1929, servido em uma taça em forma de sino (um Bordeaux com notas doces, de frutas escuras, e toques de tabaco, cedro e cereja). Ou uma vodka não filtrada, cristalina (servida com gelo picado), caso ela precisasse apenas alcançar o objetivo de se embriagar.

A mãe de Virginia bebia o dia inteiro. Lenta, regular e incessantemente. Garrafas inteiras de saquê desapareciam, uma após a outra. Ela não tinha

responsabilidades em casa. Sua equipe incluía três empregadas em tempo integral, um mordomo, uma cozinheira e uma governanta.

Os filhos adultos de alcoólatras atestarão o caráter ingovernável do comportamento dos pais, e como eles são imprevisíveis e propensos a intensas alterações de temperamento. No caso de Virginia, uma punição severa surgia por causa das menores coisas: deixar um guardanapo aberto sobre a mesa do jantar após uma refeição, franzir a testa quando pediam que fizesse alguma tarefa ou bocejar durante uma conversa.

— Pode escolher — dizia sua mãe, segurando uma série de gravetos estendidos na direção da filha, oferecendo-lhe uma escolha.

Nunca escolha o menor, Ginny rapidamente aprendeu. *O menor é o que mais machuca*. Sua ponta é mais voraz, atingindo a pele com mais facilidade, físgando e cortando como uma lâmina faminta.

A família é algo frágil, que pode ser destruído por esse tipo de violência. O que as crianças necessitam (realmente necessitam) é serem acompanhadas ativamente e com atenção. Escuta. Paciência. Tempo. Nada disso pode ser oferecido por uma pessoa perdida em uma névoa de álcool. Portanto, enquanto ela crescia (quando suas necessidades foram se desenvolvendo, ficando mais complexas) fissuras começaram a aparecer na vida de contos de fada de Virginia.

2

Em junho de 1951, a Guerra da Coreia emergia, e os militares norte-americanos voltaram sua atenção para o oeste do Japão. O número de pessoas nas ilhas japonesas definhava. Por conta disso, o exército transferiu a família Corbett, afastando-a do esplendor de sua vida insular.

No porto de Yokohama (dando adeus a um cortejo de oficiais japoneses), os Corbett receberam flores, cartões e vários *souvenirs* de sua estadia no Japão. O prefeito da cidade estava presente e, ao lado dele, no chão, havia uma pequena cesta de vime. Virginia não parava de olhar para ela e poderia jurar tê-la visto se mover sempre que dirigia o olhar a outro ponto.

Os oficiais ofereceram um bracelete de prata à sua mãe, além de um lindo quimono de seda. Ao seu pai, deram uma caixa de papel de carta personalizado. Porém, o que aconteceu logo depois ultrapassou todas as possibilidades, todas as expectativas: o prefeito sorriu, curvou o corpo em direção à cesta e dela tirou um lenço de seda que envolvia uma pequena criatura, um animal marrom e branco, com quatro patas, que cabia na palma de sua mão: um cachorrinho da raça akita.

Ele fez uma reverência, depois o ofereceu à Virginia.

— O nome dele é Oji — disse o prefeito, sorrindo. — Significa *príncipe* em japonês. Espero que seja um lembrete do tempo feliz ao nosso lado, no Japão.

Embora Virginia ainda não soubesse, aquele cachorrinho curioso representava uma espécie de milagre e, imediatamente, o animal baixou o focinho e começou a lamber o punho da menina. No final de 1944, atacado pela fome, o governo de Hirohito ordenou que todos os cães não militares do país fossem sacrificados. Contrariados, os donos de cães enviaram seus animais a áreas selvagens ao norte do país, com o intuito de salvá-los.

Apenas 18 akitas chegaram vivos ao fim da guerra. Eram sobreviventes, cães que resistiram como um símbolo da reabilitação e resistência.

— Virginia — disse sua mãe, com uma expressão carrancuda. — Eles não a fariam devolver o cãozinho, certo?

A menina não deu chance para que sua mãe dissesse mais nada. Virou de costas, correu para o barco e se escondeu, junto com Oji, no fundo do deque. Ninguém a encontrou, e ela só reapareceu horas após o início da viagem.

Os Corbett voltaram à rotina da vida militar, passando por várias bases: El Paso, no Texas; Fort Sill, em Oklahoma; e Colorado Springs, no Colorado. O exército plantara tais bases em áreas rurais e empoeiradas, sem nenhuma gueixa por perto, sem tigelas para lavar os dedos, sem cerimônias luxuosas, sem inúmeras garrafas de saquê de alta qualidade.

A mãe de Virginia descontou seu descontentamento na filha.

— Você era tão insignificante, Virginia — ela costumava dizer quando a filha a desagradava em atos sem qualquer importância —, que certa vez eu esqueci você em um berço. Sem dúvida, *sem qualquer dúvida*, você nunca conseguirá nada nesta vida, minha querida.

E a história era verdadeira. Certo dia, a mãe de Virginia a esqueceu em um berço.

Isso aconteceu durante uma mudança de uma base militar a outra. Virginia era um bebê e sua mãe estava bebendo muito, tanto que perdeu a filha. Ela esqueceu a menina. Deixou-a em um berço, enquanto levava várias caixas de uma casa à outra. Quando chegou lá, abriu uma cerveja e colocou um disco de 78 rotações para tocar. Ela adorava “Chatanooga Choo Choo”, da Glenn Miller Orchestra, e ficou ouvindo a música, tomando mais algumas cervejas. Dançou no interior da nova casa, ouviu o mesmo disco inúmeras vezes, repetindo sua canção preferida, e também ouviu o outro lado, “I Know Why (And So You Do)”. Ela desempacotou algumas coisas, mas deixou grande parte das caixas intactas. Bebeu mais do que trabalhou. E acabou desmaiando.

Quando voltou a si, eram quase cinco da tarde... Tudo estava muito calmo. Só então ela percebeu: *Eu esqueci o bebê. Eu esqueci o bebê e preciso recuperá-lo*. Pensou em voltar sozinha, mas não encontrava as chaves do carro. Não havia telefone disponível. Ela bateu na porta ao lado. Encontrou outra esposa de militar e lhe explicou a situação da melhor

maneira possível, *sorrindo* enquanto falava. Ela conseguiu se lembrar do seu antigo endereço; isso foi uma sorte. A vizinha saiu correndo e encontrou Virginia ainda dentro do berço, mas desidratada e chorando, gritando o mais alto que podia, com os lábios rachados, o rosto vermelho, cheio de manchas.

Essa história já era ruim o bastante. No entanto, a mãe de Virginia gostava de contá-la, por alguma razão cruel, em coquetéis com outros casais de militares, enquanto Virginia estava presente, ouvindo. Era uma coisa realmente intrigante. O som da voz de sua mãe, pastosa e arrastada, ecoa na cabeça de Virginia até hoje — assim como o som contínuo de sua risada quando estava bêbada.

Como ela poderia se sentir em casa em um ambiente assim, sempre correndo perigo, sempre sendo ridicularizada, e ainda por cima sendo uma menina pequena? Nesse tipo de lugar, quem seria seu herói? Quem a resgataria, quem ficaria ao seu lado no meio desta selva de raiva e vício?

A resposta, claro, era Oji. O príncipe.

3

Oji cresceu e se tornou um lindo cão. Corpulento, marrom e branco, com patas grandes e um rabo que se curvava tal ponto de interrogação.

Akita é a raça de cão símbolo do Japão. Uma raça antiga, anterior à história escrita do país. O akita é famoso por sua lealdade e bravura. Em parte, sua renomada força nasce do fato de ter sido (durante muitos séculos) criado para participar de brigas de cachorros. Ele era reconhecido pelo seu tamanho e poder. Em meados do século XIX, Nakano, um akita que vivia na base do monte Miriyoshi, no município de Akita, ficou famoso por medir quase noventa centímetros até as omoplatas. Seus donos colocavam duas crianças no seu dorso e passeavam pelo vilarejo.

Oji era um *akita matagi*, ou *matagi inu*, um cão caçador de ursos. Desde a era Tokugawa, os caçadores japoneses usavam *akita matagis* para caçar animais de grande porte (sobretudo ursos ou javalis de focinho branco), que eram mantidos em cativeiro até que os homens chegassem para abatê-los. Às vezes, a jovem Virginia imaginava sua mãe como um urso e Oji como seu caçador. “A mãe: encurralada na floresta, rosnando, escavando a poeira com raiva. E Oji, latindo e uivando, a saliva saindo de sua boca, furioso ao vê-la tentar escapar.” Eis sua fantasia adolescente.

O akita mais famoso, sem sombra de dúvida, foi Hachiko. Chu-ken Hachiko (o fiel cachorro Hachiko) pertencia ao doutor Hidesaburo Ueno, professor de engenharia agrícola na Universidade de Tóquio. Desde muito novo, em 1924, esse akita caminhava todas as manhãs, acompanhando o doutor Ueno até a estação de Shibuya. Depois, todas as noites, encontrava o dono na mesma plataforma. Foi assim durante mais de um ano, resultando em quase quatrocentos reencontros felizes, felicidade que era compartilhada pelo cachorro.

Porém, no dia 21 de maio de 1925, o doutor Ueno morreu em sua sala na universidade, vítima de hemorragia cerebral. Naquela noite, como sempre, Hachiko esperou pela chegada do trem. Quando o dono não apareceu, o cachorro simplesmente voltou para casa, para a residência familiar. E fez o mesmo, todas as noites, durante dez anos. Esse akita caminhava pelas ruas da cidade, depois esperava pacientemente pelo trem da noite. E não importava a temperatura. Podia estar fazendo muito calor ou nevando, ele se sentava no mesmo local em que seu dono costumava aparecer.

Estaria sonhando com o reencontro? Parado, descansando, esperando por um trem que nunca chegava? Como é o senso de passado dos animais? Suas memórias funcionam como as nossas? Eles se lembram, assim como nós, de imagens de um passado distante, que surgem em nossas mentes de forma inesperada, de maneira quase incontrolável? Após uma perda, também ficam se lembrando do indivíduo que perderam, de um ser amado, de um desaparecido?

Após a morte de Hachiko, em 1935, a estação instalou pegadas de bronze e uma placa no local em que ele costumava ficar. Sua estátua é o monumento mais visitado do Japão. A cada ano, no dia 8 de março (data da sua morte), a estação Shibuya promove um encontro solene, assistido por centenas de donos de cães.

No Japão, essa história ganhou importância nacional. Na última fotografia do corpo do akita, vemos onze homens, duas mulheres e uma criança. Todos afastam os olhos do fotógrafo. Eles olham para o corpo do animal, deitado sobre um estrado de madeira à sua frente. As mãos dessas pessoas estão unidas. Suas cabeças, de maneira quase uniforme, aparecem curvadas, em oração. Trata-se de uma mensagem poderosa: tanta gente reunida, rezando em nome da alma de um animal.

Assim como Hachiko, Oji era leal. Todos os dias, ele esperava Virginia voltar para casa, vinda da escola primária da base militar. Ele a recebia cheio de entusiasmo, na porta da frente, erguendo o corpo e subindo em seus ombros. Até hoje (passadas mais de seis décadas), ao fechar os olhos, Virginia Marshall ainda consegue vê-lo. Ele dá um salto no ar, curva o rabo para a esquerda e parece sorrir — pura alegria e esplendor. Seus pelos brancos e marrons ficavam repletos de energia estática, crispados, sem direção definida, cada um para um lado.

Oji seguia Virginia pela casa, como se notasse que ela precisava de proteção, acompanhando todos os seus passos. Muitas vezes, ficava parado na porta de um cômodo, com a cabeça apoiada nas patas e os olhos em alerta, observando. Mas também era seu colega de brincadeiras. Certo dia, em janeiro de 1953, um desastre tomou conta da sala de jantar da casa.

Tal cena se repete milhares de vezes, em quase todos os países do mundo. Uma menina de 11 anos de idade brinca com seu cachorro, no interior da casa. Uma bola de tênis viaja pelo ar. Logo depois, caído no chão, um vaso quebrado em milhares de pedaços. A surra que Virginia levou por conta disso foi inimaginável. No final, sua mãe se afastou, com as lágrimas misturadas ao suor resultante da punição física infligida à filha.

— Preciso descansar — disse ela, vendo a filha chorando, tremendo, caída no chão, bem à sua frente. — Isso foi cansativo. — Depois, disse ao marido: — Esse cachorro nunca mais entra em casa, entendeu? E ponto final.

Era inverno em Colorado Springs. Cinco graus abaixo de zero. Mas a mãe de Virginia se recusava a oferecer qualquer conforto ao cachorro. Oji passou a noite na varanda, encolhido, colado à porta, tentando aproveitar um mínimo de calor que escapava da casa. De manhã, Virginia implorou, desta vez ao pai:

— Não me perturbe — disse ele, saindo de casa. — A sua mãe é quem manda. Isso não é da minha conta.

Naquela noite, esperava-se um frio ainda mais intenso. Preocupada com o seu cachorro, e ainda mais preocupada com a punição que receberia se infringisse as normas da casa, Virginia ficou sentada no quarto, sem conseguir dormir. A casa estava às escuras, em silêncio. Ela esperou uma, duas horas e, finalmente, certa de que todos dormiam, seguiu em direção à porta da frente. Ela ficou um bom tempo sentada, com a mão apoiada na madeira fria. E Oji deve ter sentido seu cheiro, ou então sua presença, pois começou a choramingar. Ela abriu a caixa de correio da porta e sussurrou:

— Ah, Oji. Eu sinto muito.

E ele enfiou o focinho na abertura, um focinho mais frio que o habitual. Lambeu a borda da caixa dos correios e as pontas dos dedos de Virginia. Ela destrancou a porta, abrindo-a lenta e cuidadosamente, tentando não fazer barulho, mas a maçaneta rangeu. Em poucos segundos, Oji estava

nos seus braços, muito alegre, lambendo seu rosto, fungando seu pescoço e mordiscando a gola do pijama. Virginia fechou a porta.

Fazendo força para segurar um cão com mais de trinta quilos, Virginia correu de volta ao quarto. Oji parecia sentir que algo estranho acontecia, pois ficou quieto. Os dois entraram no quarto e se esconderam sob as cobertas.

— Aqui está você, *sir* — disse ela, segurando suas patas úmidas. — Seja bem-vindo de volta.

Aquecido, enrolado sob os lençóis, o corpo de Oji relaxou. Virginia sentia o ar frio abandonando seus pelos. E sentia sua respiração, que antes era profunda e frenética, se normalizar. Oji descansava ao seu lado, e os dois caíram no sono.

Isso se transformou em rotina. Assim que a casa ficava em silêncio, Virginia se aproximava da porta da frente. A porta era aberta e Oji pulava em seus braços. Eles seguiam até o quarto e dormiam entre as cobertas. De manhã, ela limpava tudo meticulosamente, pois não queria deixar nenhum pelo à vista. Passava um pano úmido nos pontos em que os lençóis ficavam sujos de lama. Depois o colocava do lado de fora, antes que alguém acordasse. Era preciso muita força de vontade e disciplina para fazer tudo isso sem usar um despertador, mas Virginia se recusava a ser vencida.

A presença de Oji se transformou em uma fonte de conforto para ela, que apoiava a cabeça sobre seu corpo e lia para ele, com a ajuda de uma lanterna.

— Pronto, senhor Oji — ela dizia. — E este é bom: *Rabbit Hill*. É sobre uma casa abandonada e sobre a família que vai morar nela.

Ela lia os livros uma, duas, três vezes... Sempre aos sussurros. Uma das histórias favoritas do akita, segundo Virginia, era *O segredo do Vale da Lua*, sobre uma menina órfã, Maria Merrywheater, que se muda para o palácio do primo.

Enquanto estavam deitados na cama, Virginia fazia confidências a Oji, relatando suas preocupações sobre a vida e a família. Ela relembrava o passado — um tempo que nunca voltaria, uma época em que se sentia adorada onde quer que estivesse.

— O senhor se lembra de quando eu era uma princesa? — ela perguntava, segurando uma pequena boneca nas mãos, mas conversando com o cachorro. — Você consegue imaginar uma coisa dessas? Todos os

doces que você queria, o dia inteiro? — ela murmurava, agarrando as bochechas do cão com as duas mãos. E o akita a encarava, sério, pensando na pergunta... E suspirava.

4

Em 1929, no livro *O mal-estar na civilização*, Sigmund Freud escreveu: “Não consigo imaginar uma necessidade infantil mais forte do que a necessidade de proteção paterna.” O pai de Virginia há muito tempo abdicara de suas responsabilidades. Porém, por fim, ele fez algo que acabou rompendo qualquer mínimo elo que restasse entre os dois. No início de uma manhã em 1953, pouco após a mudança da família para a cidade de Washington, o coronel Corbett, sem querer, atropelou Oji ao manobrar o carro na porta de casa.

Quando Virginia chegou da escola, o corpo do seu companheiro já tinha sido enviado a um veterinário, que se livraria dele.

“Fiquei inconsolável. Não o vi, não o toquei. Mas ninguém se importava. Eles agiam como se não tivesse importância.”

Isso, claro, foi um erro sem tamanho. Seu pai não apenas falhara ao protegê-la, mas a ferira de forma efetiva. Ele matou seu único amigo, e depois ignorou o problema.

— Fiquei tão chateada que repeti a quinta série — disse Virginia.

Virginia queria abraçar Oji e mergulhar o rosto em seu pelo. Como passava as noites chorando no quarto (com o dever de casa por terminar na mesinha ao lado da cama), a família agia como se Virginia não estivesse presente.

— Você precisa se esquecer disso, Virginia — disse sua mãe, com sua fala arrastada acentuando a lentidão com que pronunciava as palavras. — O cachorro está morto, e você não pode fazer nada para reverter isso.

Virginia se recusava a comer. Ela passava o jantar inteiro sentada, olhando para o prato, sem dizer nada, apenas ouvindo as vozes dos pais, mas sem qualquer interesse. Suas vozes pareciam distantes, distorcidas,

em grande parte incompreensíveis. Os professores de Virginia tiveram uma série de reuniões urgentes com o coronel Corbett. Como as reuniões eram à noite, sua esposa nunca estava bem o suficiente para participar. Eles recomendaram que a menina descansasse. Quando o descanso não resolveu, eles recomendaram outras coisas:

— Os senhores já consideraram a terapia de eletrochoques? — sugeriu um severo diretor.

A depressão como doença reconhecida é algo relativamente recente. Geralmente, e sobretudo entre os jovens, os sintomas são difíceis de identificar, porque a capacidade de articular o humor é algo que vem com a idade e o amadurecimento. Na década de 1950, não havia infraestrutura médica no local para ajudar Virginia. A Entrevista Diagnóstica para Crianças e Adolescentes — que serve de parâmetro para avaliar os transtornos de humor em crianças — só foi formulada no ano 2000.

Portanto, nos Estados Unidos de 1954, Virginia foi levada a uma instituição que cuidava de doentes mentais. Em uma linda manhã de verão, ela foi acordada com seus ombros sendo sacudidos. Ainda antes de abrir os olhos, sentiu o cheiro de gim (um cheiro ácido, de zimbro) e tentou mergulhar ainda mais a cabeça no travesseiro.

— Acorda — disse sua mãe. — Saia da cama, já.

E obrigou a menina a se levantar e vestir suas roupas, depois a carregou escadaria abaixo, levando-a em direção à porta da frente, onde um motorista a esperava dentro de um carro. Era um carro de passeio preto, comprido, com um teto polido e brilhante, que mais parecia um inseto à espera de sua presa.

— Aonde vamos? — perguntou Virginia.

Sua mãe se instalou no banco traseiro e disse à filha de 13 anos:

— Vamos procurar ajuda médica para o seu caso.

O motorista ligou o motor e começou a dirigir, sem dizer uma única palavra. Virginia roía as unhas, pressionando o rosto contra o vidro da janela.

— Que tipo de ajuda? — ela perguntou.

Sua mãe franziu a testa.

— Você fará uma avaliação psiquiátrica. Se descobrirem que está com problemas, será internada.

O carro girou uma esquina e lá estava ela, a fachada do St. Elizabeths, erguendo-se no horizonte como uma fortaleza medieval. Aquele foi o

primeiro hospital psiquiátrico dirigido pelo governo federal em todos os Estados Unidos. Ele foi criado em 1852, graças a um Ato do Congresso. Ao ser inaugurado, em janeiro de 1855, ficou oficialmente conhecido como Hospital do Governo para Loucos, tratando dos casos mais agudos, como o dos soldados da Guerra Civil, homens que ficaram loucos por conta da violência e brutalidades da guerra, por se esconderem atrás de pilhas de cadáveres, sob um fogo cerrado que atingia os corpos dos mortos com um silvo doentio, e pelos combates que muitas vezes se transformavam em brigas lamacentas com baionetas.

— Não estou mais triste — disse Virginia, olhando para as torres góticas do hospital. — Estou melhor.

— Vamos ver o que o doutor tem a dizer.

— Não, mãe. Eu vou me comportar bem... Eu juro.

Mas o carro seguiu em frente e, numa curva, pouco antes dos portões de ferro, Virginia segurou a maçaneta e abriu a porta. Ela saltou do veículo em movimento.

5

Virginia sobreviveu, com apenas alguns cortes e machucados. Mas saltar do carro em movimento em nada ajudou a convencer sua mãe, que a ergueu, sacudiu a poeira do seu corpo e apareceu, na hora marcada, para a consulta no hospital. As enfermeiras levaram a menina para um consultório grande. O psiquiatra surgiu através de uma porta dupla, que media uns três metros de altura e era feita de tábuas de carvalho envernizado. Ele se sentou de um lado de uma mesa larga, com tampo de vidro. Virginia e sua mãe sentaram-se do outro.

Ele vestia um jaleco branco. O cheiro no ar era antisséptico, de água sanitária. As cadeiras eram de couro, e as palmas das mãos de Virginia suavam coladas ao estofado. A janela era ampla e deixava passar muita luz. Havia passarinhos passeando por perto. Seus cantos eram abafados, mas podiam ser ouvidos no interior da sala silenciosa. O doutor fazia anotações enquanto a mãe de Virginia, em uma fala confusa e frenética, detalhava os problemas mentais da filha. Ele ouvia, e sua expressão era grave. Virginia ainda se lembra do seu lápis amarelo brilhante, e também dos seus óculos grossos, bifocais.

— Obrigado, senhora Corbett — disse ele, finalmente. — Isso será muito útil. Mas antes de dar um diagnóstico, eu preciso conversar com Virginia em particular.

A mãe de Virginia saiu da sala. O médico voltou sua atenção à menina. Ele esperou um momento, como se tentasse organizar seus pensamentos.

— Você sabe por que está aqui? — ele perguntou.

Virginia não respondeu imediatamente. Porém, quando respondeu, sua história saiu em uma torrente: ela sentia falta do seu querido Oji, temia a mãe e fora abandonada pelo pai. Impassível, o doutor ficou escutando sua

história. Em um primeiro momento, ela temeu ser julgada. Porém, falando entre lágrimas, deixou as preocupações de lado. Ao terminar, o médico entrelaçou as mãos sobre a mesa. A sala estava completamente iluminada, as janelas permitiam a entrada de luz do exterior.

— Virginia — disse ele, após um longo silêncio —, você tem mais familiares por perto? Avós? Poderia telefonar para alguém?

— O que o senhor está querendo dizer? — ela perguntou.

Ele se curvou sobre a mesa e lhe ofereceu um aparelho de telefone com um grande discador preto.

— Você precisa sair daqui — disse ele. — Agora.

Virginia fez a única coisa que veio à sua cabeça. Ligou para Munson, seu avô paterno. Cinco dias depois, foi morar com ele em Arlington, na Virgínia. E, assim, de certa maneira, Oji acabou salvando sua vida.

Ao lado de Munson Corbett, Virginia encontrou um lar, uma casa livre dos problemas que marcaram sua infância. No entanto, um detalhe ainda a assombrava e não saía de sua mente. À noite, quando fechava os olhos, ou mesmo em momentos calmos durante o dia, Virginia continuava sentindo falta de seu querido companheiro.

O que a incomodava era algo simples: ela não pôde se despedir de Oji. Portanto, para o resto de sua vida, este seria o maior desejo de Virginia: redimir os erros dos pais, ser responsável por sua própria família, cuidar dela, custodiá-la, ser sua guardiã, sua aliada. O passado não importava, ela lhes daria uma chance de terem o que mais desejavam.

PARTE 2

Hereditariedade*

Sou o rosto da família;
A carne perece, eu sigo em frente,
Projetando feições e traços Sempre anônimo,
E saltando de um lugar a outro
Vencendo o esquecimento.

THOMAS HARDY

* Heredity: I am the family face; / Flesh perishes, I live on, / Projecting trait and trace / Through time to times anon, / And leaping from place to place / Over oblivion.

6

1982. Virginia Corbett passara a ser Virginia Corbett Marshall, mais conhecida como “Ginny”. Ela se casou e se transformou na pessoa (e na mãe) que ela prometera a si mesma que seria. Tem dois filhos, um menino e uma menina, além de um marido que a ama e um coelho falecido recentemente.

Sua família acabara de se mudar de Wayne, na Pensilvânia, para McLean, um bairro rico da cidade de Washington, onde as casas ficam distantes umas das outras, entre lindos campos gramados. No final da rua da família Marshall morava Dick Cheney (congressista de Wyoming), que em pouco tempo seria o 17º Secretário de Defesa do país, e que acabaria sendo vice-presidente no governo de George W. Bush. Em todas as calçadas podiam ser vistos Mercedes e Cadillacs estacionados. Uma das propriedades, a poucos metros deles, tinha uma quadra de tênis no jardim.

E Peyton entra em cena, a inconsolável dona do coelho morto. Ela tem 10 anos, e usa aparelho ortodôntico. É muito magra e está com os pés descalços. De tempos em tempos, soluça com o rosto afogado na enorme manga de seu suéter de veludo roxo.

E Fielding, o filho de 12 anos, age como se estivesse entediado. Após inúmeros pedidos, ele finalmente deixara de lado seu Walkman. E caminha um pouco atrás do resto da família, bem devagar. Em poucos minutos (quando a irmã começou a chorar com vontade) ele acelerou o passo e segurou sua mão.

Ginny, com todo cuidado, guardou o coelho em um saco plástico, deixando as orelhas coladas ao corpo e colocando as patas sob o torso. Ela fez tudo isso chorando. Depois pegou o saco e o guardou em uma caixa de sapatos forrada com lenços de papel.

Por ali estavam Godfrey e Thistle, os cães da família, observando, atentos, o local exato do enterro.

E John, marido de Ginny e pai de Fielding e Peyton. Ele segurava uma pá.

— Queridos — ele disse, mas sua voz falhou no momento menos adequado.

— Johnny — disse Ginny, censurando-o.

— Sinto muito — ele retrucou, e pigarreou, para depois recomeçar: — Queridos, estamos reunidos hoje aqui para nos lembrarmos de...

E olhou para Peyton.

— Thumper Dumper — disse Peyton.

— Exatamente — ele comentou. — Ela foi uma coelha incrível. Não gostava de ficar no colo nem de ser tocada. Era durona e implacável.

Ginny pigarreou.

— Mas nós a amávamos — disse John, rapidamente.

— E agora será comida pelos cães — comentou Fielding.

— Amém — disse John.

Ginny virou-se para abraçar a filha, que chorava. A pá sulcou a terra. A caixa foi colocada no buraco na terra. Em muitos aspectos, tratava-se de um ótimo caixão, e os Marshall ofereceram uma elaborada (e até extravagante) despedida à coelha.

Ginny e John se conheceram em novembro de 1963, um dia após o assassinato do presidente Kennedy. Na tarde de 23 de novembro, Ginny foi a uma festa, em uma casa da sua cidade. Os anfitriões, por terem planejado o evento com meses de antecedência, não o quiseram cancelar, e imaginavam que as pessoas gostariam de se encontrar para compartilhar sua dor. Como todos os presentes, Ginny se manteve quieta e calma.

Porém, depois de mais ou menos uma hora, ela se aproximou de um canto da cozinha, onde encontrou um grupo de pessoas. Bem no centro, estava ele: um jovem cheio de entusiasmo, magro, de sobrancelhas grossas, segurando um copo de uísque em uma das mãos e gesticulando com a outra. Ele estava no meio de uma história, seus olhos permaneciam apertados, sua cabeça ligeiramente tombada, como se pudesse sentir a alegria da narrativa que se desenrolava.

— Sendo escoteiros, todos preparávamos nossa comida, entendem? — perguntou ele. Percebeu a presença de Virginia, fazendo um gesto para que

ela se aproximasse. — Íamos à loja em Kreidersville e comprávamos montanhas de pão de forma, uma dúzia de ovos e uma boa quantidade de leite. Com isso, preparávamos torradas francesas para vinte meninos. A frigideira estava ardendo, pois era aquecida na brasa. Nós pegávamos um pedaço de pão de forma, que molhávamos no ovo, depois no leite, e deixávamos na frigideira até tostar. A torrada francesa tem que formar aquela crosta deliciosa, que acaba unindo todos os ingredientes. Depois passávamos a espátula por baixo da torrada e a girávamos no ar, deixando que caísse em um prato, que era oferecido a um faminto menino de 12 anos. Esse menino arregalava os olhos. E, claro, ele sabia que não teria nada mais para comer. Por isso, derramava uma boa dose de xarope de bordo em cima da torrada, que metia goela abaixo... — Ele parou de falar, sorrindo, como todos os demais. — Nós vivíamos mortos de fome.

— Parece que você é um chefe de cozinha profissional — disse Ginny.

O jovem sorriu.

— Eu estava apenas compartilhando histórias do tempo que passei ao lado de Dan Tyrell, líder da Tropa 100 dos Escoteiros da América. — E olhou para ela, com os olhos brilhando. — Meu nome é John Marshall. Prazer em conhecê-la — disse ele.

— Ginny Corbett — disse Virginia, sorrindo e apertando sua mão.

Após a festa, Ginny terminou em um carro, ao lado de John, seguindo para Georgetown, com dois outros casais. Eles foram ao Bayou, um bar de música *folk* que aquela noite apresentaria um concurso de novos talentos. Aspirantes a cantores *country* e *western* vinham de longe para se apresentar naquele lugar, esperando que fosse o primeiro passo de uma carreira de sucesso. Eles não sabiam se haveria show naquela noite, dadas as circunstâncias... Porém, quando Virginia foi se certificar, a garçonete respondeu:

— Ah, claro. Nós ficaremos por aqui... Cantando, bebendo e chorando.

De todas as apresentações da noite, Virginia gostou especialmente de um jovem que dedicou sua performance ao presidente assassinado. Porém, quando os vencedores foram anunciados (o campeão e dois vice-colocados) o jovem não estava entre eles. Todos vaiaram. Uma garrafa foi atirada ao chão de madeira.

Ginny costumava manter um adorno de Natal preso ao cabelo, em um gesto festivo, uma brincadeira. Muita gente lhe perguntava sobre o adorno, que sendo algo antigo sempre dava início a uma conversa sobre os ritos

natalinos, ou mesmo sobre a história dos enfeites de Natal. Naquela noite, ela se aproximou do cantor. Ele estava guardando sua guitarra, uma Fender Champ amarela com braço de aço, cuja madeira polida brilhava, mesmo sob as tímidas luzes do bar.

— Você foi ótimo — disse ela, sem prelúdio. — É um crime não ter sido o vencedor.

— Obrigada, senhora — disse ele.

— Não — insistiu Ginny, com lágrimas brotando nos olhos. — Eu não acredito! Você foi o melhor.

E pegou o adorno, um globo prateado com pontos vermelhos, para lhe entregar.

Ele franziu a testa.

— Eu não sei muito bem onde colocar isso, senhora — disse ele.

— Bem — disse Ginny —, você veio de carro?

— Sim, senhora. Eu vim da minha fazenda, perto de Warrenton.

— Sendo assim, guarde-o no seu porta-luvas — disse ela. — Isso será uma espécie de amuleto da sorte. Tudo bem?

O homem ficou olhando para a bola de Natal, depois voltou a olhar para Ginny, que não piscava. Ele sorriu.

— Tudo bem, senhora.

John ficou observando da sua mesa. Mais tarde, ele lhe diria:

— Foi naquele momento que me apaixonei por você.

Ao lado de John, Ginny formaria uma família. E tentaria consertar tudo o que fora quebrado ao longo da vida, aplicando sua força de vontade indomável à dura tarefa da criação dos filhos. Não importava o problema, Ginny sempre persistiria; ela tentaria interromper o caos, a desordem e a injustiça quando aparecessem em sua vida. Se seus pais não foram presentes, ela sempre seria presente para seus filhos. Se seus brinquedos viviam em desordem, ela ofereceria a Fielding e Peyton uma série de brinquedos ordenados e perfeitos para a idade dos filhos. Se não teve uma infância estruturada e estável, ofereceria tudo isso à geração seguinte.

Havia regras, muitas regras. Os jantares em família eram feitos à mesa. Não eram aceitos chapéus nessa hora. Todos tinham de limpar os pratos. E se sentavam com a mão no colo, em cima do guardanapo. Uma vez por semana, eles organizavam um jantar formal, para que os filhos aprendessem a se comportar em qualquer ambiente social, para que

pudessem fazer brilhar suas personalidades. E eles assistiam a uma hora de televisão educativa por dia. Não usavam sapatos de rua dentro de casa. Não batiam a porta da frente. Não deixavam a porta aberta. Não se chutavam, beliscavam, socavam, batiam nem faziam qualquer brincadeira desse tipo. Não desenhavam nas paredes. Não traziam animais desconhecidos para casa.

Essa última regra era especialmente dura de ser seguida. Peyton e Fielding não paravam de levar animais para casa. Levaram uma pequena lagosta, capturada no riacho que passava bem atrás da propriedade e que fora transportada em um balde lamacento. Levaram um sapo, um inquilino surpresa do banheiro do térreo, e que foi cerimoniosamente instalado na pia, com direito a tufo de grama e pedras para simular seu habitat natural. Levaram um pequeno esquilo, que por algum motivo subiu pelas pernas de Peyton em uma festa de aniversário. Levaram também dois gatos, encontrados em um beco, além de um rato pequenino chamado Timothy.

Timothy foi um caso especial. Um lindo ratinho branco, com pequenos olhos pretos, resgatado de uma loja de animais que o mantinha como alimento para cobras. Ele morava em um tanque com serragem, no *closet*. Após uma longa vida para um rato (quase dois anos de felicidade na casa dos Marshall), desenvolveu um grande e purulento tumor na nuca.

— O que é isso? — Fielding perguntou à irmã. — Parece que uma segunda cabeça está crescendo nele.

Então, em um sábado, Virginia, John, Peyton e Fielding entraram no carro e levaram o rato ao veterinário. O homem o examinou com cuidado, usando um espelho de aumento. Sua expressão era sombria.

— Pode ser benigno — disse ele, finalmente. — Mas vamos precisar remover.

— Ótimo — disse John. — E quanto vai custar?

— Não sei ao certo — respondeu o veterinário, franzindo a testa. — No entanto, pelo que vejo, uns cem dólares.

— Cem dólares! — gritou John. — Em 1958, eu comprei *um carro* com cem dólares.

Mas o veterinário seguiu em frente:

— ... além de cinquenta dólares para uma cortina de privacidade.

— Privacidade? — perguntou John. — Para um rato?

— Para que ele não veja a operação.

— Eu quero que *ele* veja a operação — disse John. — Estamos gastando cem dólares para salvar a vida de um rato.

O rato voltou para casa com uma série de recomendações mimeografadas com tinta púrpura. Uma vez por semana, deveria tomar um banho de enxofre na pia da cozinha. O enxofre inibiria o reaparecimento do tumor, segundo afirmou o veterinário.

— É impossível saber quanto tempo ele vai durar — disse o homem.

Durante um ano, todas as noites de domingo, Ginny enchia a pia de água amarelada por conta do enxofre. O cheiro era de dez ovos podres. Peyton e Fielding pegavam o rato em sua gaiola e o levavam à mãe. A habilidade dos ratos de aprender com as experiências não pode ser questionada: Timothy se escondia nos braços das crianças, morrendo de medo, tentando evitar o tratamento médico. Mas Ginny levava o trabalho a cabo. Seus punhos passaram um ano coberto de arranhões — trabalho de um único rato, assustado, movendo suas garras de maneira enlouquecida.

7

Na única vez que Fielding e Peyton viram a avó, ela usava um vestido de lantejoulas vermelho e preto, e estava deitada na cama (à uma da tarde), completamente maquiada, com os cabelos cinzentos perfeitamente ondulados. Era 1986, e a família estava de férias. Ginny decidira, após uma grande angústia, que seus filhos deveriam, pelo menos uma vez na vida, ficar cara a cara com a avó. Os Marshall alugaram um trailer Winnebago e seguiram para a costa da Flórida. Durante o primeiro dia, John e Ginny dirigiram em um silêncio tenso. Em geral, costumavam falar bastante nas viagens em família, com John cantarolando canções que falavam sobre estradas e Ginny organizando as atividades que fariam durante o passeio: registrar os nomes das cidades por onde passavam e brincar de jogo do alfabeto com as placas dos carros. Mas não desta vez.

Quando John e Ginny se casaram, reservaram uma capela no Cemitério Nacional de Arlington, local muito usado para casamentos, sobretudo entre famílias de militares. Era 27 de novembro de 1965. Imediatamente antes da cerimônia (vendo Ginny começar a lacrimejar) o homem que tocava o órgão se aproximou dela e disse:

— Não temos tempo para choro. Nossa agenda está cheia. Dez casais, só hoje.

Havia uma cerimônia por hora. Ginny convidara sua família inteira, mas apenas duas pessoas apareceram: Munson e, sob protestos, seu pai.

Ginny sempre sonhara com uma festa de casamento usando um vestido adequado para o período da manhã, com os homens vestindo paletó com abotoadura simples, calças listradas e suspensórios. Mas seu pai se negara — no dia do casamento. Ele chegou vestindo a roupa que ela pedira, mas

levou também seu uniforme militar, e exigiu que Ginny esperasse, pois trocaria de roupa.

— Eu ficarei melhor vestindo isso — disse ele, apontando para o uniforme. — No mínimo, ficarei adequado.

— É o meu casamento — disse Ginny. — Não o seu.

O organista começou a entoar o “Trumpet Voluntary”, de Henry Purcell. O coronel Corbett olhou para a filha. Ele franziu a testa. Depois deu o primeiro passo em direção ao corredor, quase fazendo-a tropeçar, já que a puxava com força.

— Eu me sinto um idiota vestindo isso — disse ele, olhando para trás.

A sua mãe, é claro, não apareceu. Porém, anos mais tarde, Ginny ficou sabendo que sim, ela esteve presente. Ela pegou um táxi até a capela e passou toda a cerimônia no interior do carro, ao lado da entrada, com o taxímetro ligado. Tudo o que viu foi sua filha saindo, casada, da capela. Depois, sem dizer nada, foi embora.

Naquele dia, porém, Ginny estava indo até ela. Na manhã do segundo dia de viagem, os Marshall estavam em uma estrada de terra, sem sinalização, mas bem perto de Seaboard, na Carolina do Norte. Havia algumas casas por lá, e os lotes eram demarcados com cercas de madeira rústica. Aquilo era terra agrícola, embora apenas uma pequena parte estivesse sendo cultivada; o resto permanecia abandonado.

Quando chegaram, ninguém os recebeu. A porta estava aberta.

— Olá! — gritou Ginny, entrando na casa. — Olá!

No entanto, ela sabia onde encontrar a mãe. Por instinto, ela sabia. E subiu as escadas, seguindo em direção ao quarto principal. Lá estava sua mãe, esperando pela filha e sua família, com uma garrafa de vinho tinto na mesa de cabeceira.

— Ah! — disse Ginny, entrando no quarto. — Aqui está você.

Sua mãe sorriu, com os olhos marejados.

— Que gentil da sua parte ter vindo hoje — disse ela.

Ginny balançou a cabeça e suspirou.

— Peyton, Fielding... Esta é Louise Anne Slocumb, minha mãe.

Naquelas palavras — *minha mãe* — havia algo crucial. Ginny não lhes disse “sua avó”. Era quase como se não quisesse que a relação afetasse seus filhos. Ela não queria que criassem qualquer tipo de laço com aquela mulher. Se pudssemos comparar o código genético dos humanos a cerdas

policromáticas (trançadas como um cabo fibroso, como os usados em pontes), Ginny poderia ser vista desmembrando-as, ou tentando desmembrá-las, separando as cores e extraíndo-as, ou tentando extraí-las.

Peyton ficou olhando para Louise. Ela parecia chocada ao ouvir esse nome completo, que até então nunca ouvira. *Louise Anne Slocumb*. Dava a sensação de uma punhalada.

Fielding se aproximou e inclinou a cabeça.

— Prazer em conhecê-la — disse ele, e sua voz simulava o tom de um robô.

Ginny ficou em silêncio. Sua mãe não respondeu.

Um segundo. Dois. Três.

— Louise — disse John —, acho que deveríamos descer e dar um tempo para você se arrumar.

Os vizinhos tinham um trampolim, algo que as crianças perceberam no caminho.

— Vamos lá para fora — Fielding murmurou a Peyton, e os dois correram escadaria abaixo, voltando à porta de entrada, para nunca mais atravessá-la.

Foi a última vez que Ginny viu sua mãe viva.

Mais tarde, um bom tempo após essa visita, em uma noite de setembro, Ginny e John chegavam em casa, vindos de um jantar no centro da cidade. A casa estava às escuras, menos a cozinha, cujas lâmpadas amareladas brilhavam no meio da noite. A máquina de lavar louça estava ligada. A babá (de 18 anos, pouco mais velha que Fielding e Peyton) lia *Ayla, a Filha das Cavernas*, e mascava um chiclete de frutas com voracidade.

Ginny pagou à menina, oferecendo-lhe uma nota de cinco dólares.

— As crianças não comeram — disse ela, vestindo o casaco. — A pizza está na geladeira. Ah... O seu pai ligou para dizer que sua mãe morreu.

O funeral, praticamente vazio, aconteceu em um dia ensolarado, um lindo dia. Enquanto o corpo de sua mãe era enterrado, um pássaro cantava, sem parar, entoando sempre a mesma melodia, a mesma nota, uma nota pungente, persistente.

E Ginny pensou, mesmo sem querer: *Eu te perdoo*.

8

Crescer em Washington, na década de 1980: a subcultura punk tomava conta dos subúrbios. A guerra nuclear era quase uma certeza. Segundo Peyton:

— Eu acho que, *quando* a guerra começar, vou simplesmente sair de casa e me sentar na grama. Será melhor morrer queimada do que sobreviver a um inverno nuclear.

Ginny queria, e queria desesperadamente, que seus filhos participassem dos rituais familiares. As regras na casa eram várias, e de alguma forma não paravam de se multiplicar. Quando Peyton e Fielding se tornaram adolescentes, cada vez se preocupavam menos com tais exigências. Eles entendiam a necessidade de ordem da mãe, mas nunca paravam (nunca mesmo) para pensar de onde tudo isso viera.

— Vamos nos sentar todos juntos para fazer uma refeição — disse Ginny — e contar um fato significativo do nosso dia.

Quando ninguém aparecia, ela dizia:

— Por favor, poderíamos nos sentar e conversar civilizadamente, de uma maneira educada?

Ou:

— É hora do jantar. Fielding, Peyton, por favor, desçam.

A casa tinha interfone. E Fielding gravou Virginia falando nele. O filho esperava que ela terminasse, depois apertava o botão de falar, o que fazia a voz dela ressoar na casa inteira, reverberando como um eco.

— Mãe — ele dizia —, você está repetindo a mesma coisa centenas de vezes. Isso é tão estranho

— Você deveria prestar atenção nisso, mãe — comentaria Peyton, falando no seu interfone.

— É — disse Fielding —, nós nos preocupamos com você.

— Você deveria descansar, mãe — disse Peyton. — Já é hora de jantar?

O que Fielding e Peyton não sabiam (e nunca poderiam imaginar) era que sua mãe chorava na cozinha quando eles iam para a cama. Ela trabalhava duro, tentava transformar a infância dos filhos em algo mágico. Aliás, mágico não, ideal. Porém, o comportamento das crianças era uma evidência de seu fracasso. Ela não conseguia controlá-los. Eles não desciam para jantar quando ela os chamava. Não se comportavam bem em certos lugares. E ela não conseguia se aproximar o suficiente dos filhos para tentar fazer com que entendessem a importância de tudo isso.

Havia, é claro, Benson, o bichon frisé da família. Os Marshall adotaram Benson na sociedade protetora dos animais do condado de Fairfax, na Chain Bridge Road. Os donos anteriores do animal não conseguiam conviver com seu latido, a sociedade protetora dos animais avisou a eles. E era mesmo duro. Peyton, Fielding, John, e até Ginny, não paravam de repetir, dia e noite: “Benson, quieto!”.

Benson latia para os carros que passavam na rua, para os esquilos que subiam nas árvores, para quem passasse praticando corrida, para os carteiros, para quem viesse consertar alguma coisa em casa. Além disso, costumava entrar nos quartos. Certo dia, por exemplo, entrou no quarto de Peyton, que estudava, e esperou sua presença não ser notada para saltar no colo da menina, uivando o mais alto possível, com toda a força. Ele latia até para as mudanças de temperatura.

Certa tarde, sozinhos em casa, logo após terem voltado da escola, Fielding e Peyton chegaram a uma conclusão: Benson estava entediado, por isso latia tanto. A própria Peyton, que se entediava facilmente, adorava aproveitar esses momentos para pintar o cabelo. Portanto, se os pelos dos cães são tão parecidos com cabelos, por que não pintar os pelos brancos de Benson de uma cor menos entediante? Algo mais festivo, mais colorido.

— O que você acha, Fields? — perguntou ela ao irmão, certa noite, assim que terminaram os deveres de casa e demonstraram tal feito à mãe. — Deveríamos pintar o cachorro?

— Sendo assim — respondeu Fielding —, que cor deveríamos escolher?

Eles levaram Benson ao banheiro, atraindo-o com um biscoito próprio para cães. Essa parte foi fácil. Depois vestiram capas de chuva para se protegerem dos movimentos do animal, que em breve ganharia uma nova

cor. E lhe ofereceram mais biscoitos para cães, aproveitando para aplicar o corante de alimentos em Benson. Peyton começou pelas extremidades: um pouco de azul nas pontas das orelhas, um pouco de vermelho na ponta do rabo, um pouco de verde no topo das patas. Leves toques, na verdade. Nada muito forte. Depois fez algumas listras. Uma espécie de pintura indígena. Aos olhos de Peyton, o resultado era incrível. Ele parecia um cachorro punk.

Ginny entrou em casa, cansada, pensando no jantar e segurando um livro de bolso e papéis amontoados no interior de um fichário. As crianças ouviram o barulho da porta automática da garagem se abrindo e se apressaram. Depois ouviram o trinco da porta sendo aberto. A maçaneta sendo girada. A porta sendo aberta. Benson correu, agitado, para receber Virginia.

Seguiu-se um momento de silêncio. Depois, em um tom que misturava censura e lamento, ela gritou:

— Ah, não! Ah, não! O que vocês fizeram?

E eles ouviram seus passos. A mãe subia as escadas.

— Fielding! Peyton!

Os passos se aproximavam da porta.

— Meu Deus... Ele está parecendo um arco-íris!

Os adolescentes não aguentaram e começaram a rir, contorcendo-se. *Incrível*, eles pensaram. Aquilo... aquilo era poder. Aquilo era uma forma de combater a frustração dos pais. Uma colaboração alegre. Uma espécie de loucura. Uma febre.

Mais tarde, naquela mesma noite, murmurando no quarto de Peyton, Fielding perguntou:

— Você os imagina passeando com um cachorro púrpura pela vizinhança? Todo púrpura, cem por cento púrpura?

— Com uma tinta semipermanente? — perguntou Peyton.

— Claro — respondeu Fielding. — Seria apenas uma camuflagem.

— Camuflagem para quê?

Fielding fez uma pausa.

— Para qualquer coisa púrpura?

Por algum motivo, isso fez os dois caírem em uma risada incontrollável.

Naquela mesma semana, Peyton comprou um tubo extra, de cor ultravioleta, na descolada loja Commander Salamander. Na quarta-feira à

noite (com Ginny e John no porão, vendo um filme) Fielding e Peyton entraram em ação. Eles levaram Benson à garagem e lhe mostraram o tubo de tinta de cabelo. O cachorro pareceu adorar. *Quem imaginaria que Benson era fã da marca de tinta Manic Panic?* Para Benson, era apenas uma forma elaborada e prolongada de carinho. Ele estava sendo acariciado, mas também (e sem dúvida) transformado. Mas valia a pena, não? Para ganhar carinho? E biscoitos para cachorro. Muitos, muitos biscoitos. Que noite maravilhosa! Que ótima ideia! Ele correu escadaria abaixo e saltou (brilhando, púrpura e ainda um pouco úmido) no colo de Ginny, cujo grito foi ouvido em todos os cantos da casa.

Mais tarde, na garagem, sendo forçado a limpar o pelo de Benson, Fielding decidiu que seria muito mais eficiente tosá-lo. Portanto, ele e Peyton colocaram as mãos à obra, usando um antigo tosador elétrico, cujo ruído deixou Benson um pouco assustado. Ele reclamava, mas não parava de receber biscoitos, e os dois conseguiram tosá-lo completamente antes que Ginny ouvisse o som da máquina. Ela abriu a porta, e sua curiosidade se transformou em susto.

— Não! — ela gritou, correndo em direção à tomada. — O que vocês estão fazendo?

Por conta disso, durante quase quatro semanas (como Fielding imaginara), Virginia passeou com seu cão praticamente sem pelos, e ainda com toques púrpura, pelas ruas da vizinhança. O que Fielding não calculara muito bem, no entanto, fora a capacidade de sua mãe para enfrentar certos problemas. Em seu armário, ela guardava um pequeno suéter de lã, um suéter do tamanho perfeito para um cachorro. Usando-o, Benson parecia praticamente normal... Exceto por ter uma das patas púrpura.

9

Março de 1991. A Letônia votou e aprovou sua própria independência, desligando-se da União Soviética e pondo fim a quase cinco décadas de ocupação estrangeira do seu solo. O voo 585 da United Airlines caiu em Colorado Springs. Com a unidade de controle do seu leme repentinamente desestabilizada, o avião despencou mais de 25 mil metros em nove segundos, caindo no parque Widefield e matando 25 passageiros e toda a tripulação. Seu impacto contra a terra gerou uma cratera de quatro metros e meio de profundidade e dez metros de largura. A polícia de Los Angeles parou Rodney King e o espancou, sem saber que a surra estava sendo gravada. A Exxon concordou em pagar 1 bilhão de dólares de multa após o desastre *Exxon Valdez*. A Albânia celebrou suas primeiras eleições democráticas em quinze anos. O Conselho de Segurança das Nações Unidas votou o fim do embargo ao Iraque. E Fielding Marshall, com seus cabelos ruivos descontroladamente emaranhados e o rosto repleto de sardas por ter passado muito tempo sob o sol, era um calouro na Universidade da Virgínia em Charlottesville.

Charlottesville estava a apenas três horas de carro de McLean, mas era bem diferente do bairro de Washington. A cidade era menor, dominada pelos acontecimentos em torno da universidade, com seu ritmo sazonal e multidões de estudantes em busca de comida barata, roupas, discos e (mais importante de tudo) cerveja.

Naquele momento, Fielding perdera sua colega de conspirações. Peyton atravessara o país para estudar no Reed College, em Portland, no estado de Oregon. Fielding estava se sentindo sozinho, mas ao mesmo tempo, ocupado — ocupado demais, por exemplo, para tomar banho. Ele usava sandálias papete com meias grossas de lã. Comia barrinhas de Snickers no

café da manhã. Isso foi quatro anos antes da morte de Jerry Garcia, mas as fitas do Grateful Dead tomavam conta do chão do seu Nissan 300ZX. Ele gostava de dirigir ao sopé dos Apalaches e estacionar à beira da estrada. Parado, ele colocava uma fita para tocar e cantava “Sugar Magnolia” o mais alto que podia, chapado.

Fielding a conheceu em uma festa. Magra, linda, com cabelos castanhos e lisos, vestindo uma blusa folgada de linho (com bordados vermelhos e prateados no colarinho). Ela estava de pé, sozinha, tomando água com gás. Ele meio que a conhecia, era namorada do amigo de um amigo — alguns graus de separação. Ela se apresentou: Rebecca. Rebecca Hillsdale. Acabara de sair da aula de yoga. Conversando, Fielding revelou que também praticava yoga.

— Sou profundamente dedicado — disse ele.

— Sério? — ela perguntou.

— Claro — respondeu Fielding. — Quer dizer... Agora eu sou.

E sorriu. Ela sorriu de volta.

Em pouco tempo, ele conheceu o resto da história daquela menina. Seu namorado (o tal amigo do amigo) fora embora da cidade. Portanto, Fielding se voluntariou a acompanhar Rebecca em algumas aulas de yoga. Certa tarde, foram para o apartamento dela. Tomaram algumas taças de vinho. Ele passou a noite por lá.

De manhã, Rebecca, deitada ao seu lado, disse:

— Você precisa saber de uma coisa. — Ela aproximou o corpo no dele, acariciando seu queixo mal barbeado. Ela fez uma pausa. Ele ficou esperando, ouvindo o som da própria respiração, um metrônomo regular. — Uma das aulas que faço — disse ela — é de yoga pré-natal.

Uma pausa. Outra batida do coração.

— Tudo bem — disse ele, em um tom de voz calmo.

— Tudo bem? — ela perguntou. E havia um tom de alguma emoção violenta na sua voz, algo que Fielding deveria ter percebido. No entanto, Rebecca imaginou que ele não entendera nada. — Eu vou ter um bebê — ela explicitou.

Ele fez uma pausa.

— Isso é legal — disse ele. — Muita gente tem bebês.

Ela fez uma careta.

— E essa gente costuma acordar ao seu lado, em uma manhã de sábado?

Fielding a olhou nos olhos.

— Nem tantas assim — disse ele.

E olhou para seus ombros nus, quase resplandecentes sob a fina luz matinal. A ideia de quão vulnerável ela estava, saber que ela abrigava uma vida humana no interior do seu corpo, era algo poderoso para Fielding.

— Qual é a sensação? — ele perguntou.

— Uma contagem regressiva — ela respondeu. — E eu não acredito muito no que está acontecendo.

— Sendo assim, fico feliz que esteja aqui.

— Eu também — disse ela.

— Você prefere menino ou menina?

— Prefiro que seja surpresa — ela respondeu.

Fielding pousou as mãos no ventre de Rebecca e pensou: por que não poderia ser uma espécie de protetor? Talvez ele estivesse precisando exatamente disso. Talvez isso o ajudasse a se tornar a pessoa que (no fundo do coração) ele desejava ser. Por que não serviria para esse papel? Era talentoso, inteligente, divertido. E imaginou a si mesmo no futuro, brincando com a filha em um parque. Levando-a ao ponto do ônibus escolar, todas as manhãs. Ensinando-a sobre a história de Roma (tema que, graças a John, aprendera com detalhes). Sua mente foi tomada por leves, esperançosas imagens. Por que não poderia ser um modelo de pessoa? Por que não poderia ser um pai substituto?

10

Hatha é uma palavra do sânscrito que significa “ato de pilhagem ou saque”, ou “obstinação” ou (ainda mais interessante) “chacina”. Embora alguns digam que o termo “yoga” surgiu da palavra que significa “arte mágica” ou “união da alma individual com a alma universal”, há evidências também para afirmar que ele deriva da palavra usada para dizer “união”. Seja lá qual for o caso, não resta dúvida de que um dia a técnica pretendia, pelo menos em parte, acalmar as mentes dos soldados (e fortalecer seus corpos) antes de entrarem em uma batalha.

Rebecca adorava o vazio da prática da yoga, especialmente ao ter seu corpo preenchido com outra vida. Fielding, por sua vez, adorava Rebecca.

— Ouvi dizer — disse ela — que o próprio Shiva ensinou as posturas à deusa Parvati. Ele achava que estavam sozinhos em uma ilha, enquanto as ensinava, mas um peixe escutou tudo, e mais tarde se tornou o grande iogue Matsyendranath.

Tal narrativa era fascinante, e em 1991 eles pareciam estar descobrindo a yoga sozinhos. Só havia um estúdio em Charlottesville: um estábulo convertido em sala onde uma velha senhora, antiga aluna de Indra Devi, dava aulas diárias. Fielding e Rebecca apareciam todos os dias, e às vezes faziam duas aulas seguidas. Eles ficaram maravilhados com a intimidade da yoga praticada a dois. Fielding erguia Rebecca do chão, levantando-a. Ela mantinha as mãos apoiadas nos ombros de Fielding, que com os pés aguentava o peso do corpo de Rebecca. E lá estava ela, suspensa acima dele, olhando diretamente nos seus olhos.

Tenzin Wangyal Rinpoche estava montando o Instituto Ligmincha fora da cidade. Rinpoche era um defensor do sonho lúcido. Ele ensinava práticas de movimento tibetano e praticava meditação Dzogchen. Fielding

acabou procurando o centro com Rebecca e teve longas conversas com os monges sobre a disciplina da autonegação e alcance da felicidade iogue, um estado de iluminação e pureza mental em que os desejos do corpo são dissolvidos. Tais ideias eram chocantes e excitantes. Ele e Rebecca se envolveram em longas discussões sobre a diferença entre desenvolvimento (*kye*), perfeição (*dzog*) e grande perfeição (*dzogchen*). Pouco depois, ele teve sonhos alucinógenos sobre deuses conversando com peixes, e também sobre estanhas aulas de yoga no fundo do oceano.

Apesar (ou por conta) disso, Fielding aprendeu rapidamente. Em poucos meses, resolveu pedir à secretaria de atividades extracurriculares da universidade para dar aulas de yoga no campus. Eles aprovaram seu pedido, e Fielding se tornou o primeiro instrutor do sistema universitário do estado da Virgínia. Ele bateu de frente com os alunos cristãos, que enxergavam sua prática como um culto religioso. Essas pessoas entregavam panfletos antes de suas aulas: “Yoga”, diziam os papéis, “apenas um exercício ou um culto hindu?”.

— Sou muito mais interessante do que imaginava ser — ele disse a Rebecca, lendo um dos panfletos.

— Espere até você contar a eles sobre sonho lúcido — ela comentou.

Pouco depois, resolveram morar juntos, pois queriam arrumar tudo antes da chegada do bebê. Rebecca se mudou para o apartamento de Fielding, que ficava no centro da cidade. Ela encheu o lugar com as suas coisas: móveis, roupas, livros, discos, utensílios de cozinha e estranhas especiarias indianas, jarros com cúrcuma, cardamomo e sementes de cominho. Dois meses mais tarde, Ginny e John viajaram a Charlottesville para jantar com eles.

No caminho, vindo de Washington e atravessando o lindo vale Shenandoah, Ginny ensaiou o que pretendia dizer, tentando soar mais graciosa, tentando fortalecer um sentimento que ela queria ter.

— Tenho certeza de que ela é uma menina muito legal — Ginny disse ao marido. — Tenho certeza de que eles serão muitos felizes juntos.

— O que faz você ter tanta certeza? — ele perguntou.

— Tenho certeza que eles serão muito felizes juntos — Ginny repetiu, com uma convicção renovada. — É o que eles querem fazer, não o que queremos, John.

— Mas eu tenho minha opinião — disse John.

— Isso não é relevante, querido. Apenas dirija — ela retrucou.

Rebecca estava *bem* grávida: quase 38 semanas de gestação. Na hora da sobremesa, quando ela se levantou para ir ao banheiro, Ginny curvou-se em direção ao filho e sussurrou:

— Você pensou cuidadosamente sobre essa decisão, Fields?

— Todos os dias, mãe — ele respondeu. — Todos os minutos, todas as horas.

— Estou falando sério — disse sua mãe. — Não devemos mergulhar de cabeça nesse tipo de situação. Um pouco mais de reflexão poderia ser útil. Você poderia rezar por isso... Por que não? Poderia ser uma opção, certo?

— A religião — disse Fielding — é o ópio das massas.

— Fico feliz que esteja fazendo seu dever de casa, meu filho — disse John, assim que Rebecca voltou à mesa.

Devemos nos lembrar que Fielding ainda era muito jovem. Tratava-se de um menino que não tinha um trabalho integral, que não podia se manter sozinho neste mundo. Claro que ele não estava preparado. Ele não estava preparado para nada daquilo: para compartilhar sua vida com outra pessoa, para os compromissos, para o estresse da vida real. Sobretudo, talvez, não estava preparado para uma experiência básica: o estresse do parto. Não estava preparado para passar horas dando voltas na sala de espera, quando os minutos se transformam em horas; para o burburinho de vozes na televisão, impossíveis de serem compreendidas, preenchendo o ar com uma espécie de ruído triste. E certamente não estava preparado para ver o médico surgindo na sala de espera, com uma expressão dura e séria.

— Houve uma complicação.

Fielding atravessou uma série de corredores iluminados por lâmpadas fluorescentes, seguindo o médico. Encontrou Rebecca num leito de hospital, praticamente incapaz de se mover, pálida, quase sem sangue após o difícil parto. O bebê estava do outro lado do corredor, envolto em uma cúpula de vidro, entubado. Era muito pequeno, e cercado por uma galáxia de aparatos médicos. Aquele bebê, naquela unidade de tratamento intensivo, era algo ainda não totalmente formado. Nascido, mas não exatamente. Uma criatura mínima, incapaz de sobreviver sozinho, com o coração ainda não muito bem formado, com problemas congênitos.

Porém, naquele primeiro momento, enquanto ainda tentava entender o que estava acontecendo, Fielding precisava permanecer ao lado de

Rebecca, precisava apoiá-la em todos os aspectos. E ela o encarou assim que ele entrou no quarto.

— Os dedos dela — disse Rebecca, com o rosto vermelho e inchado de tanto chorar — são tão pequenos.

— A notícia não é tão ruim — disse ele, com a voz entrecortada. — Poderia ser pior.

— Como? Como poderia ser pior, Fielding?

Ele não soube o que responder.

A menina morreu meses mais tarde, enquanto era operada do coração. No entanto, viveu o suficiente para que Fielding se apaixonasse por ela, para que sentisse que deveria protegê-la e salvá-la. Portanto, após sua morte, ele foi atingido por uma onda oceânica de dor.

Rebecca culpou Fielding por tudo. Ela precisava encontrar um culpado. E eles brigaram muito. Sobre o quê? Sobre o que as pessoas discutem quando não conseguem acessar o real motivo pelos quais estão brigando? Pessoas que estão simplesmente discutindo sobre a crueldade do destino e das circunstâncias genéticas? Nada em particular — ou sobre tudo. Sobre a maneira certa de fazer uma posição, sobre os livros deixados na mesa de centro, sobre planos de jantares esquecidos, sobre planos para a semana seguinte, para o mês seguinte, para o ano seguinte. Rebecca também lutava com o ciúme. Quando Fielding conversava com uma mulher em uma festa, ela sentia a natureza infundada de seu sentimento por ele. E sentia a ferida que ganhara no próprio corpo, que se esticara e se refizera para um futuro que se mostrou não ser viável. Era uma promessa não cumprida.

— Você me ama? — ela lhe perguntava, inúmeras vezes, em quase todas as circunstâncias, em qualquer lugar.

— Claro que eu te amo.

— A culpa foi minha, então?

— Claro que a culpa não foi sua.

— Mas você me ama?

— Eu já disse que sim. Aliás, eu já disse que sim centenas de vezes. Pare com isso.

— Por que você está gritando?

— Eu não estou gritando.

As brigas eram longas, complexas e intensas. E finalmente, em uma tarde do mês de dezembro de 1991, Fielding voltou para casa, vindo do

trabalho, e encontrou o apartamento vazio. Ela arrumara todas as suas coisas em cinco horas. Todas as suas coisas, roupas, livros, seus móveis rústicos. Enfiou tudo no carro e desapareceu: uma fuga cuidadosamente orquestrada. Ele ficou vagando pelo apartamento repentinamente vazio, depois apoiou as mãos na mesma mesa de centro onde, naquela manhã, Rebecca apoiara sua enorme caneca de café. Tocou a marca deixada no vidro.

— Não! — disse ele, em voz alta, depois olhou para a porta. — Não! — repetiu.

O cheiro de Rebecca ainda impregnava o ar. Fielding finalmente percebeu que deixara a porta de casa aberta, pois o ar frio entrava, fazendo-o tremer. Ele se sentou no chão empoeirado, pousou a cabeça entre as mãos e, surpreendendo a si mesmo, começou a chorar.

Nunca se esqueceria daquela noite. O apartamento vazio, as coisas que nunca imaginou que sentiria saudade, como as caixas de vitamina pré-natal, as pilhas e pilhas de fraldas, as caixas com roupas minúsculas, a almofada de amamentação... Ele se sentou no meio da sala de estar, tentando recuperar o mínimo de serenidade (o mínimo que fosse), mas não conseguiu. Sua respiração, uma ferramenta que costumava dirigi-lo à meditação, estava aflita e desgovernada. Não conseguia controlar seu coração acelerado. Mas havia um sentimento no fundo do seu corpo, uma dor incomum e corrosiva no fundo do seu abdômen, bem abaixo do estômago. Assim como sua mãe, Fielding não tivera chance de se despedir. Porém, da mesma maneira que aconteceu com ela, um cão desencadearia um processo que salvaria sua vida.

PARTE 3

O cãozinho*

Por que você não pode superar isso?

Eu não sei, eu não sei.

Por que você não consegue superar isso?

Eu não sei, eu não sei.

Por que você não supera isso?

Eu não sei, eu não sei.

Por que você não pode superar isso?

Eu não sei, eu não sei.

THE THIRD SEX

* The Puppy: Why can't you get over it? / I don't know, I don't know. / Why don't you get over it? / I don't know, I don't know. / Why won't you get over it? / I don't know, I don't know. / Why can't you get over it? / I don't know, I don't know.

11

Chovia bastante na noite em que Fielding saiu caminhando da Sociedade Protetora dos Animais de Charlottesville-Albemarle segurando um golden retriever de oito semanas e origem desconhecida. Sem guarda-chuva, Fielding protegeu o cãozinho sob seu casaco. Raios riscavam o céu.

Você já segurou um cãozinho nas mãos? Eles não costumam ficar quietos a menos que você os prenda ali — o que não é tão terrível, apesar de tudo. Mas é necessária alguma concentração. Sem isso, o cão inevitavelmente escapa e começa a escalar o seu braço. Depois, pode seguir ao peito, ombros, cabeça. Os cãesinhos são ambiciosos.

Se tivesse observado atentamente, Fielding notaria algumas características da raça descritas pelo American Kennel Club: o pelo denso e capaz de repelir a água; os ossos largos, ligeiramente arqueados nas laterais, mas nada proeminentes; o focinho reto, se visto de perfil; o olhar amigável e com expressão inteligente, os olhos grandes e com pupilas escuras.

Criados originalmente na Inglaterra do século XIX, pelo barão de Tweedmouth, Dudley Marjoribanks, os golden retrievers formam uma das raças mais coincidentes do ponto de vista genético: eles compartilham 99,9% do DNA uns dos outros. Embora aquele cãozinho fosse um viralata, um de seus recentes ancestrais, sem dúvida, era um golden retriever.

Fielding, no entanto, não percebeu nada disso. Ele simplesmente perguntou: “E aí, cara?” e depois se sentou ao volante do carro, erguendo o cãozinho no ar. O plano de Fielding, após vários meses de solidão, era encontrar uma criatura, um cão em busca de um lar, e oferecer-lhe um teto. Além disso, não havia maiores expectativas.

Naquela primeira noite juntos, tudo o que ele pretendia era dirigir com o cachorrinho no colo, voltando para casa com o bicho bem próximo ao seu corpo. Porém, passados poucos minutos, o cãozinho começou a fazer xixi, e um filamento quente e translúcido de urina formou um arco no ar, empapando a camisa e a calça de Fielding, e também o assento do seu Nissan.

— Merda! — ele gritou, e o cachorrinho interpretou seu grito como um forte latido. Ele se soltou das mãos de Fielding e passou ao assento do carona, agitado. Depois latiu. Fielding estava encharcado e distraído, por isso não viu quando o cãozinho saltou em direção à alavanca da marcha e ficou colado a ela, como uma sanguessuga agarrada a um cotovelo.

— Ei! Desce daí! — ele gritou, mas o cachorrinho começou a morder a alavanca. — Cuidado! Isso é uma peça do carro!

Por algum motivo, Fielding pisou na embreagem e o carro começou a dar marcha à ré. O cãozinho engatara a ré, e eles desciam lentamente, de costas. Fielding pisou no freio e o carro parou imediatamente, antes de entrar numa das pistas de trânsito.

Outros carros passavam raspando ao seu lado, viajando a mais de sessenta por hora, naquela estrada secundária.

Em seus primeiros momentos juntos, o cãozinho quase os matou.

12

Em imagens daquele início de 1992, Fielding geralmente aparece descalço, e raramente veste algo que não seja em tie-dye. Embora não fosse membro de uma banda cover do Grateful Dead, aprendera várias de suas canções, que tirava no violão. Ele se mudou com um grupo de amigos (e alguns *pertenciam* a bandas cover do Grateful Dead) para uma casa no meio da floresta, fora da cidade. Aquela casa poderia, com muita generosidade, ser chamada de “cabana”.

— Era um casebre — disse Ginny. — Tinha um sofá na varanda e, quando nos sentávamos, a poeira nos envolvia em uma pesada nuvem. Havia uma geladeira no jardim, onde acho que estocavam cerveja.

Era um casebre caindo aos pedaços. Alguém contou a Fielding que a casa fora construída, com muita pressa, por traficantes de bebidas, na década de 1920, um esconderijo nos tempos da Lei Seca. Isso explicaria os pisos nada alinhados, o teto que mais parecia uma peneira do que uma proteção contra a chuva, os degraus da entrada que rangiam sempre que alguém os pisava. A casa era alugada para estudantes há muitas, muitas décadas. As paredes tinham sido pintadas e repintadas, muitas vezes de cores ousadas, que não combinavam nada entre si. No banheiro do térreo, em vez de uma janela, havia uma placa de fibra de vidro que alguém instalara no lugar. Ela *quase* se encaixava. Quando nevava (o que acontecia com regularidade, pelos menos nos quatro últimos meses do ano) uma camada fina de gelo sempre se acumulava no assento do vaso sanitário.

Na primeira noite com o cachorro naquela cabana, Fielding percebeu que deveria dar um nome ao seu novo companheiro. Porém, tal tarefa era intimidadora. Ele pensou em várias opções, dos tradicionais (Duke, Buddy, Charlie, Max) a outros menos tradicionais (Xenophon, Abercrombie,

Steerforth, Waffles). No entanto, após uma noite de reflexão não exatamente sóbria, uma palavra surgiu em sua mente: *Gonker*.

Era perfeito.

O que significava? Honestamente, ele não tinha a menor ideia.

Naquela primeira noite, a cabana no meio do bosque montou uma “festa do cachorrinho”. Fielding não se lembra muito bem do que aconteceu, mas de uma coisa ele não se esquece: havia uma fogueira na frente de casa e, em círculo, todos dançavam ao som de “Police on My Back”, do The Clash. Gonker era passado de mão em mão, e a palavra “polícia” era substituída por “cão” quando entoavam o refrão.

No entanto, os cães são criaturas leais. E Gonker reagiu com compostura ao seu questionável nome e também ao mundo que o cercava. Com suas patas grandes e olhos enormes, ele dormia na cama de Fielding.

Era um cachorro doce e alegre. Ele tinha o sorriso otimista dos cães de sua raça, e sua língua rosada e comprida vivia caída para fora da boca. Além disso, ele ocasionalmente parecia piscar os olhos. O cão adolescente participava de todas as festas da cabana. Ele se tornou uma mascote, um irmão, um membro importante (e peludo) do grupo. Os golden retrievers são conhecidos por serem positivos e sempre bem dispostos. Gonker vivia ao lado da porta, com as sobrancelhas erguidas, os olhos brilhantes e curiosos.

No que questionavelmente é seu discurso mais famoso, o advogado e político do século XIX, George Graham Vest, descreveu perfeitamente a aparência e o papel de Gonker na vida de Fielding: “Sem dúvida, o único amigo desprovido de interesse que este homem poderia ter neste mundo egoísta, o único que nunca o abandonará, que nunca se provará ingrato ou traiçoeiro, é o seu cão. (...) Ele beijará mãos que não tenham comida a lhe oferecer; ele lambe as feridas que surjam por conta das asperezas da vida.”

As asperezas da vida. Os amigos de Fielding, no entanto, o descreviam de outra maneira.

— Gonker adora barris de cerveja! — gritou Noel, certa noite, ouvindo o disco *Sandinista!*, que parecia estar sempre tocando a todo volume nos alto-falantes cheios de ruído da cabana. Ele estava bombeando a torneira de um barril de cerveja. — Quando eu me aproximo de um, ele sempre late!

— Ele faz isso por achar que você está se pondo em perigo — retrucou Fielding.

Mas Noel não o escutou. Ele estava de cabeça para baixo, com a mangueira entre os lábios, enquanto Gonker uivava, preocupado, no pátio traseiro.

Mas uma coisa se destacou nesses primeiros anos de Gonker. De uma maneira incrível, Fielding e seus amigos ensinaram o golden retriever a comer biscoitos que pegava de suas bocas. Tratava-se um negócio molhado, pois suas glândulas salivares eram bem produtivas, e ele lambuzava o rosto das pessoas. Às vezes, se a pessoa não fosse cuidadosa, ficaria sem um pedaço dos lábios. Mesmo assim, o procedimento com o biscoito logo se ramificou. Ninguém saberia dizer *quando* nem *como* isso aconteceu, mas alguém descobriu que Gonker, se fosse mandado, deixaria que cuspissem em sua boca. Depois ele engolia a saliva. Era estranho, mas ele parecia gostar. Aliás, ele parecia gostar mais disso do que dos biscoitos.

Não seria justo especular sobre os dons intelectuais de Gonker. Os cães, assim como as pessoas, têm preferências distintas e gostos idiossincráticos. Ele poderia ser um conhecedor da saliva humana. Talvez fosse capaz de discernir entre a saliva de uma pessoa e de outra. Seja lá qual for o caso, essa se tornou a primeira brincadeira de Gonker, algo que ele demonstrava a todos, em troca de biscoitos ou, com maior frequência, de pizza.

O momento mais incrível de Gonker, no entanto, parece ter sido um domingo, às três da manhã. Eles tinham dado uma festa em casa e os detritos estavam espalhados por todos os cantos: garrafas de cerveja e pratos sujos, caixas de pizza, roupas, além de um velho pneu de caminhão que, de forma inexplicável, alguém levara à festa e deixara por lá. Fielding dormira no sofá da sala e, em plena escuridão, acordou ao ouvir o latido estridente de Gonker.

— Cadê você? — ele perguntou, tropeçando pelo corredor, de onde vinham os latidos. — O que está acontecendo?

Logo depois, Fielding encontrou Noel desmaiado, sentado contra uma parede e usando óculos escuros. Gonker latia — uivava, na verdade — e o fazia bem perto dele, mas Noel estava desacordado, ele não despertaria. Ao lado da porta do banheiro sempre congelado, havia uma cobra cabeça-de-cobre. Quando estão no cio, essas cobras lançam um hormônio

especialmente pungente e reconhecível pelos cães. A cobra estava em alerta — sua cabeça triangular não se movia, mas sua cauda se movimentava para frente e para trás. Estava pronta para dar o bote.

— Noel! — gritou Fielding, agarrando seu amigo pelo punho. Começou a arrastá-lo para dentro da casa, que continuava às escuras. Ao ser arrastado, Noel despertou e finalmente conseguiu entrar na cozinha, mas Gonker permaneceu no corredor, imóvel, latindo o mais alto possível para a cobra. Ele latia, latia e latia.

“Como uma pessoa que não é capaz de entender a morte pode querer entender o amor”, escreveu John Cheever, “e quem acionará o alarme?”.

Gonker estava soando o alarme.

13

Na faculdade, Fielding surpreendentemente se saiu muito bem tanto em ciência da computação quanto em antropologia. Porém, de maneira menos surpreendente, ele lutou para encontrar um trabalho após sua formatura. Parte do problema era sua devoção a Gonker.

— Eu não quero deixá-lo sozinho em casa — ele disse ao pai, em uma de suas nada frequentes conversas telefônicas.

— Sei — disse John.

— Ele fica se sentindo muito sozinho.

— Claro. Claro...

— Ele precisa de uma presença humana — disse Fielding.

— Um golden retriever — disse John, em tom calmo — de certa maneira está limitando suas oportunidades de conseguir um emprego.

Na verdade, nenhum dos moradores daquela cabana no meio do bosque parecia estar conseguindo bons trabalhos. Em pouco tempo, viriam as dívidas.

— Primeiro cortaram a luz — disse Fielding. — Depois a coleta de lixo. Depois a água.

E começaram a chamar a casa de Residência Inferno, nome que parecia mais apropriado com o passar das semanas. Quando chegou o outono, Fielding e seus colegas decidiram que era hora de uma ação drástica.

E deram uma festa.

Gonker foi a estrela da festa, chamada de “Noite Pré-histórica”, pois não havia água corrente nem eletricidade na casa. Eles compraram cervejas de duas marcas, que Noel apelidou de Neanderthal e Homo Sapiens. Gonker vestia uma toga. Ele não apenas permitiu que Fielding amarasse um lençol em seu corpo como parecia gostar, e latia para todos que olhavam na sua

direção e diziam “homem das cavernas”, talvez por conta do contato visual, mas poderia ser uma percepção genuína de que se tratava de uma brincadeira. Independentemente do motivo dos latidos, a festa foi um sucesso. A polícia não apareceu. A cerveja durou a noite inteira. De manhã, Fielding acordou no sofá no quintal em frente a casa, com sua cabeça repousando sobre o corpo de Gonker. Apesar de não se lembrar exatamente como ou quando isso aconteceu, Fielding usou o cachorro como travesseiro. Ou, possivelmente, Gonker se colocou nessa posição. De qualquer forma, Fielding acariciou a cabeça de Gonker, coçando atrás de suas orelhas suaves e macias.

— Bom menino — ele murmurou, e Gonker se aproximou ainda mais do corpo do dono.

14

No entanto, tudo o que é bom um dia acaba. Em certo momento, o xerife local pregou um aviso na porta da casa. Poucas semanas antes do dia de Ação de Graças, quando a temperatura estava bem baixa, Fielding ligou para os pais.

— Mãe! — disse ele, assim que ela atendeu. — Que bom ouvir sua voz!

— Quem é? — perguntou Virginia. — Sinto muito, mas...

— Que engraçadinha, mãe.

Ginny e John tinham acabado de se sentar para jantar. John se aposentara há pouco tempo de seu posto como vice-presidente da Shared Medical Systems. Passara a trabalhar em tempo integral como consultor. Ele também se matriculou em um mestrado na Universidade de Georgetown. Por conta disso, estava lendo os clássicos do pensamento ocidental: Locke, Hobbes, Rousseau, Jefferson. Ginny acabara de deixar seu trabalho no Women's Center, que na época era o principal centro de referência para vítimas de violência sexual e doméstica da Virgínia.

De diversas maneiras, aquele trabalho era a coisa mais importante e difícil que ela fizera na vida. Fundado em 1974, o centro era o único lugar onde uma mulher vítima de abusos poderia ir em busca de abrigo na cidade de McLean e, por extensão, em grande parte do estado. Mas, após dez anos lá — dez anos vendo os ciclos de violência, a procissão sem fim de mulheres com problemas, desesperadas e angustiadas em suas próprias casas —, Ginny estava exausta. Ela ajudou e auxiliou muitas mulheres. Fora muito útil. Porém, a paz a chamava.

O espaço deixado por seu cão em seu coração permanecia aberto, apesar de todos os outros cachorros que surgiram depois em sua vida.

Naquela noite, porém, graças ao telefonema do filho, Virginia estava se divertindo.

— Não estou ouvindo muito bem — disse ela. — Você disse acreditar que sou sua mãe?

— Ha-ha — disse Fielding. — Sua brincalhona...

Para procurar emprego, Fielding se mudou para Washington. Houve problemas de adaptação. O primeiro surgiu às quatro da manhã, no dia seguinte a sua chegada à casa dos pais. Naquela manhã, Virginia e John acordaram com um grito lancinante, mais ou menos como o som de uma locomotiva abandonando uma estação. Era um som alto. Vinha de dentro de casa.

— Meu Deus! — disse John.

Virginia encontrou seus óculos e saiu da cama. Ela foi ao corredor, seguindo em direção ao quarto de Fielding. Sem bater, abriu a porta. Lá estava seu filho, no chão.

Mesmo após a partida repentina de Rebecca, a yoga permaneceu como parte da vida de Fielding. Ele sentia dores de estômago periódicas nas semanas prévias à mudança, e a yoga parecia ajudar no tratamento, funcionando como um tipo de remédio. Fielding a praticava assim que acordava, logo após completar um ciclo natural de sono. Isso frequentemente significava acordar antes do nascer do sol. Naquele dia, acabou acordando os pais às 4h11 da madrugada, por conta dos rituais sagrados do *kundalini*. Ele esticou seu tapete de neoprene laranja no chão do quarto e, vestindo apenas sua roupa íntima, fazia seus exercícios preparatórios de respiração. Gonker estava por perto, balançando o rabo, contente. Ele gostava de se alongar enquanto Fielding praticava suas posturas, e certas vezes o imitava, praticando sua interpretação canina da yoga.

— O que você está fazendo, Fields? — perguntou Virginia, com os olhos arregalados.

Gonker latiu.

Fielding expirou, deixando escapar um *bum* alto e percussivo, seguido de uma série de arquejos mais baixos, repetitivos.

— *Agni prasana* — ele respondeu, em um tom de voz estranhamente alto, que ecoava do seu diafragma. — Respiração de Fogo.

— Parece um alarme da morte — comentou Virginia.

— Não — disse Fielding —, isso foi o *kabalabati*.

Seja lá o que fosse, na manhã seguinte aconteceu o mesmo. E John se sentou na cama, com uma expressão de alarme no rosto.

— Quartel general! — ele gritou. — Todos os homens nas suas posições!

O som ecoava por todo o andar superior da casa, ressoando nos corredores, viajando de um quarto a outro.

— É apenas o *agni prasana* — disse Ginny, cobrindo metade do rosto com o travesseiro. — Não sei por que você está preocupado.

— Ele precisa sair desta casa — disse John.

Virginia escondeu ainda mais o rosto por trás do travesseiro.

— Sim, ele precisa sair desta casa — ela concordou, com a voz um tanto abafada por conta das penas do travesseiro.

Era o final de 1992. A economia começava a sair da recessão. Tratava-se do início do período de prosperidade da década de 1990, os primeiros dias da expansão do setor tecnológico. Mesmo assim, poucos amigos de Fielding estavam voltando para a casa dos pais. Ele era uma espécie de anomalia. John e Ginny ficaram muito surpresos. Porém, imaginaram tratar-se de uma fase, embora não soubessem exatamente que *tipo* de fase seria essa. No entanto, nunca imaginaram que dariam abrigo ao filho de 22 anos. Nem à sua companhia canina, e um tanto extravagante.

15

Ginny e John já tinham um cão, claro: um labrador dourado chamado Uli. Depois de Benson, eles hesitaram em adotar novamente. No entanto, após um ou dois anos sem os latidos do bichon, finalmente deram o braço a torcer. Eles formavam uma família que gostava de cachorros, e a casa não parecia completa sem a presença de um cão.

Uli era escandaloso, enérgico, feliz, mas não muito inteligente. De vez em quando, balançava o rabo com vontade, lançando ao ar tudo o que estivesse sobre a mesa de centro. Por conta disso, Ginny perdeu alguns bonecos de porcelana Meissen muito valiosos, além de xícaras do mesmo material. Perdeu também um relógio de mesa do século XVIII. Um vaso decorativo veneziano. Além de vários porta-retratos delicados. No entanto, o que poderia fazer? Esse era o preço a pagar por uma companhia simpática, embora desastrosa.

Em um primeiro momento, Uli ficou desconfiando de Gonker. No entanto, a desconfiança logo se tornou admiração, graças à cerca elétrica, principalmente.

Ginny e John tinham instalado a cerca como uma maneira de manter os cães em segurança: eles eram vigilantes com seus bichinhos de estimação, e sempre se certificavam de que os animais não ficassem vagando pelas ruas. Na segunda noite por ali, Virginia ofereceu a Fielding uma coleira para Gonker.

— De jeito nenhum, mãe — disse ele. — Não vou colocar isso no Gonker. Ele é um cão selvagem.

— Não seja ridículo, Fields. Ele é um animal doméstico.

— A alma dele é selvagem, mãe — disse Fielding. — Trata-se de uma alma selvagem e livre.

Virginia franziu a testa. Eles estavam de pé na cozinha, cercados por décadas de fotografias familiares, muitas delas com a presença de animais de estimação: Benson, Thumper Dumper, Timothy, Buffy (o gato malhado de pelos longos), Mr. Peepers (o canário cantor) e até Tiny (outro coelho que durou pouco com a família).

— Isso é a única coisa que eu peço — disse Virginia. — Por favor, faça isso por mim.

— De jeito nenhum — retrucou Fielding. — Gonker é um espírito livre. Ele faz parte do coração selvagem da terra.

— Tendo um coração selvagem ou não — disse Virginia —, esta casa é minha, Fields.

— E também minha.

Ela fez uma pausa, estava chegando ao limite. Depois balançou a cabeça.

— Você vai fazer isso, Fields. Você tem que fazer isso. — Mas Fields começou a sorrir. — Não! — disse Virginia. — Pare com isso, Fielding. — A espinha do seu filho vergava, ele curvava o corpo para frente e para trás. Depois colocou um dos pés sobre uma cadeira. — Fielding Corbett Marshall, não se comporte dessa maneira!

Mas era tarde demais.

— Uh-uh... — disse ele, entre os dentes, com uma expressão engraçada no rosto, imitando um macaco — Uá-uá... — repetiu ele, com seu corpo se contorcendo. — Banana? — ele perguntou. — O macaco quer banana? Este macacão gosta de banana.

O rosto de Virginia estava completamente vermelho. Ela começou a dizer alguma coisa, mas Fielding correu para o saguão, saltando sobre os móveis, coçando os sovacos e fazendo sons de animais, bem alto.

Naquela noite, Fielding ligou para Peyton, usando o telefone ao lado da sua cama. Gonker estava deitado ao seu lado, roncando.

— Eu vou enlouquecer — disse ele, assim que Peyton atendeu. — Como vai a universidade?

— Uma droga — ela respondeu. — E me vesti de dinossauro no Halloween.

— Isso é legal.

— Não, Fielding — disse ela. — O meu corpo estava completamente coberto. Ninguém quis conversar comigo.

— Eu gostaria que mamãe e papai não conversassem comigo — disse Fielding.

— Algum dia, Fields, esse desejo se tornará realidade.

— Que engraçadinha — disse ele. — Você sabe o que estou querendo dizer.

Por um momento, um passado que parecia perdido estava vivo, flutuando no ar, viajando através de uma linha telefônica. Finalmente, Fielding suspirou.

— Mamãe quer que eu ponha uma coleira no Gonker — disse ele. — E tudo por conta da cerca elétrica.

Houve uma pausa ao telefone.

— E daí? — perguntou Peyton.

— Ele não é esse tipo de cachorro.

— Você não está falando sério...

— Ele não vai gostar. Gonker precisa ser ele mesmo.

— Fields, apenas coloque a coleira nele.

— Trata-se de uma grande violação. Não seria legal tolher seu espírito.

— A coleira não fica no espírito dele — disse Peyton.

— Tudo bem, tudo bem — disse Fielding. — Você é tão má quanto a mamãe.

E então, na manhã seguinte, Gonker usava uma pequena coleira transmissora de eletricidade no pescoço. Nas primeiras horas, parecia tudo bem. Ele e Uli brincavam no jardim, em meio ao ar frio do inverno, mas felizes. Uli parecia mostrar as fronteiras a Gonker. Os dois caminhavam juntos pelo perímetro eletrificado. *Esses idiotas nos deixam enjaulados, camarada*, Uli parecia dizer. E latia. *Veremos*, parecia responder Gonker. E também latia. Fielding os observou por um tempo, e tudo parecia correr bem.

O problema, no entanto, foi o seguinte: havia uma raposa na vizinhança.

Naquela tarde, os Marshall ouviram um latido forte no quintal. Virginia correu à janela da sala de jantar. Ela estava com bobes no cabelo, pois iria com o marido a um jantar formal aquela noite. Espiou pela janela. No fundo do quintal, Uli latia o mais alto possível. Mas ele parecia estar sozinho. Fielding surgiu logo atrás da mãe.

— Cadê o Gonker? — ele perguntou, olhando para o quintal.

E então, como um *flash* no canto da visão dos dois, surgiu Gonker, um borrão de golden retriever, que corria pela grama, seguindo em direção ao perímetro eletrificado. Ele o atingiu em alta velocidade. E uivava, com seu corpo se contorcendo de dor por conta do choque, mas não desistiu. Ele

caía no chão e rolava, mas logo depois se levantava, animado, com a língua caída para fora da boca. Ele estava fora de si. Ele caçava a raposa.

Uli uivava de alegria. Ele saltava no ar, sentindo o cheiro de algo. E quase podia sentir o seu gosto: o gosto da caça, o gosto do pelo da raposa em sua boca, o prazer instintivo de persegui-la. Que coisa incrível. Gonker conseguira. Parabéns! Parabéns, Gonker! Ele ultrapassou a barricada. Lutou contra a cerca elétrica e venceu.

— Ah, não! — disse Ginny.

Foram necessárias duas horas para achá-lo. Em um primeiro momento, Gonker se recusou a voltar para casa. Fielding disse aos pais que Gonker era difícil de ser capturado, mesmo nos seus tempos de faculdade. Porém, após várias tentativas, conseguiram atrair sua atenção com um pedaço de carne. Eles colocaram a carne em um prato e, como se fosse magia, Gonker apareceu na porta dos fundos da casa. Ele não conseguiu capturar a raposa, mas a caçada foi um prazer. Uli roçou seu focinho assim que entraram em casa.

Seja bem-vindo de volta, Uli parecia dizer. Seja bem-vindo, meu incrível amigo!

16

No entanto, o ponto mais problemático de sua volta a Washington não foi lutar contra a autoridade dos pais nem o desafio de habitar, novamente, o mesmo espaço que um dia deixara para trás. O problema não foi o pouco espaço para que Gonker pudesse ser livre. Nem os quilômetros de estradas que cortavam os subúrbios da cidade, o trânsito, as horas perdidas tentando vencer o excesso de gente nem a dificuldade de deixar seus amigos em Charlottesville. Na verdade, foi algo bem diferente.

Foi a dor no estômago: uma dor profunda, que começou no seu abdome mas se alastrou gradualmente até seu intestino. Em um primeiro momento, Fielding imaginou que poderia ter comido algo contaminado, depois pensou que poderia ser um problema estomacal. Ele sofria com diarreia, e sempre que ia ao banheiro sentia o mesmo cheiro inconfundível de sangue.

A princípio, ele nem pensou no fato de estar aguentando tudo em segredo, sem contar nada aos pais. Mas a dor não cessava, e ele começou a pensar no que estava fazendo e por quê. Ele sabia o que aconteceria se Ginny descobrisse o quão doente estava. Imediatamente, ela ligaria para vários médicos, consultaria enfermeiras e especialistas no país inteiro. O filho se tornaria o foco de suas energias, de suas necessidades vorazes. E ele, honestamente, não sabia se conseguiria lidar com isso.

17

No entanto, todos os dias continuavam começando com o a Respiração do Fogo, e com Fielding despertando os pais. Ginny e John começaram a dormir com tampões nos ouvidos. Passadas algumas semanas, instalaram um condicionador sonoro ao lado da cama para anular os ruídos incômodos.

Quando o inverno abriu espaço para a primavera, Fielding, de maneira voluntária, resolveu ajudar na casa.

Ele aparava a grama junto com os cães. Gonker e Uli corriam ao lado da máquina, latindo e abanando seus rabos. No meio do caminho, no entanto, Ginny saiu correndo pela porta da frente.

— Fields... o que você está fazendo? — ela gritou. — Pare!

— O quê?

— Você está desenhando letras no gramado?

Ele olhou para o que fizera. Um grande “G” de Gonker, seguido de um “U”, de Uli e um “F” de Fielding. GUF.

— Claro — disse ele, franzindo a testa. — Mas isso vai desaparecer em pouco tempo.

— E a marca da passagem da máquina? — perguntou Ginny. — Isso ficará visível durante semanas!

Fielding mantinha hábitos duvidosos de banho e vestimenta. Sua regata *tie-dye* era um uniforme, e ele vivia com cheiro de suor — segundo seu iogue, esse era o cheiro sagrado do corpo sagrado. Ele misturava um pouco de patchuli ao ambiente, só para dar uma equilibrada em tudo. Ele se cercava com uma nuvem de *Fielding*. E, embora não tenha feito voto de castidade, entre a busca de trabalho, sua prática diária de yoga e seu péssimo odor, pensar em relacionamentos amorosos parecia irrelevante.

Certa noite, os Marshall convidaram dois amigos e vizinhos, os Miller, para jantar. Fielding apareceu no meio da refeição, logo após chegar de uma corrida. Ele vestia a mesma camiseta de sempre e estava banhado em suor. Dos seus fones, ressoava “Sugar Magnolia” a todo volume. Ele cumprimentou os convidados com um aceno de cabeça e, sem deixar de cantarolar, pegou o copo de água do pai e entornou o líquido gelado.

— Ah — disse ele, sem perceber que falava alto demais —, essa água veio na hora certa!

O senhor Miller segurou seu copo de água.

— Pode ficar tranquilo — disse John. — No entanto... Nunca se sabe.

Ginny olhou para a senhora Miller e disse, em voz baixa:

— Ele sempre foi um espírito livre.

No entanto, embora a exasperação de Virginia por conta do filho crescesse, a cada dia ela se aproximava mais de Gonker. Ela adorava a maneira como ele se sentava ao lado da janela da cozinha, observando os pássaros no quintal. Ele os perseguia com o olhar, enquanto os pássaros viajavam do ninho ao bebedouro. Certa vez, Fielding o surpreendeu sentado nesse mesmo lugar, com as patas cruzadas, a cabeça erguida e seu pescoço branco em posição régia, e a cena incluía uma enorme linha de baba dependurada de um canto da sua boca.

— Ele está pensando em como seria comer um sanduíche de pássaro — disse Fielding.

— Que bobagem — retrucou sua mãe. — Esses pássaros são lindos, e Gonker sabe disso.

— Um lindo sanduíche — comentou Fielding. — Ele sabe que são deliciosos.

Para Virginia, porém, isso parecia impossível. Para ela, ele simplesmente adorava observar as maravilhas da natureza. Ele estava admirando, não com fome. Ela chegou a colocar vídeos de pássaros na televisão da cozinha, algo a que ele pudesse assistir enquanto ela limpava o cômodo ou lia na varanda ensolarada. Ele parecia gostar de tudo o que fosse colorido: cardeais, gaios-azuis, pintassilgos. E isso o aproximava das sensibilidades de Ginny: ela sempre adorou decoração e pássaros com penas coloridas, e adorava observar a beleza da natureza. Isso a lembrava do quanto a natureza é capaz de se manter afastada da brutalidade e da falta de raciocínio humanas.

Ela também cozinhava para Gonker. E adorava fazer isso, pois era uma delícia oferecer-lhe uma série de refeições suculentas, grande parte delas com carne moída. Aliás, mais do que qualquer outra coisa, Gonker adorava comer. Quase tudo poderia servir de tira-gosto. Ele comia indiscriminadamente. Não era um gourmet, e sim um guloso. Sendo um cachorro de porte grande, ele comia um bolo inteiro em poucas mordidas, o que ele fazia se alguém esquecesse um em algum lugar. Quase nada estava seguro. Certo dia, Virginia acordou por conta de um barulho na cozinha. Ao investigar, encontrou três latas de atum, todas perfuradas por dentes caninos e sem o caldo. Gonker estava por perto. Ao ver que Virginia começara a limpar a sujeira, baixou a cabeça e, afastando os olhos, foi caminhando para longe dela, com o rabo entre as pernas, envergonhado.

Gonker preenchia o vazio da casa com sua alegria. Sempre que voltavam ao lar, ele recebia Virginia, John e Fielding na porta com grande entusiasmo, um sorriso torto, andando em círculos no chão da entrada. Ficava parado na base da escadaria, esperando que Virginia o vestisse com um suéter xadrez. Só vestido ele se sentia verdadeiramente feliz.

Sua atividade favorita (já “vestido”) era correr atrás de gravetos. Ele mantinha uma coleção de gravetos ao lado da porta de entrada e, antes de sair para um passeio, começava a selecionar o ideal para a ocasião. Tal processo poderia demorar vários minutos. Quando encontrava o graveto certo, ele seguia seu caminho, puxando a coleira e arrastando quem o estivesse levando para passear.

Quem concordasse em brincar de arremessar gravetos poderia passar uma hora inteira fazendo isso. E ele persistia, mesmo após a brincadeira ter chegado ao fim, roçando o focinho nas pessoas, recostando-se nelas, lembrando-as de que o jogo fora deixado inconcluso (embora por motivos de difícil entendimento).

Vamos brincar?, ele parecia dizer, sem parar de roçar seu focinho nas pessoas. *Vamos brincar? Vamos brincar? Vamos brincar?* Depois latia, dava breves corridas, fingia estar correndo atrás de um graveto imaginário. E voltava, ficava parado, com a língua caída para fora da boca, esperando ser entendido. Se a pessoa não começasse o jogo com ele, ele fazia todo o procedimento de novo. Ele era incansável.

Ginny começou a pensar que Gonker seria uma espécie de espião: quando não estava em atividade, sempre parecia estar planejando alguma coisa. Porém, nunca era pego no flagra. Certa noite, após o jantar, ele

acompanhou de bom grado a família até o porão (ou pareceu acompanhar de bom grado), pois os Marshall veriam um filme. Era um filme de ação, que começava com uma cena de perseguição. Após uns trinta minutos, Ginny afastou os olhos da tela e perguntou:

— Cadê o Gonker?

E o mais impressionante não foi ele ter aberto a tampa da lixeira, nem ter removido todo o lixo lá de dentro, nem ter separado o lixo em categorias: orgânicos para um lado, papéis para outro e metais para outro. Tratava-se de um trabalho meticuloso, e muito bem feito. No entanto, o mais impressionante foi que, após ter devorado tudo o que pode, ele fechou cuidadosamente a porta que levava à lixeira e se deitou em sua cama, que ficava na cozinha. Sua expressão era angelical, inocente.

Você viu quem fez essa confusão?, ele parecia perguntar. *Era mais ou menos desta altura, desta largura. Casaco amarelo. Com cara de bandido. Pode deixar que eu aviso caso ele reapareça.*

Assim como Oji, Gonker parecia sentir quando seu dono precisava de ajuda. Quando Fielding cochilava, sentindo-se mal na metade do dia, Gonker chamava Uli para auxiliá-lo. Os dois entravam no quarto de Fielding, pulavam juntos na sua cama e latiam para ele, o mais alto possível. Com dois cães latindo na cama, qualquer pessoa muda de atitude imediatamente.

Às vezes, Gonker encontrava Fielding, em seus momentos de maior sofrimento, no banheiro, curvado de dor, pressionando o estômago, com seus intestinos rebelados, sentindo uma queimação por dentro. Quando isso acontecia, ele também convocava Uli, mas pedia que ficasse em silêncio. E os dois cães se aproximavam de Fielding, lambendo e fungando seu pescoço, joelhos, ombros e até seu rosto. E ter dois cães lambendo seu rosto gera um efeito igual a dois cães latindo na sua cama.

Em um sábado, ainda no primeiro ano que moraram juntos, Virginia estava preparando um pouco de pão. Após ter preparado a massa, deixou que repousasse em uma tigela, na cozinha, para que fermentasse lentamente.

Em algum momento, logo após o jantar, Uli começou a se comportar de maneira estranha.

— Por que está latindo tanto? — perguntou Virginia.

Os Marshall foram ao saguão da casa, onde Uli os esperava. Ele corria em círculo ao redor da família, agindo como um cão possuído.

— O que está acontecendo, Uli? — perguntou John.

Ele estava servindo como chamariz, mas a família só descobriria isso mais tarde. Pouco depois, ouviram um ruído na cozinha. Todos correram para lá, e logo descobriram o que acontecera. A tigela de Ginny estava em pedaços, caída no chão de azulejo, e a massa desaparecera. Gonker lambia os lábios, com uma expressão satisfeita no rosto. E Uli latia, sentindo orgulho do seu feito.

No entanto...

O estômago de um cão é um ambiente perfeito para que o fermento se multiplique. Enquanto se multiplica, ele demanda energia. E, ao fazer isso, o fermento se alimenta de todo o açúcar da massa do pão, depois gera dois produtos notáveis: dióxido de carbono e álcool. O estômago de Gonker se transformou em uma cervejaria.

Em pouco tempo, ele começou a arrotar e peidar de maneira incontrolável, caminhando aos tropeções pela casa, pois seu corpo absorvia o álcool produzido pelo fermento.

— Ligue para o veterinário — disse Ginny. — Ligue para o Hospital Veterinário de Great Falls.

Uli, sem entender que havia algo errado, continuou por perto, sacudindo o rabo.

— Ele está bem — disse Fielding. — E já bebeu muito mais do que isso... Podem acreditar.

— Ele pode morrer, Fields.

— Ele não vai morrer.

Fielding se aproximou de Gonker e se sentou no chão. Ele pousou as mãos nos ombros carnudos do cão e o colocou no colo. Fielding deixou que Gonker se aninhasse. E ele mudava de posição, sentindo-se desconfortável, para depois cair no sono.

— Viu? — perguntou Fielding, olhando para a mãe. — Ele está dormindo como um bebê.

— Um bebê bêbado — disse John.

— Isso é uma tradição familiar — disse Ginny, sarcástica. — Eu mesma vou ligar para o veterinário.

— Não, mãe, por favor — pediu Fielding.

— Só estou preocupada com o bem-estar dele.

— Sem falar na dignidade dele — disse John.

Virginia discou o número do hospital veterinário no telefone da cozinha, depois colocou seu filho na linha. Os cães, é claro, *podem* morrer ao comer massa de pão crua. E Fielding ficou assustado ao ouvir as palavras do veterinário. Virginia viu o rosto do filho perder a cor, e ele continuava ouvindo os conselhos do veterinário. Ela se aproximou e pousou a mão na cabeça de Fielding, afastando seus cabelos do rosto e dos olhos. Ele desligou e olhou para os pais.

— Devemos ficar observando Gonker bem de perto — disse ele —, para ver se vomita.

— Espero que a observação não precise ser de *tão* perto assim — disse John.

Gonker estava bem. Porém, aos olhos de Fielding, não parecia muito animado na manhã seguinte. E não parecia entusiasmado com o passeio de todos os dias. Aliás, o próprio Fielding sentia um pouco de náusea naquela manhã.

— Nós dois — ele murmurou ao cão — formamos um par perfeito.

Ginny entrou no quarto de Fielding durante a noite, pois queria dar uma olhada em Gonker. Ele balançou o rabo ao vê-la, mas não ergueu a cabeça. Ela se sentou ao seu lado.

— Olá, meu amigo, está se sentindo mal hoje? — perguntou Virginia, com um tom de voz suave. Depois acariciou seu corpo levemente, com um toque gentil. — Um pouco de ressaca, talvez? — E ele voltou a sacudir o rabo. — Espere um minuto, eu volto já.

Ela desceu a escada e pegou uma embalagem com caldo de frango do freezer, descongelou no micro-ondas, depois o levou para o andar de cima. Assim que sentiu o cheiro, Gonker ficou de pé. Ele começou a querer comer ainda antes que ela deixasse a tigela com o caldo no chão. Seu corpo precisava urgentemente se hidratar. Com a língua, ele lambeu o fundo da tigela, os lados e o carpete ao redor. Depois olhou para ela, e seu olhar era de gratidão.

— Mais um pouco? — ela perguntou.

E Gonker franziu os olhos, rolando de costas no chão, suspirando e parecendo fazer que sim com a cabeça.

18

Quando você resolve tratar um sintoma? Quando decide ir ao médico? Quando conta seus sofrimentos a outra pessoa, especialmente quando o sintoma é humilhante? Quando decide ultrapassar as barreiras que construiu entre você e as pessoas mais próximas, se isso pudesse salvar sua vida?

Tudo o que Fielding sabia era que estava doente e seu corpo vivia em uma revolta constante. Ele visitou a seção de referência na biblioteca, e pegou um dicionário médico. A lista de doenças que sua dor poderia indicar era longa e temerosa.

Certas noites, ele se sentia fraco por conta da perda de sangue. Era cada vez mais complicado administrar a dor. Ele começou a evitar as refeições, começou a deixar de comer. A única coisa que o fazia se sentir normal era isto: manter o estômago vazio, sem nada além de água. A água parecia suficiente, vital. Portanto, ele levava sua porção de comida ao quarto e oferecia a Gonker, acariciando as orelhas do cachorro, que devorava as delícias servidas à família.

— É isso, meu amigo — dizia Fielding —, coma.

Pois Deus sabe que eu não posso comer.

Ele se consolava com o apetite de Gonker, como se fosse capaz de comer com vigor através do seu cão.

Fielding começou a perder peso. Ele pensou em procurar um especialista, pensou em contar aos pais o que estava acontecendo, em busca do cuidado familiar. Porém, quando resolveu que chegara a hora de fazer tudo isso, os sintomas reduziram um pouco. E ele começou a duvidar do que sentia, e se manteve resistente. Fielding queria manter sua vida particular — sua vida adulta — para si mesmo.

Se compararmos o relacionamento de Virginia e sua mãe com o relacionamento que Virginia construiu com o filho, não resta dúvida sobre qual era mais forte. No entanto, certas vezes é complicado confiar nas pessoas mais próximas, ou confiar de maneira distinta à que estamos acostumados. Da sua parte, Fielding se sentia atormentado pelos pais, que queriam muito que ele conseguisse um emprego. Isso, aliás, tornou-se o centro do relacionamento entre eles: um monólogo infinito sobre perspectivas de carreira. Isso o deixou sem vontade de estreitar tal relacionamento, afetando outros aspectos da sua vida.

— Por que você não liga para nosso amigo Paul Perrot? — sugeriu Virginia. — Ele tem um primo que é programador de computadores, que trabalha na General Eletric, e sem dúvida poderia encontrar algum posto de trabalho por lá.

Ou:

— Você não acha que deveria participar de entrevistas de treinamento, Fielding?

Ou:

— O problema pode ser a maneira como se veste, Fielding. Podemos comprar um terno para você?

Ou:

— A quem é oferecido muito, Fields, também é esperado muito.

Ou:

— Segundo a classificação psicológica de Myers-Briggs, você deveria trabalhar sua autodisciplina. Vamos preparar algumas tabelas e listas para ajudá-lo no seu processo de planejamento.

Ele conseguiu alguns trabalhos temporários graças a uma agência, mas trabalhava sem afinco. Além da doença, os trabalhos o separavam de Gonker, o que faziam deles, por uma razão ou outra, sempre parecerem inadequados. Ele começou a conversar com o cachorro — embora não notasse — tanto quanto sua mãe conversava com Oji.

— O que você acha, Gonker? — ele perguntava. — Eu deveria me matricular em um curso de antropologia?

Ou:

— O que eu realmente gostaria de fazer neste fim de semana?

Ou:

— Eu realmente quero tentar, para ver se consigo esse trabalho na RadioShack?

Embora isso tenha começado como uma espécie de brincadeira, transformou-se em uma maneira encontrada por Fielding para driblar problemas mais complicados.

Para formular uma pergunta em voz alta, é preciso articulá-la usando palavras, e certas vezes tal articulação parecia incrivelmente complicada. Gonker, é claro, não lhe oferecia qualquer resposta. Ele simplesmente franzia os olhos, resfolegava e olhava para Fielding com expressão otimista. E sorria. E isso era útil. Sobretudo o sorriso, que o reconfortava.

Em um desses trabalhos temporários, Fielding instalou uma *webcam* de primeira geração, provavelmente a primeira operada ao norte do estado da Virgínia. Ele usava a câmera e a conexão (discada, em ambos os lados) para fazer o *download* de imagens de Gonker, imagens que eram capturadas em intervalos de três segundos, e também para enviar imagens suas a Gonker, capturadas no mesmo intervalo de tempo. Gonker reagia com curiosidade moderada às imagens do seu dono. Para Fielding, porém, aquilo era muito divertido de assistir. Gonker cambaleava frente à câmera ao se mover, como se fosse um personagem de animação.

Nesses meses, quando Fielding se sentia pior — quando a doença voltava ou sumia, tornando-se uma crise e depois aliviando — ele notou algo diferente. A tigela de Gonker, que era mantida no chão da cozinha, quase sempre estava vazia durante a noite. Porém, quando Fielding não conseguia comer nada, Gonker, de certa maneira, também passava o recado de que pretendia recusar a comida. E deixava sua refeição intocada.

— Vamos, garoto — dizia Fielding, sentado em sua cadeira. — É hora do jantar.

Mas nada parecia suficiente para fazer com que o golden retriever se alimentasse. Ele ficava parado, olhando impassível para a comida, depois olhando para Fielding, e esperando.

Finalmente, em março de 1995, Fielding voltou para casa com uma novidade.

— Consegui um trabalho integral — ele disse aos pais —, em uma *start-up*, no centro.

— Aleluia! — disse Ginny.

— Finalmente teremos tranquilidade por aqui! — exclamou John. — Chegou a hora tão esperada!

Naquela mesma noite, conversando ao telefone com a irmã, Fielding expressou sua maior preocupação sobre o futuro:

— Eles só permitem que eu o leve ao trabalho às sextas-feiras.

— Ele vai sobreviver, Fields.

— E se ele se sentir sozinho?

— Você quer morar com a mamãe e o papai para sempre? — perguntou Peyton. — Como indica o teste de Myers-Briggs — disse ela, imitando o tom de voz da mãe —, você poderia encontrar conforto em um comportamento extrovertido e improvisado.

— Entendi — disse Fielding.

— Você poderia mandar o cachorro trabalhar no seu lugar. Ele poderia ser mais eficiente.

— Muito obrigado.

— E o cheiro dele é melhor que o seu. Isso sem dúvida.

— Eu amo você também, minha irmãzinha — disse Fielding.

19

A casa da família Marshall ficou mais calma sem a presença de um filho e de seu cachorro. Uli, por sua vez, parecia triste ao ver sua companhia indo embora. Juntos, eles conseguiram assustar três carteiros, um entregador e um adolescente que vendia ingressos para o show da sua banda. Felizmente, ninguém jamais reclamou nem entrou em contato com as autoridades.

Porém, havia um problema maior. O efeito duradouro do incidente com a massa de pão fez Virginia Marshall passar a se preocupar com a saúde de Gonker. Aos seus olhos, ele precisava de cuidados melhores. Fielding não parecia maduro o suficiente para cuidar bem do seu cão.

Se Gonker fora capaz de ultrapassar uma cerca elétrica e comer uma tigela de massa de pão (mesmo dentro da relativa segurança e ordem da casa de Virginia) o que poderia fazer no próximo paradeiro de Fielding? Todos os aspectos dos cuidados com Gonker se tornaram parte integrante do relacionamento de Fielding com sua mãe. Quando ele encontrou um apartamento em West Falls Church (atrás de um Food Lion e um Dunkin' Donuts), Virginia decidiu se assegurar que o cachorro continuaria visitando o veterinário regularmente.

— Claro que sim, mãe.

— E você vai limpar os dentes dele?

— Claro que vou.

— E vai escovar Gonker? Ele gosta de estar limpo e bem escovado.

— Mãe...

— Você vai fazer isso?

— Vou, mãe.

— Ele é um menino tão doce...

— Ele pesa quase trinta quilos — retrucou Fielding. — E agora com os *donuts* vai pesar ainda mais.

Gonker adorava *donuts*. E os comia de maneira singular — uma maneira que deixou Fielding assombrado da primeira vez que o viu comendo esse doce. Ele pressionava o *donut* contra o chão, até conseguir enfiar a ponta do focinho na massa. Depois erguia a cabeça, atirando o doce ao ar, para logo abocanhá-lo. *Que delícia*.

E também parecia saber o nome dos sabores. O seu preferido era canela. Quando Fielding lhe perguntava, usando certo tom de voz: “Canela?”, ele latia de maneira entusiasmada.

Porém, o Dunkin’ Donuts era o ponto alto de viver em West Falls Church. Aquele era um tipo bem diferente de subúrbio, mas ainda assim um subúrbio. A três paradas do final da linha laranja do metrô de Washington, havia um mundo de vastos campos pavimentados, repletos de estacionamento, pequenos shoppings e franquias de lanchonetes. Por volta de 1995, a cultura dos shoppings centers, instalada nos Estados Unidos no final do século XX, parecia em ebulição em West Falls Church. Cada construção era uma reprodução de outra igual, existente em vários outros pontos do país. Poderíamos estar *lá* (sentados em um Applebee’s, Chili’s ou comprando em uma Ross Dress for Less) ou então em um subúrbio de Omaha, de San Diego ou de Fort Lauderdale. A paisagem seria sempre a mesma, e os odores eram espalhados no ar às toneladas. Embora Gonker não parecesse se importar, Fielding acabou sentindo falta do passado em Charlottesville, da cabana onde vivia e dos acres de bosques virgens. E também dos seus barris de cerveja. E tudo porque ninguém sequer *tentaria* reproduzir aquela cabana em lugar nenhum do mundo. Portanto, em uma noite de sexta-feira, ele ligou para Noel.

Seu amigo nunca saía de Charlottesville. Ele tocava baixo em uma banda que misturava *bluegrass* e *jazz*, aceitando trabalhos ocasionais.

— Ei, cara — disse Noel, ao atender. — Como vai a vida? Estou comendo uma pizza.

— Minha vida anda meio parada — respondeu Fielding. — E a sua?

— A minha anda incrível, cara — respondeu Noel. — Incrível! Eu passei a semana inteira jogando *softball*.

— O fim de semana, você quer dizer? — perguntou Fielding.

— Não, cara. A semana inteira. Nós começamos a jogar na segunda, seguimos jogando até o final do dia e, você sabe, ninguém se lembrava

quem estava ganhando, entende? Por isso, recomeçamos o jogo no dia seguinte. — Ele fez uma pausa. — E recomeçamos mais algumas vezes.

Fielding suspirou. Ele estava sentado na minúscula varanda do seu apartamento, uma varanda com vista para um estacionamento com letreiro de neon, um anúncio amarelo da NAPA Auto Parts, que acendia e apagava. Ele passara o dia no seu posto de trabalho, programando com código JavaScript, uma linguagem de programação que conseguira aprender sozinho. Naquele momento, vagamente nauseado, ele estava sentado ao lado de Gonker, acariciando a cabeça do cachorro.

— Você está muito chapado? — perguntou Fielding.

— Ah, cara — respondeu Noel. — Nossa...

Fielding balançou a cabeça.

— Bom saber que as coisas não mudaram muito por aí — disse ele.

20

Meses se passaram. No dia quatro de julho de 1995, Fielding voltou para casa para fazer uma visita. Ginny passou a semana inteira se preparando para a chegada do filho: fez sua cama, comprou uma caixa de biscoitos caninos em uma loja especializada, começou a pensar em um menu elaborado para a família.

Fielding saiu de casa na manhã do feriado, sentindo-se fraco e sem energia. Quando abriu a porta, Gonker desceu do carro. Normalmente, seu cachorro vivia entusiasmado e agitado, praticamente incontrolável, mas ele mudara. Quando viu Uli, Gonker não latiu. Ele simplesmente gemeu um pouco e pareceu sorrir ao cumprimentá-lo. Os dois cães foram para o jardim e se deitaram na grama. Gonker pousou a cabeça nas patas.

Preocupada, Ginny levou duas tigelas de ração para o lado de fora. Uli devorou a sua, mas Gonker nem tocou na comida. Uli se aproximou e roçou o focinho no pelo do amigo. Gonker não se moveu. Uli voltou à tigela de comida e terminou de comer, agitado. Olhou de volta para Gonker, depois se sentou ao lado da tigela de comida do amigo, protegendo-a.

— Tem algo errado, Fields — disse Virginia, parada na porta, olhando para o jardim.

— Ele está com calor, é só isso.

— Ele nem tocou na comida.

Fielding franziu a testa.

— Ele está bem.

Mas Ginny ficou preocupada. Ela amava Gonker — tinha sentido sua falta. Portanto, ao vê-lo abatido, sentiu um nó na garganta. Era uma sensação visceral, como se alguém torcesse suas entranhas com força.

Fielding mal conseguia ficar de pé. Naquele dia, comera apenas uma maçã e uma cenoura. Ele estava seguindo uma dieta de alimentos crus, e assim esperava conseguir algum alívio. E se ajoelhou ao lado do companheiro, acariciando seu pelo dourado.

— Estamos apenas um pouco cansados, certo? — ele perguntou.

Virginia balançou a cabeça.

— Não — disse ela. — Não é só isso.

John se aproximou e parou logo atrás deles dois.

— O que estou vendo — disse ele —, é um animal doente.

Era parte do enorme coração do cachorro não se mostrar doente aos olhos do seu amado dono. Gonker estava doente, mas Fielding não era capaz de enxergar. Sempre que ele se aproximava do cachorro, Gonker se levantava, agitava o rabo, tentava agir de maneira normal, tentava se mostrar feliz, tentava ser o mesmo de sempre. Ele reunia toda a energia que ainda lhe restava e fazia um esforço gigante para agir como um cachorro normal. Naquele exato momento, ele rolava o corpo no chão e parecia sorrir para Fielding. Ele cheirou a palma da mão do dono, mas só por alguns segundos. Logo depois, fechou os olhos e pareceu ficar inconsciente. Fielding olhou para a mãe, indicando que estava ficando nervoso, que parecia haver algo *realmente* estranho acontecendo com seu companheiro. E, como logo descobririam, Gonker estava muito doente.

21

Em 1855, o doutor Thomas Addison foi o primeiro a descrever a doença que leva seu nome, um problema nas glândulas suprarrenais que, se não for tratado, leva à morte. Trata-se de uma doença que atinge humanos e animais.

As pessoas que sofrem dessa doença nunca estão livres de uma crise, podendo sentir seus debilitantes efeitos a qualquer momento, pois o corpo deixa de produzir glicocorticoides suficientes. Sem glicocorticoides, entramos em um estado conhecido como insuficiência suprarrenal. Sentimos uma dor que nos debilita, nossa pressão sanguínea desaba, lutamos para manter a consciência e, sem medicação, entramos em coma e morremos. Tal processo pode ser bem rápido, mas com modernos remédios sintéticos o controle é fácil.

John F. Kennedy tinha essa doença. Seu médico foi chamado à Casa Branca várias vezes, a fim de monitorar suas crises. Kennedy tomava remédios para mascarar os sintomas, mas eles persistiam, causando enorme dor. Em momentos decisivos de sua presidência, chegou a tomar seis injeções diárias, muitas delas com esteroides que o mantiveram vivo. E Kennedy não foi o único famoso com a doença. Muitos pesquisadores atuais dizem que, embora nunca diagnosticada, Jane Austen morreu por conta do mesmo problema, que lhe roubou a visão, depois sua habilidade de caminhar e, por último, sua vida.

Na noite do dia quatro de julho, Gonker se escondeu debaixo da cama. Ninguém conseguiu tirá-lo de lá. Ele queria apenas ficar na escuridão. No dia seguinte, Virginia conseguiu persuadir Fielding e o levaram ao veterinário. John foi com eles. Os Marshall seguiram ao Hospital

Veterinário de Great Falls, com Gonker no banco traseiro, deitado no colo de Fielding.

Quando o doutor Henshaw viu os sintomas de Gonker, pediu um exame de sangue. O resultado chegou em uma hora.

— Doença de Addison? — perguntou Fielding. — Nunca ouvi falar.

O doutor Henshaw logo disse que era sério, mas que poderia não ser fatal se tratado com cuidado. Gonker tremia. Ele caminhava pelo chão do consultório, como se encontrar uma posição confortável fosse impossível.

— Ele poderia tomar algo para aliviar a dor? — perguntou Fielding. — Algo imediato?

— Precisamos ver como ele reage à medicação — explicou o doutor Henshaw. — Mas primeiro você precisa tomar uma decisão.

Ele fez uma pausa, depois explicou que havia duas alternativas, e que a decisão deveria ser tomada rapidamente. Ele poderia tratar Gonker com pílulas ou injeções. Fielding teria que dar pílulas diárias ao cão, o que seria mais barato que as injeções, que teriam de ser administradas no consultório do veterinário a cada quatro semanas, sob a supervisão cuidadosa de um clínico.

— O que você faria — perguntou Fielding ao veterinário —, se Gonker fosse seu?

O veterinário se aproximou do cão, franziu os olhos e acariciou sua testa. Seu olhar era cuidadoso e calculista ao mesmo tempo.

— Eu? — ele perguntou. — Não sei. A decisão é de vocês. Porém, seja lá o que escolherem, saiba que o processo exigirá vigilância. — E fez outra pausa. — Atenção total.

Fielding olhou para Gonker, que gemia e tremia. Nos últimos vinte minutos, ele começara a lamber o flanco e gemer, e o fazia repetidas vezes. Fielding sabia que, em cães, isso costumava ser um sinal de medo. Ele estaria com medo, pensou Fielding, do que seu corpo sentia?

— Vamos dar as injeções — ele decidiu. — E vamos começar agora.

O doutor Henshaw assentiu. Saiu momentaneamente do consultório, depois voltou com uma enorme injeção cheia de um fluido amarelado.

— As próximas 24 horas — disse ele — nos dirão tudo o que precisamos saber.

— Poderia ser tarde demais? — perguntou Virginia.

— Não acredito que seja o caso — respondeu o doutor Henshaw. — Ainda não. No entanto, como nunca se sabe, vocês poderiam se despedir

dele agora. — Depois se virou e aplicou a injeção em Gonker. O cachorro pareceu nem perceber. Isso feito, o veterinário ficou acariciando as orelhas do animal. — O excesso de crises — disse ele — pode ter gerado um efeito acumulativo. Ele poderia estar fraco demais para conseguir se recuperar.

E falava olhando para Virginia, que pigarreou, antes de dizer:

— Gonker pertence ao meu filho.

E o doutor Henshaw olhou para Fielding, falando apenas com ele.

— Caso ele fique bem, não pense que estará curado. Muita gente comete esse erro. — E esperou até que suas palavras fossem assimiladas. Fielding fez que sim com a cabeça, um sinal de que entendera. — Não existe cura — disse o médico. — Ele precisará de injeções mensais, e você deverá observá-lo cuidadosamente pelo resto da vida dele.

Após a primeira injeção de hormônios sintéticos, pouco a pouco Gonker foi melhorando. Durante várias semanas, Fielding lhe deu comida na boca, preparou as refeições de Gonker, e só lhe ofereceu alimentos frescos e orgânicos.

— Aqui está, meu amigo — ele dizia. — Tudo orgânico e de animais criados soltos, sem consumir substâncias químicas.

Gonker, verdade seja dita, parecia valorizar o esforço do dono. Com os hormônios acumulados em seu corpo, ele gradualmente recuperava energia. Voltou a olhar para os pássaros, demonstrando sentir fome. Seu prognóstico em longo prazo, o veterinário disse na primeira revisão, era bom. Se continuasse tomando as injeções sintéticas de cortisona, prednisona e acetato de fludrocortisona, sua saúde provavelmente deixaria de se deteriorar.

Certa vez, ao receber a visita de Fielding e Gonker, Ginny pegou um embrulho e ofereceu ao cachorro. Dentro, havia uma fatia de torta, presente que seria admirado por qualquer cachorro. Fielding ficou observando Gonker abrir o pacote com os dentes e as patas. Era uma torta de maçã, sua favorita. Animado, Gonker comeu, depois se deitou frente à lareira da família, onde uma série de animais de estimação dos Marshall descansaram ao longo dos anos. Ginny, em certo momento, sentou-se ao lado do filho. Eles ficaram observando Gonker dormir. Não disseram uma palavra.

23

Quando um cão depende de nós, nós dependemos dele; a relação nunca opera em apenas um sentido. Existe algo fundamental em cuidar de um animal: isso nos abre ao cuidado, à calma, à graça. Trata-se de um relacionamento longo e lento, construído com centenas de ações diárias. Acordar, preparar a comida, sair para passear, voltar para casa, preparar a comida, sair para passear.

Em seu breve, porém mágico livro *Creaturely and Other Essays*, Devin Johnston reúne uma série de artigos sobre animais: animais que vivem no interior ou à margem do nosso mundo humano. Habitantes de cidades, todos eles: cães, estorninhos, gralhas, esquilos, ratos. Em um dos relatos, o autor leva seu border collie, Chester, para passear por St. Louis. Durante esses passeios, ele entra em contato com a cidade em várias horas do dia ou da noite, e esse contato lhe oferece a estrutura de um livro. Os artigos versam sobre temas variados, mas a presença dos animais em nossas vidas (muitas vezes de maneira invisível, não considerada, não notada) é recorrente. No parque Tower Grove, no centro de St. Louis, Johnston observou uma coruja: “Dei dez passos à direita e ergui meus binóculos: os olhos paralisados da coruja permaneceram fixos em mim, e a área ao redor de suas pupilas era amarelo-cromo. Sou mais observado do que observador”.

Sou mais observado do que observador. Em que medida os cães que vivem ao nosso redor são cruciais para nosso bem-estar? Dê uma volta, procure um local onde as pessoas levem seus cachorros para passear e você verá. Humanos reunidos, parecendo despreocupados, compilando uma série de álbuns de imagens doces, que nos livram das pressões do mundo adulto — um convite à exploração, à imaginação. A vida moderna

pode ser tecnologicamente estressante. Cadê o tempo para o descanso? Os cães nos oferecem isso, se aceitarmos, todos os dias.

A internet está repleta de vídeos de momentos em que deixamos de lado nossas consciências para simplesmente *estar* com os animais: vídeos de cães cumprimentando soldados retornados da guerra, vídeos de animais sendo resgatados de maus-tratos ou de pessoas salvando animais. Um russo, por exemplo, mergulha os braços em um lago congelado para salvar um labrador preto. Esses são momentos de ações simples, de presenças fáceis. Usando um termo emprestado da yoga, poderíamos chamar de *vinyasa*, uma ação presente e contínua ligada à respiração. Como diz Elizabeth Gilbert, em *Comer, Rezar, Amar*, trata-se de “um lugar de presença eterna, de onde podemos enxergar a nós mesmos e o que nos cerca com equilíbrio”.

Na primeira noite de volta ao apartamento, Gonker se sentou aos pés da cama de Fielding, no lugar de sempre, em sua caminha de cachorro. Ainda assim, Fielding continuava percebendo uma estranha sensação de perda. Só conseguiu dormir depois de muito se revirar na cama. Seus sonhos eram espasmódicos. Neles, caminhava em uma paisagem vazia, buscando algo que perdera, embora não conseguisse visualizar nem soubesse como se chamava. Como continua acontecendo, em seus sonhos estava Rebecca. Ela aparecia do nada e caminhava ao seu lado.

— Você me perdeu — ela disse —, não foi capaz de me manter ao seu lado.

E ele se sentou, assustado, com os olhos arregalados, vendo a luz do sol entrar pela janela. Ao seu lado, deitado no colchão, estava Gonker, que subira na cama no meio da noite. Por conta dos seus pesadelos, Fielding arrancara tufo de pelos do cachorro. O pelo dourado de Gonker continuava entre seus dedos. Mas o cão dormia profundamente.

PARTE 4

A pulga e o leão

RAMBURES

Essa ilha inglesa alimenta criaturas valentes;
Seus cães de guarda são de uma coragem
inigualável.

DUQUE DE ORLEANS

Vira-latas tolos, que se atiram de olhos fechados à
boca de um urso russo e têm suas cabeças
destruídas como se fossem maçãs podres! Da
mesma maneira, os senhores poderiam dizer que
uma mosca é valente quando ousa tomar seu café da
manhã nos lábios de um leão.

CONDESTÁVEL

Exato, exato; esses homens são como seus cães de
guarda frente aos robustos e ásperos ataques;
deixando a inteligência com as mulheres. E lhes
oferecem bons bifês, ferro e aço, que eles comem
como lobos, combatendo como demônios.

SHAKESPEARE, HENRIQUE V, ATO III, CENA VII

24

No dia 10 de outubro de 1998, quem estivesse em um avião, olhando para a trilha dos Apalaches, talvez enxergasse um pequeno ponto amarelo vagando furiosamente entre as árvores. Além disso, talvez enxergasse Fielding ao lado de Noel, levantando-se após escorregar na lama. Os dois procuravam Gonker, gritavam seu nome, enquanto a escuridão começava a tomar conta do ambiente.

Fielding caiu novamente, desta vez escorregando nas tábuas de uma ponte coberta de lama, indo parar em um riacho escuro. Suas canelas (as duas) ganharam grandes feridas, e o sangue começou a jorrar. As feridas estavam sujas de lama e mato. Eles continuaram a busca durante a noite, caminhando, seguindo para frente e para trás, gritando o nome de Gonker. Eram as duas únicas figuras em uma vazia paisagem outonal.

Após as dez da noite, em um restaurante de Salém, na Virgínia, eles se sentaram para conversar sobre o que acontecera. Fielding estava tão mal que não conseguiria comer nada, mas resolveu pedir um café, sobretudo para ter o que segurar, para olhar para alguma coisa, para não chorar.

— Você fez tudo o que pôde, cara — disse Noel. — Nós nunca o encontraríamos à noite.

Isso poderia ser verdade, mas de alguma maneira Fielding sentia que deveria ter continuado tentando, que deveria ter feito mais. Mas ele não disse nada. Permaneceu sentado, em silêncio, segurando sua xícara de café e olhando para o líquido escuro. Deixou que o calor do café penetrasse em sua pele, que parecia começar a queimar, mas nem assim ele se moveu.

Em McLean, John e Ginny tinham preparado um jantar leve e ouviam um CD: *A flauta mágica*, de Mozart, uma das obras preferidas dela.

O som do coral tomava conta da casa, com seus aleluias etéreos, flutuantes. Virginia segurava um copo de chá gelado, e os dois se sentaram para ler na espaçosa varanda, de frente para o bosque que terminava logo atrás da casa. A residência dos Marshall estava repleta de relógios mecânicos, muitos deles relíquias de várias partes do mundo, e programados para soar em sequência, com seus acordes ressoando durante dez minutos. A cada hora, o som em cascata dos sinos tomava conta do térreo da casa.

A conversa de John e Ginny, como sempre, englobava vários assuntos, de trabalho aos amigos, passando pela família. Ginny se levantou e voltou à cozinha, pois queria tomar mais chá. O telefone tocou. Ela fez uma pausa, bem ao lado da mesa da sala de jantar, com a bebida nas mãos. Olhou para o telefone, hesitando e deliberando sobre o que fazer. Por fim, pouco antes da secretária eletrônica entrar em ação, resolveu atender.

E Ginny nunca se esquecerá daquele momento. Ela sempre se lembrará da sensação do toque de sua mão no telefone, com o cheiro do jantar vindo da cozinha e o som de “Alles fühlt der liebe Freuden” ao fundo.

— Residência dos Marshall — ela atendeu, imaginando quem poderia ligar quase às onze da noite.

Era Fielding.

Ah, não, pensou Ginny, assim que ouviu sua voz.

Seu corpo foi invadido por uma sensação de medo, uma sensação visceral e fria.

De pé, conversando com Fielding, Ginny não parava de repetir a palavra “perdido”, uma e outra vez, pedindo ao filho que descrevesse seu dia em detalhes, para visualizar cada passo. Sem que ela percebesse, cinquenta anos de sua vida colapsaram em seus ombros. De repente, Virginia voltou a ser uma menina, chorando na porta de casa, olhando para Oji, chamando seu nome, repetidas vezes, mas sempre sem resposta, envolta pelo silêncio.

Ela continuava a pedir que Fielding contasse novamente a sua manhã porque ela queria ser capaz de se imaginar lá, de se localizar na cena do desaparecimento. Se pudesse fazer isso, conseguiria entender melhor o que acontecera. Poderia enxergar. E então, quem sabe, seria finalmente capaz de entender tudo. Mas não havia nada — não havia entendimento, não havia explicação —, apenas perda. Ouvindo a história do filho, algo surgiu no interior do seu corpo, uma emoção profunda, indomável. Algo vindo de um passado distante, esquecido.

— Eu sabia que isso aconteceria — disse ela. — Eu sabia. — E passou as mãos pelos cabelos, esfregando a testa com as pontas dos dedos, pois não entendia de onde nascia tanta raiva, tanta fúria. — Eu não entendo, Fielding. O que... O que há de errado com você?

Assim que disse tais palavras, ela se arrependeu profundamente. Ele estava apenas sendo ele mesmo, nada mais. Era o seu filho. Seu dever era protegê-lo, oferecer apoio, amar, e não deixá-lo ainda mais arrasado. Então Virginia pediu desculpas, uma e outra vez, dizendo que aquilo não passava de uma falta de sorte, que era incontrollável, que não era culpa de ninguém. Porém, bem no fundo, ela pensava outra coisa. Virginia sentia uma vergonha visceral, algo que a acompanhava desde a infância. Todos os

fracassos da sua vida, aos seus olhos, sempre foram culpa sua. De certa forma, era sempre *ela* a responsável. Deveria ter sido mais vigilante. Deveria ter mantido o controle. Deveria ter percebido que algo estava prestes a acontecer.

Na noite seguinte, quando Fielding apareceu em casa, os Marshall se sentaram na sala de estar para tomar um café. Quando a perda atinge uma família, ela não faz sentido. A falta do ser amado — seja ele quem for — está sempre presente, pairando no ar, especialmente quando todos estão juntos, e envolve a todos, deixando todo mundo consciente disso, mesmo quando não estão pensando diretamente no assunto.

— Eu vou conseguir — disse Fielding, após um longo silêncio. Ele lavara o rosto, mas não trocara as roupas sujas de lama. Sua calça estava rasgada à altura do joelho desde o momento da queda no riacho. Seus olhos permaneciam arregalados. Ele mal dormira, e pretendia voltar logo de manhã. — O trabalho não importa. Eu quero voltar ainda hoje. Meu chefe que me demita, se quiser.

— Não! — disseram John e Virginia, em coro e com veemência. Eles trocaram um rápido olhar.

— O que estamos querendo dizer é que você precisa descansar — disse John.

Mas Fielding balançou a cabeça.

— Eu deixei minha camisa por lá, para que ele a encontre. Preciso voltar. Preciso deixar claro a Gonker que estou de volta.

Uli se aproximou de Fielding e parou à sua frente, uivando baixinho, olhando para ele. Parecia querer entender a situação. Onde estava Gonker? Por que Fielding estava ali? Ele tinha trazido *donuts*?

— Fielding — disse Virginia —, você está muito agitado. — E reconheceu a sombra de um ataque de nervos no comportamento do filho. Seus olhos estavam vermelhos, sua respiração estava agitada, entrecortada. Ele não parecia capaz de se acalmar. — Vou pegar um pouco de água — disse ela. — Com gelo?

Os pais amam seus filhos de várias maneiras. Eles podem ser distantes, carinhosos ou fechados. Podem ser gentis, mas também podem ser brutais. Na verdade, não existe uma história de criança. Tudo o que existe são histórias de pais e filhos, e das formas como os pais constroem, destroem ou reatam os laços com seus filhos.

Em grupos que lidam com traumas, é comum que os participantes preencham um *checklist* a fim de analisar o quão grave foram afetados por seus pais:

- Eu não sentia que era amado nem festejado pelos meus por existir. Sempre pensei que deveria ser diferente ou que deveria fazer algo para ser aceito.
- Eu nunca tive a experiência de ser um “deleite” para os meus pais ou para as pessoas ao meu redor.
- Eu nunca ouvi afirmativas — palavras de aceitação ou validação.
- Eu nunca ouvi minha mãe nem meu pai dizerem: “Eu te amo”.
- Eu não tive pais que dedicavam um tempo para tentar me compreender ou me encorajar a compartilhar minha personalidade. Eles nunca perguntavam o que eu sentia, precisava ou queria.

Estas primeiras cinco perguntas são um instrumento de diagnóstico muito conhecido. E Virginia Marshall as carregava em seu subconsciente o tempo inteiro. Tentava evitá-las, pois as respostas revelavam uma devastação que pretendia fingir não existir. Ela vivia assustada, e não apenas por conta da negligência que sofrera, mas pelo medo de acabar fazendo o mesmo com seus próprios filhos. Ela temia que, mesmo esforçando-se muito, poderia repetir os erros que a fizeram sofrer.

Ginny voltou da cozinha com um grande copo de água nas mãos. Sem dizer nada, ofereceu o copo ao filho. Após alguns momentos de silêncio, Fielding perguntou ao pai:

— Você perdeu um cachorro, certo?

— Todo mundo já perdeu um cachorro — respondeu John.

— E você o encontrou?

— Não exatamente — disse John, mantendo um contato visual significativo com a esposa. — Mas isso não importa. Algo importante a se lembrar é nunca se desencorajar.

— Gonker está desaparecido nos Apalaches, pai.

— Tudo está ao seu alcance, Fielding.

— Aquele lugar tem milhões de quilômetros quadrados.

— E o intelecto humano é inesgotável em sua capacidade de inovar... — retrucou John, mas Fielding o interrompeu.

— Eu sei, pai. Eu sei.

— Fielding — perguntou Virginia, de repente —, que dia Gonker tomou sua última injeção?

A injeção. Fielding pensou na decisão que um dia tomara (e que não parecia relevante naquele momento) de administrar injeções em vez de pílulas. Caso tivesse escolhido as pílulas, Gonker teria, no máximo, mais alguns dias de vida.

Porém, antes que ele pudesse responder, sua mãe voltou à cozinha. Ginny pegou o calendário da família, que era mantido preso à parede. Sim, lá estava: ela marcara a data da última injeção de Gonker, que fora tomada há dez dias.

— Ele tem uns vinte dias pela frente — disse Ginny, olhando para sua família. Depois se sentou à mesa, observando a tabela bem ordenada de dias daquele ano. Gonker deveria tomar sua próxima injeção no dia primeiro de novembro.

— Isso não dá nem três semanas — disse Fielding.

Mas Virginia ficou em silêncio. Quando Gonker demonstrou seus primeiros sinais da doença, ela perguntou ao Hospital Veterinário de Great Falls o que poderia potencializar seus sintomas, e naquele momento se lembrou perfeitamente das palavras do veterinário: “Sem dúvida, o estresse”. O estresse poderia diminuir o intervalo entre uma crise e outra. Se Gonker se sentisse ameaçado, precisaria tomar sua injeção antes do tempo.

Isto é um cão.



Pequeno e doce, eis um retrato, uma imagem de algo que muitos de nós amamos, e que amamos além da razão, além da compreensão.

Um cão amarelo.

Quando molhado, ele fede como a água de um vaso de flores que não é trocada há semanas.

Quando sente medo, pode morder.

Quando sente fome, come praticamente qualquer coisa... Viva ou morta.

Quando sente curiosidade, enfia o nariz no que for.

Quando fica cansado, dorme onde estiver.

Quando se sente feliz?

Ele sempre está feliz. Ou quase sempre.

Quando se perde?

Ele precisa (acima de tudo) de carinho humano.

Não é fácil pensar no mundo de quinze anos atrás, quando a internet ainda era uma novidade e não existiam iPhones, GPS em nossos bolsos, Facebook, Twitter, nenhuma plataforma de mensagens baseada em afinidades nem aplicativos Android ou Apple para localizar cães perdidos. Em 1998, quando Virginia Marshall enfrentou uma séria crise familiar, ela não procurou nada online. Não visitou sites de anúncios. Na verdade, ela lançou mão de uma tecnologia do antigo milênio: o mapa.

Ela continua tendo o mesmo mapa, um grande mapa dobrável da Virgínia. Dois dias após o desaparecimento de Gonker, Ginny encontrou um grande mapa do estado produzido pela Rand McNally (dobrado e guardado no fundo de uma gaveta, debaixo do micro-ondas). Ela o pegou e o abriu sobre a mesa da cozinha. Era um mapa do estado que levava o seu nome, com suas artérias de estradas interestaduais e menores, claras demarcações de condados, cidades e do mundo natural, exterior.

A área da Blue Ridge Parkway, onde Gonker se perdera, estava a mais de 320 quilômetros do Distrito Federal de Washington. Ginny fechou os olhos e tentou imaginar. Ela se lembrava de uma área com aparência intimidadora, um emaranhado de montanhas verdejantes, quente no verão, mas tomada por vento e neve no inverno. A Virgínia era um estado de contrastes. A cidade de Washington, em seus limites ao leste, estava repleta de edifícios de concreto e shoppings centers. No entanto, as zonas rurais do estado, como Catawba, por exemplo, eram bem diferentes. Eram destinadas à agricultura. Nas eleições de 1996, sua população votou em peso em Bob Dole. A área próxima à trilha reunia fazendas de tabaco e soja, além de granjas de criação de perus em escala industrial.

Ginny pegou um marcador amarelo e destacou os nomes dos condados: Orange, Greene, Albemarle, Nelson, Amherst, Rockbridge, Rockingham, Augusta. Repetiu esses nomes inúmeras vezes, em silêncio, traçando a página com as pontas dos dedos. Naquele momento, imaginava tais palavras como algo mágico. Eram nomes que saltavam do mapa e preenchiam o ar com seu som. Logo depois, John apareceu na porta da cozinha.

— O que você está fazendo? — ele perguntou.

— Ele deve estar morrendo de frio — disse ela, olhando para o marido. — Naquelas montanhas, a temperatura costuma ser inferior a cinco graus durante a noite.

— Não acredito que Fielding perdeu o cachorro — disse John.

— Pois eu não acredito que ele tenha demorado tanto tempo para perder Gonker.

John apoiou uma das mãos no ombro de Ginny.

— Nós vamos encontrá-lo — disse ele. — Eu sei que vamos.

— Por que está dizendo isso? — ela perguntou.

— É simples — ele respondeu. — Porque eu acredito.

Mas Virginia continuava cética. O clima era um fator significativo na chance de sobrevivência de Gonker. O inverno se aproximava. Ela levava Gonker para ser tosado havia uma semana. Portanto, seu pelo estava curto, não o protegeria do frio.

“No meio da noite numa casa escura em algum lugar do mundo” é o título do sexto e último episódio da série televisiva *Cenas de um casamento*, do diretor sueco Ingmar Bergman. Ao mesmo tempo, trata-se de uma frase que evoca um espaço que costumamos ocupar (um local solitário, distante da vida cotidiana, em um cômodo privado, em silêncio) em uma casa escura que, de certa forma, é a nossa.

Naquela noite, Fielding retornou ao apartamento que alugara em West Falls Church. Na garagem, caminhando entre o que lhe parecia uma centena de carros prateados idênticos, ele parou para deixar que uma mulher com um carrinho de bebê passasse ao seu lado. Ela carregava uma pesada bolsa de fraldas dependurada em um dos braços, e na outra mão segurava a coleira de um pequeno cachorro branco (um vira-lata). Assim como Gonker, tratava-se de um cão de linhagem incerta. A mulher sorriu ao passar, e Fielding deu uma rápida olhada em seu bebê ainda pequeno, moreno, que dormia no carrinho, em paz. Logo depois, sentiu um choque invadindo seu corpo, uma espécie de iluminação: nossas vidas em potencial nos rodeiam diariamente.

Dentro do apartamento, no entanto, tudo parecia estranho e desconhecido. Sem Gonker, aquele lugar parecia desabitado. Ao atravessar a porta, ele se sentou no sofá, em silêncio. Começou a prestar atenção à sua respiração. Ele se sentia vazio. A falta de comida o esvaziara e o reconstruía. Ele era um homem novo. Embora continuasse tendo um corpo, uma parte essencial de si mesmo parecia desprovida de peso.

Uma perda espelhava outra, e outra e mais outra. Portanto, naquele momento — naquela noite, naquela casa escura, em algum lugar do mundo — ele começou a pensar em Rebecca. Sim, em Rebecca, que há tantos

anos desaparecera completamente da sua vida. E resolveu ligar para alguns amigos — aproveitando uma determinação repentina e implacável. Após uma hora, ele conseguiu o que queria: o número de telefone dela.

E ficou olhando para o papel, tocando sua superfície suave e fria com as pontas dos dedos. Rebecca se mudara para uma cidade nova, onde recomeçara sua vida sem ele. Fielding pegou o telefone. Um a um, digitou os números, fazendo uma pausa após o último e olhando para fora da janela, embora sem enxergar nada. Pressionou o botão de discagem.

Chamava. E rapidamente, muito mais rápido do que ele imaginava, Rebecca atendeu.

— Alô? — disse ela. Depois, após um momento de silêncio, insistiu: — Alô? Tem alguém aí?

Fielding sentiu um peso sobre seu corpo, um peso tão enorme que ele sucumbiu. Era um peso construído de lembranças, fragmentos de memórias: a imagem de Gonker correndo pela trilha, a imagem da menina pequena na incubadora, lutando para manter seu coração ativo. Esse peso enorme o paralisou, sequestrando sua voz. Ele percebeu que não seria capaz de dizer nada. Entendeu por que telefonara. E ficou esperando, em silêncio. Ela disse alô mais algumas vezes, depois desligou. Passado um momento, o som de discagem retornou ao seu ouvido.

Sinto muito, pensou Fielding.

— Adeus — disse ele, em voz alta.

29

“A trilha dos Apalaches não conduz apenas ao norte e ao sul”, escreveu Harold Allen, em 1834, “mas também ao corpo, à mente e à alma de um homem”.

Em 1900, o primeiro grande visionário da trilha, Benton MacKaye, se formou na Universidade de Harvard. Após sua formatura, MacKaye deu início a uma caminhada de seis semanas, seguindo uma série de trilhas que eram mantidas em graus variados de conservação, confiando em mapas desenhados à mão, que recompilara usando fontes diversas. No topo da montanha Stratton (que hoje é um resort de ski e abriga um campo de golfe com 27 buracos, usado em campeonatos), MacKaye teve a visão de uma longa e única trilha conectando a Nova Inglaterra ao sul do país, atravessando picos e vales da costa leste norte-americana. Ele viu um local que ofereceria, como diz a placa na montanha Springer, na Geórgia, “um caminho para quem busca a companhia do mundo selvagem”. A visão de MacKeye demoraria 37 anos para se transformar em realidade.

Várias empresas adorariam escavar a terra que se esconde sob a trilha, que é rica em minerais, carvão e gás natural. Ainda assim, a ideia da trilha dos Apalaches venceu qualquer potencial desenvolvimento da indústria ao longo do último século. Em parte, isso aconteceu graças à grandeza de seus espaços abertos; ao forte cheiro que o clima impregna no ar (um cheiro de chuva, por exemplo), que se forma na encosta de uma colina ou montanha e desce até nós; à chuva sobre nossa pele; às folhas rangendo aos nossos passos, à sensação de lama nas mãos, nas botas, sob nossos pés; às folhas mudando de cor, caindo; à neve nos esqueletos das árvores.

Bill Bryson termina *A Walk in the Woods* — o hilário relato em primeira pessoa do momento em que fracassou ao tentar atravessar a trilha dos

Apalaches a pé — desta maneira:

Agora entendo, como nunca antes, a escala colossal do mundo. Encontrei uma paciência e força que nunca imaginei ter. Descobri um país que milhões de pessoas mal sabem existir. Fiz um amigo. Voltei para casa.

Voltei para casa.

São 265 montanhas; 255 abrigos, nenhum deles aquecido e construídos com madeira; 35 mil quilômetros de caminhos repletos de lama e cascalho, atravessando 14 estados; centenas de espécies de plantas e animais; uma série de pontos de referência com nomes nada usuais e evocativos: Pico da Lontra, Fenda do Cavalo Negro, Fenda de Rockfish, o Padre.

E um único e solitário golden retriever.

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO DE 1998

Primeiro dia de busca

Comando Central.

Um telefone — um aparelho Panasonic sem fio — em cima de uma primitiva geladeira centenária feita de madeira de carvalho. Uma máquina de fax por perto. Um computador. Ao lado do micro-ondas e do mixer, gavetas repletas de antiguidades. HERCO MILD AND MELLOW. O MELHOR CHARUTO DE CINCO CENTAVOS DO MUNDO. Latas da virada do século dependuradas nas vigas de madeira do teto da cozinha, recipientes que em seu tempo guardavam COMPOSTO UNIVERSAL RUTLAND OU CÉREBRO DE PORCO SELECIONADO SWIFT. Cestas de vime, muitas delas feitas no século XIX, empilhadas em todos os cantos. O principal tema decorativo eram antiguidades norte-americanas. Tudo distribuído de maneira intrincada, escrupulosamente empoeirado, em excesso.

Nesse ambiente, Ginny deu início aos trabalhos. Ali, reuniu pilhas de listas telefônicas emprestadas da biblioteca pública. Uma cafeteira Cuisinart que não parava de preparar xícaras de café. E também um mapa do estado da Virgínia, aberto à sua frente, além de canetas, lápis e marcadores, e uma lista de ideias. Rotas. Na cabeça de Ginny, nunca havia espaço para questionar se encontraria ou não aquele cão — ainda que tivesse de chegar ao seu limite de resistência na empreitada, investindo horas e horas do seu tempo.

A pergunta mais importante era: para quem ligar primeiro?

Para os hospitais veterinários, ela decidiu.

Eles seriam a principal fonte de informações. Depois ligaria para todos os canis, para os locais de controle de animais nas pequenas cidades espalhadas pela vastidão dos Apalaches, na área em que Gonker desaparecera. Depois para as polícias locais. Para as igrejas. Para as escolas. Para as bibliotecas. E ligaria para todos os jornais, e enviaria faxes. Depois para as organizações de caridade (Elks Loge, Rotary Club e VFW). Para as guardas florestais. Para as prefeituras.

E isso seria apenas o início.

Ela também planejava telefonar para qualquer estabelecimento de certo destaque nas áreas em que estava buscando Gonker: para qualquer loja, é claro, e para a administração da Blue Ridge Parkway, além de cooperativas de crédito locais, estações de rádio, jornais e televisões, cujos âncoras estariam nas listas telefônicas, talvez até com seus telefones de casa. Depois, sem dúvida, ela passaria às pistas secundárias: qualquer uma recomendada na primeira ronda de telefonemas. E depois às terciárias.

Durante seus contatos, guardava o registro de todas as ligações em uma pasta com divisões marcadas por cores. Iniciou uma contagem usando um bloco de enormes Post-Its laranja. Numerou cada folha (de 19 a zero), representando o número de dias até que o organismo de Gonker ficasse sem reservas de acetato de fludrocortisona e cortisol. Esses eram os hormônios sintéticos que mantinham Gonker vivo; quando eles deixassem de correr em suas veias, a esperança seria perdida.

Para piorar a situação, estavam no começo do outono, o que marcava o início da temporada de caça. Gonker, movendo-se entre as folhagens, poderia ser facilmente confundido com outra coisa, com um animal maior. Por conta de uma imagem embaçada, poderia parecer um cervo em busca de abrigo. Ginny o imaginou sendo baleado por caçadores. Ela o imaginou ferido e cambaleando pela floresta, colapsando no chão frio, sangrando. Ou então doente, debilitado, vagando em uma pequena cidade, sendo confundido com um cão que sofre de raiva, como o cão raivoso de *O sol é para todos*, um dos livros preferidos de Virginia.

E havia coiotes. Para um grupo de coiotes, Gonker seria um aperitivo ideal, macio, suave e com delicioso sabor de cachorro. Ginny imaginou seu amigo querendo brincar com seus primos selvagens, aproximando-se deles, sorrindo, querendo entender por que eles também estavam perdidos

na trilha dos Apalaches. Eles o devorariam em segundos, sem que Gonker sequer pudesse cumprimentá-los.

Em qualquer cultura popular, existem centenas de histórias sobre cães, sobretudo sobre sua fé heroica e inabalável nos seres humanos. Todos os países parecem ter um cão famoso, lendário. Como Hachiko, no Japão. Em Cádiz, na Espanha, uma placa homenageia Canelo, um cão cujo dono morreu durante uma hemodiálise, em um hospital local. Canelo permaneceu do lado de fora do hospital durante doze anos, esperando que o homem atravessasse as portas giratórias e o levasse de volta para casa. Na Argentina, durante os últimos nove anos, Capitán, um pastor alemão, permaneceu ao lado da tumba do dono, recusando-se a ir embora, mesmo sob as piores condições climáticas. Em Tolyatti, na Rússia, uma estátua de bronze chamada *Monumento à devoção* foi erguida em honra a Constantine que, durante sete anos, todos os dias, retornava ao cruzamento onde sua família morrera em um acidente de carro.

A cultura norte-americana também tem suas histórias famosas sobre cães viajando longas distâncias em busca de seus donos. Bobbie, o cão andarilho, por exemplo, ficou famoso por viajar mais de quatrocentos quilômetros atrás de sua família, indo até Silverton, no Oregon. Tal devoção parece ainda mais pungente nos séculos XX e XXI, quando os piores aspectos da humanidade são postos em ampla exposição. A matança mecanizada das guerras modernas, o extermínio de milhares de pessoas com uma única bomba, as limpezas étnicas e os conflitos tribais que explodem em vários pontos do mundo, os horrores do genocídio: tudo isso é parte da maneira como nos enxergamos, da nossa crença nos limites do que as pessoas serão ou não capazes de fazer. Mas os cães quase sempre permanecem na linha, imutáveis, inalteráveis, previsíveis. E sua atitude frente a nós é sempre gentil. Os cães nos tornam mais humanos, ou mais próximos do que imaginamos como deveria ser um bom ser humano. Quando os escutamos, claro.

Talvez por isso a perda de um cão seja tão devastadora. Ficamos de coração partido ao ver anúncios de animais perdidos colados a postes, com os pedidos de ajuda que lemos em todas as redes sociais e ao encontrarmos buscas de informação sobre um companheiro desaparecido. E não são apenas os cachorros. Podemos encontrar a foto de Charlie, um amado gato doméstico, bocejando para a câmera, gordo e peludo. E de Brantley, um

coelho de cinco quilos e orelhas enormes, tirada pouco antes de desaparecer no meio da noite, após ter cavado sua rota de fuga por baixo da cerca do jardim. Perder esses animais implica a perda de um tipo de inocência que não existe com muita frequência em nosso mundo.

Em um estudo publicado em 1988 pelo *Journal of Mental Health Counseling*, S.B. e R.T. Barker descobriram que muitos donos de cães admitem se sentir mais próximos de seus animais que de familiares. Em “O laço humanos-cães: mais próximo que os laços familiares”, os mesmos autores pediram aos participantes de suas pesquisas que distribuíssem fichas, todas elas representando os membros de suas famílias e seus animais de estimação, no interior de um círculo que representava a eles próprios. Logo depois, eles ficaram sabendo que a experiência pretendia determinar o quão próximo se sentiam dos seres vivos que os cercavam. As conclusões foram decisivas: “Uma diferença estatisticamente significativa foi encontrada entre a distância entre participantes e cães e a distância entre participantes e grande parte dos membros de suas famílias.” E os pesquisadores sentenciaram: “Os cães estão mais próximos dos participantes do que os demais membros da família.” Qual foi a conclusão? “O cachorro foi posto mais perto do participante do que os demais membros da família em 38% dos diagramas.” Os cães, ao que tudo indica, penetram no interior de nossas almas. Eles vivem dentro de nós, em uma parte da alma que não costumamos acessar. Por mais compartimentos internos que construamos, os cães ultrapassam todas as barreiras. Quando entram em nossas vidas, não há maneira clara para que nós (*Homo sapiens sapiens* e *Canis lupus familiaris*) consigamos nos afastar.

A letra manuscrita de Ginny, nos faxes que enviou a vários pontos do estado da Virgínia, expressava seu pânico. As palavras não estavam alinhadas e as letras não se uniam completamente. Ela escrevia com pressa, enviando bilhetes à sua sempre crescente lista de contatos. No entanto, algo parecia vivo naquelas cartas. Em seus floreios, ao desenhar as letras, parecia haver uma esperança melancólica. E ela pedia — implorava, na verdade — por ajuda. Qualquer tipo de ajuda. “Esse é o meu querido animal de estimação”, sua letra parecia dizer. “Vocês poderiam me ajudar a encontrá-lo? Você, caro desconhecido, poderia me ajudar a trazê-lo de volta para casa?”

31

TERÇA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO DE 1998

Segundo dia de busca
Dezoito dias restantes

Isso é perfeito, pensou Fielding.

Ele preparou um panfleto, após ter passado a noite em sua mesa, incapaz de dormir. *Você me viu?*, ele digitou, acima de uma imagem de Gonker olhando com ar triste para a câmera. Enquanto trabalhava, o céu ficava cada vez mais claro. Ele imprimiu uma centena de cópias e as empilhou, deixando-as bem ao lado da porta.

Embora seus pais não gostassem da ideia, ele resolveu ligar e pedir uma semana de licença no trabalho. Fielding percebeu que não faria nada em Washington, pois ficava simplesmente caminhando pelo seu apartamento, esperando o telefone tocar. Ligou para a mãe assim que o sol surgiu no céu.

— Estou indo para a trilha — disse ele. — Neste exato momento.

Ginny cobriu o fone com uma das mãos.

— Ele quer voltar à trilha — ela disse a John. Os dois continuavam deitados na cama. — E vai voltar agora.

— Droga — disse John. — Eu vou com ele. Ele está mal, e eu não quero que fique sozinho por lá.

No Ford Expedition verde-escuro de John, pai e filho seguiram em direção aos Apalaches, passando das planícies costeiras próximas à capital ao sopé de uma cadeia montanhosa, e depois passando pelas montanhas.

Levaram Uli. A ideia era usar o cheiro de Uli como chamariz para que Gonker saísse do meio do bosque. Gonker sentiria o cheiro do seu velho amigo, pensaria na sua casa (e nos *donuts*) e surgiria para reencontrá-lo. Uli parecia animado com a viagem. Ele estava pronto para uma aventura. Ficou olhando pela janela traseira do carro, com a língua pendendo no canto da boca. Depois lambeu o vidro. Latiu ao ver seu reflexo.

A viagem foi longa. Eles rodaram quase 130 quilômetros pela Interestadual 66 Oeste, depois entraram na Interestadual 81 Sul. John percebeu que a viagem poderia ser uma boa oportunidade e começou a conversar sobre as políticas de uso da terra lançadas por Roosevelt, e também sobre a maneira como este governo delimitou as propriedades dos fazendeiros ao longo do vale.

— O governo Roosevelt disse que os fazendeiros acabariam dominando tudo — ele explicou ao filho. — E por isso os expulsaram dos pomares pelos quais estamos viajando agora. Trata-se do mítico ambiente rural dos Apalaches. As fundações das velhas propriedades estão caindo aos pedaços. Os fantasmas perdidos para sempre.

— Com sorte, um desses fantasmas não será Gonker — disse Fielding.

Ao norte de Harrisonburg, já nos domínios do condado de Rockingham, eles pararam para abastecer em uma loja de conveniência local. Imediatamente após descer do carro, Fielding teve a sensação de estar entrando em um país diferente. Os alto-falantes tocavam, em volume ensurdecedor, “There’s Your Trouble”, de Dixie Chicks. Do outro lado da bomba de gasolina usada pelos Marshall, havia uma picape Chevy repleta de lama, e seus pneus eram gigantes. Só os pneus, percebeu Fielding, eram quase tão altos quanto ele. Na entrada do tanque do veículo havia um desenho de Calvin, o menino travesso dos quadrinhos, e o logotipo da Universidade da Virgínia.

— Um típico aluno da graduação — disse John, ao sair do carro e olhar para a picape.

Fielding entrou no minimercado e localizou o quadro de avisos. Ele retirou alguns anúncios antigos para fixar o seu. Colocou três panfletos no quadro, deixando a foto de Gonker bem dominante entre todos os demais anúncios. Quando girou o corpo, viu a longa barba branca de um senhor parado bem atrás dele, em silêncio.

— A questão é: você o viu? — perguntou o desconhecido.

— Desculpe?

— Eu disse: “Você *o* viu?” E apontou para o teto.

— O homem que cuida das telhas? — perguntou Fielding.

O senhor fez que não com a cabeça.

— Jesus Cristo... Ele, com “E” maiúsculo... Nosso Senhor e nosso Salvador.

Os dois mantiveram uma conversa longa e educada. O nome do pregador era Dan Chambers, e ele prometeu que rezaria por Fielding, por seu pai e pelo cachorro desaparecido.

— Obrigado, senhor — disse Fielding, aceitando a oferta, sem se preocupar com os termos do acordo.

Antes de ir embora, porém, Dan Chambers segurou firme na mão de Fielding.

— Querido Deus — disse ele —, vamos rezar por este jovem e toda sua família.

Quando Fielding se sentou no banco do carona do carro do pai, empilhando os panfletos restantes, olhou para John e disse:

— Acho que acabei de me converter.

A área rural da Virgínia é um dos lugares mais bonitos do mundo, sobretudo no meio do mês de outubro. As folhas estão no último estágio de suas cores, transformando-se de amarelo-dourado em ocre profundo, de laranja em marrom-claro. É a temporada das maçãs. As folhas rangem sob nossos pés. Há uma neblina constante no ar. A cada poucos quilômetros, existem sinais de que estamos em um pomar: podemos colher nossas próprias maçãs, comprar cidra recém-preparada ou observar a preparação de purê de maçã, algo que muitos pomares fazem usando grandes caldeiras de metal.

Enquanto viajavam, Fielding ficou um bom tempo pensando no que aquela viagem significava para ele, e também para o seu pai. Em certo momento, com a rádio tocando baixinho e o mecanismo de descongelamento lutando para manter os vidros das janelas livres da condensação, Fielding deu uma rápida olhada no painel à frente do carro.

— Eu gostaria de agradecer, pai — disse ele.

— Mas ainda não fizemos nada — comentou John. — César só agradeceu aos seus generais quando ganharam a guerra.

— Eu não sou César — retrucou Fielding.

— Mas isso não significa que não possa agir como ele — disse John. — Todo mundo precisa de modelos nos quais se espelhar.

A Virgínia repleta de pequenos vilarejos abriu espaço para um ambiente mais amplo. O ponto em que Fielding perdera Gonker estava no meio do nada, onde um pequeno estacionamento e uma cabana de madeira eram as únicas interferências em uma vasta floresta. John e Fielding caminharam pela trilha dos Apalaches para o norte e para o sul, gritando o nome de Gonker. Eles encontraram turistas em busca das folhagens outonais, mas também alpinistas que levavam suas trilhas a sério, e que em grande parte seguiam ao sul, procurando o inverno. Todos se admiravam ao ouvir o nome nada comum do cão.

— O que é um Gonker? — perguntou um alpinista.

Fielding lhe entregou um panfleto.

Para as pessoas que os encontravam, eles eram, sem dúvida, uma visão incomum. John era um senhor mais velho, de barba branca, que vestia uma roupa que poderia ser descrita como “executivo casual”: mocassim, calça Dockers pregueada e, coroando sua cabeça, um chapéu Fedora tirolês verde-escuro com uma pena. E Fielding, vestindo um suéter gasto e uma calça Levi’s surrada, seguia logo atrás do pai.

John, no último momento, decidira levar seu velho megafone, uma relíquia sagrada da família — aquela dos seus dias como jogador de futebol americano no time da escola episcopal St. Stephen, em Alexandria, Virgínia. Agora ele gritava o nome de Gonker no megafone, o som alto o suficiente para ser ouvido no interior da floresta dos Apalaches. Se Gonker estivesse em qualquer lugar próximo, ele certamente viria correndo. O que os alpinistas pensaram desses dois homens estranhamente parecidos, que gritavam uma palavra inventada o mais alto que podiam, isso nunca saberemos.

Mas eles não tiveram sorte. Embora a paisagem fosse linda, o ar começava a esfriar, e após horas gritando, caminhado, gritando e caminhando, suas mãos e pés estavam dormentes. Fielding tremia ao caminhar, mas se recusava a deixar a esperança de lado, pois com seu próximo grito, Gonker poderia surgir logo atrás de um arbusto.

— O sol está quase se pondo — disse John, finalmente.

— Nós deveríamos seguir em frente — comentou Fielding. — É possível que ele se mova à noite, em busca de um local seguro.

— Os cães não são animais noturnos — retrucou John. — Muito menos Gonker. Se ele estiver em algum lugar, estará dormindo.

Durante horas, eles colaram panfletos em postes telefônicos de todo o condado. Depois, exaustos, seguiram a um drive-thru do McDonald's. O céu estava cheio de nuvens. Começara a chover. Fielding e John se sentaram no carro, comeram seus lanches, que vieram embalados em grandes sacolas de papel engorduradas. Uli enfiou o focinho entre os dois assentos dianteiros. Eles tinham pedido o sanduíche preferido do cachorro, um Big Mac, que o cão mastigou satisfeito, quase ruminando. No rádio, tocava uma música *country-western* sobre corações partidos.

Fielding ficou olhando para fora da janela. O clima por ali era terrível, menos de cinco graus e uma umidade brutal. A chuva ficara mais pesada. Pobre Gonker, pensou Fielding. O cachorro estaria ensopado. Em sua mente, tudo o que via era o calendário de Post-its laranjas na parede da casa dos pais. Ele resolvera chamá-lo, abusando do humor ácido, de “Contagem regressiva para o Apocalipse dos Addison”. No dia seguinte, teriam um dia a menos.

Fielding fizera uma reserva no único hotel de beira de estrada próximo à trilha. Sua ideia era que pudessem acordar o mais cedo possível e aproveitar duas horas adicionais, acompanhando o nascer do sol. Eles dirigiram até o pequeno hotel e pararam no estacionamento para dez veículos. Fielding entrou na recepção e entregou seu cartão de crédito ao funcionário. Passados alguns minutos, reapareceu no carro. Ele abriu a porta do carona e curvou o corpo para dentro, secando as gotas de chuva caídas no seu rosto. Olhou para John e franziu a testa.

— Eles não aceitam cachorros — disse Fielding.

John assentiu.

— Eu já imaginava — disse ele. — Entre. — E ligou o aquecedor.

Fielding entrou no carro. Eles ficaram um momento sentados, em silêncio.

— Nunca encontraremos outro lugar esta noite — disse John, finalmente.

— Poderíamos dormir no carro — sugeriu Fielding.

John fez que não com a cabeça.

— Eu vou lá dentro.

Fielding ficou observando o pai, com seu chapéu alpino e tudo, entrando no edifício. Cinco minutos se passaram, depois mais cinco. Por fim, John voltou ao carro caminhando depressa, com um amplo sorriso estampado no rosto. Sem dizer nada, abriu o porta-malas e pegou sua pequena maleta. Só então abriu a porta do carro e olhou para o filho.

— As leis insignificantes — disse ele, fazendo um gesto em direção à entrada do hotel e abrindo espaço a uma pausa dramática, antes de seguir — são para homens insignificantes.

Depois gargalhou, lançando um ruído altíssimo no ar, um ruído contagiante graças ao seu volume e velocidade. E Fielding, sem pensar, saiu do carro segurando a coleira de Uli.

— Pai — disse ele —, há uma multa de trezentos dólares por entrar com animais.

John parou, girou o rosto e balançou a cabeça, aproximando-se do filho.

— Vou contar uma história para você, Fields — disse ele. — Este é, na minha convicção, um momento oportuno. — Ele segurou a ponta da coleira de Uli. Para o espanto do cachorro, ele começou a usar a coleira como um chicote, gesticulando com a correia na mão e arrastando Uli para frente e para trás, enquanto falava.

— As antigas caravanas da Rota da Seda paravam em alojamentos em seu caminho ao Oriente — disse John. — E como, como você acha que esses alojamentos eram chamados?

Fielding olhou para o pai e respondeu:

— Holiday Inns.

— Caravançerais! — exclamou John. — E nos caravançerais havia uma entrada principal, com guardas e pontos onde se abrigar. E todos podiam entrar com seus camelos, passando pelos guardas, em segurança.

— Eu acho que não aceitam camelos por aqui, também — disse Fielding. — E, pai... por que isso importa?

— Meu filho — disse John —, isso importa porque estamos num desses caravançerais. E por isso temos uma obrigação, *uma obrigação absoluta*, de entrarmos com nosso camelo. — E fez um gesto em direção a Uli, que latiu. — Precisamos que este camelo descansa no nosso quarto. — John assentiu. — Além do mais, o balcão é tão alto que o recepcionista não o verá passar.

— Eu não vou pagar a multa — disse Fielding.

John ignorou seu aviso.

— Precisamos que nosso camelo descanse! — ele gritou, atirando os braços ao ar, em um gesto exuberante. Olhando para o edifício, e erguendo bem alto seu chapéu coroadado com uma pena, ele caminhou sem pestanejar nem olhar para trás.

Que escolha teria Fielding? Ele simplesmente seguiu o pai, puxando sua maleta com rodinhas, pensando nos comerciantes de especiarias sentados em camelos, sobre tecidos brancos, viajando quilômetros pelo deserto, atravessando rotas invisíveis, guiados pelas estrelas e pela luz de uma lua distante e brilhante.

QUARTA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1998

Terceiro dia de busca
Dezessete dias restantes

Claro que eles, pai, filho e cachorro, não foram descobertos. O pessoal do hotel não percebeu nada. O plano de John funcionara perfeitamente. Eles entraram e saíram com Uli, e passaram o dia seguinte na trilha, primeiro em direção sul, depois norte.

Enquanto caminhavam, o estômago de Fielding doía cada vez mais (uma dor possivelmente exacerbada pela ansiedade). A única coisa que funcionava, quando ele se sentia muito mal, era parar completamente de comer. E ele passou o dia inteiro em jejum, negando-se a comer. Nessa negação, havia uma simplificação, um conforto. Todas essas perguntas complicadas — o que comer, quando comer, quanto comer — desapareceram da sua mente. Restava apenas o vazio. E nesse vazio não existia dor.

Eles passaram por meia dúzia de pomares durante o dia, parando em todos eles para entregar panfletos e observar os caldeirões onde se preparava purê de maçã, além das centenárias prensas para extração de suco e as macieiras repletas de frutos. John experimentou uma boa dose de purê enquanto conversavam com as pessoas sobre o cachorro desaparecido, e Fielding fingia comer. Quando era obrigado a engolir pequenas quantidades, imediatamente sentia o alimento queimando ao atravessar seu estômago. Quando seu pai não estava olhando, ele esvaziava

o prato no fogo. E o dia avançava. Fielding e John seguiam os conselhos de todos, especialmente das pessoas mais experientes, que faziam trilhas. Afinal de contas, eram elas as pessoas que cobriam as maiores distâncias por ali.

Perto daqueles caldeirões, nos pomares, sentindo o cheiro de purê de maçã recém-preparado flutuando no ar, John e Fielding recontaram sua história uma e outra vez. Encontraram turistas (na maioria alemães) que estavam na Virgínia para presenciar o fim da transformação outonal das folhagens. Eles encontraram mais pessoas fazendo trilhas — homens e mulheres com mochilas de hidratação com água nas costas, e armações de ferro que ultrapassavam a altura de suas cabeças. Encontraram uma mulher, Sally Kramer, dona de uma farmácia local, que pegou meia dúzia de panfletos e prometeu espalhá-los por todo seu vilarejo, Fulks Run.

— Vou colocar nas duas lojas da cidade, na igreja e também na VFW — disse ela. — E isso vai ajudar.

Encontraram caçadores também, e todos usavam roupas em um tom laranja fluorescente. Eles costumavam abandonar seus postos de observação e se juntavam aos turistas ao redor dos caldeirões de purê de maçã. Fielding nunca vira uma concentração tão grande de roupas que brilhavam à luz do dia. À distância, pareciam pequenas fogueiras.

Talvez Fielding tenha imaginado não ter nada em comum com as pessoas reunidas ao redor dessas fogueiras, mas isso não era verdade.

— Estou procurando meu cachorro — disse a um caçador grandalhão, de aspecto bruto, que vestia um colete laranja e um boné da equipe de beisebol M.R. Ducks. — Ele estava sem coleira e se perdeu no meio do bosque.

O homem ficou calado por um tempo. Ele mascava tabaco Kodiak de sabor Premium Wintergreen, que finalmente cuspiu no chão.

— Quando eu era pequeno — disse o homem, seu rosto livre de qualquer expressão — perdi o poodle da minha avó.

Fielding assentiu com a cabeça. Ele sentia o cheiro mentolado do tabaco Kodiak. Ele deu uma olhada ao redor, vendo as árvores praticamente nuas, e também suas folhas douradas e alaranjadas caídas no chão, formando um mosaico brilhante.

— Você o encontrou? — perguntou Fielding.

O homem fez que não com a cabeça.

— Eu chorei feito um bebê — disse ele, cuspido novamente. — Aquele poodle era praticamente um gênio. Porém, quando ficou sem coleira... Bum! Desapareceu! De uma hora para outra.

Para Ginny, o terceiro dia envolveu uma série de faxes, cartas e telefonemas. Seu tom, naqueles comunicados, era dolorido e sofrido:

Aos cuidados de Tina Jornal Nelson County Times (804) 946-2684

Estamos desesperados buscando nosso cão de estimação — o anexo mostra os detalhes — e imaginamos que publicar um anúncio no seu jornal poderia dar bons resultados — envio também uma foto — não acredito que você possa utilizá-la mas ao vê-la poderá imaginar o quanto nosso Gonker é adorável.

Obrigada pela sua ajuda — Ginny Marsall Mãe de Fields (mãe do dono do cachorro)

As cartas eram lidas de um só fôlego. Não havia pontos. Não havia nada além de travessões, o que não era gramaticalmente correto. Tais travessões pareciam refletir um tipo de pausa momentânea, como o olhar arregalado de um soldado que observa o campo de batalha de uma posição elevada, percebendo o perigo em todos os cantos.

Você poderá imaginar, ela escreveu, o quanto nosso Gonker é adorável. Será? A fotografia era a mera imagem de um golden retriever. Um cachorro com aparência tranquila, sem dúvida, mas pouco mais do que isso. A foto chegava a ser um pouco desfocada. Mas o amor de Ginny, o amor que transbordava naquelas cartas, era o mais evidente.

Polícia de Wintergreen Oficial Graves (804) 325-1464

Obrigado pela sua ajuda — em anexo, seguem informações sobre nosso querido e desaparecido cão Gonker, que estamos desesperados para encontrar. Você poderia, por favor, postar a informação onde ela pode ser vista?

Nas anotações que fazia para si mesma, Ginny mantinha o mesmo estilo, como se as ideias surgissem em cascata, e como se tentasse encontrar uma maneira de abordar o problema. “Vamos precisar de lanternas”, ela

rabiscou em um pedaço de papel, “para atrair o brilho dos seus olhos — foi assim que eu e papai o localizamos certa noite, quando ele não queria voltar para dentro de casa.” Em outra anotação não finalizada, interrompida, ela dizia: “Recebi a primeira chamada. Perto do abrigo de Maupin Field, perto da Fenda de Reeds — VISTO — um cão como Gonker. Porém — muitos quilômetros ao norte de —” E o resto é interrompido pelo fim da página.

Era complicado ter paciência com a máquina de fax. O sinal era recebido e a máquina apitava, barulho que Ginny começou a temer tanto quanto temia o sinal de ocupado no telefone, ou o sinal de uma linha que tocava, tocava e tocava, sem resposta. Sua máquina, uma Magnafax Telecopier, tinha quase vinte anos de uso. Ela transmitia e recebia com uma lentidão incrível, e utilizá-la, segundo Ginny, podia ser mais lento do que entregar um documento em mãos.

Mas ela persistia. Vários faxes foram enviados. Porém, após tantos, ela finalmente enviou uma mensagem que mudaria tudo.

Era uma versão de sua carta-padrão. Desta vez, no entanto, endereçada a Bill Kirby, editor do *The News Virginian*, um pequeno jornal sediado no coração dos Apalaches. Ginny enviou o fax e se preparou para enviar o seguinte. Como acontecia com várias de suas comunicações, não obteve resposta. Porém, após cerca de uma hora, o telefone tocou.

The News Virginian não era um jornal enorme, e certamente sentia os efeitos do declínio da imprensa escrita. Seus ganhos com publicidade caíram de forma constante ao longo da primeira década e meia do novo milênio. Sua circulação, em 2015, não ultrapassava os 7 mil exemplares.

Em 1998, sua redação era do tamanho de um porão de igreja, e contava com copiadoras parcialmente desmontadas e uma impressora offset em perpétuo processo de conserto. Em um canto da sala havia uma lixeira de reciclagem, com uma miniatura de uma cesta de basquete em cima. Os repórteres amassavam seus rascunhos e os jogavam através da cesta na lixeira, que transbordava. No entanto, isso era parte da mítica da sala, junto ao cheiro de fumaça de cigarro que persistia no ar e que, independente de há anos não ser permitido fumar ali, parecia estar impregnado em suas paredes.

O que manteve o *The News Virginian* em funcionamento por tantas décadas foi sua devoção à comunidade local, ao município de Waynesboro, na Virgínia. Eles publicavam uma série de histórias de interesse humano,

relatos de competições esportivas escolares, das eleições locais, dos debates governamentais. Waynesboro não era grande — menos de 20 mil habitantes —, mas havia por ali um profundo sentimento de orgulho cívico. Ao receber o nome do “General Louco”, Anthony Wayne (o general da Guerra da Independência que ganhou seu apelido ao liderar um grupo de 1.350 soldados, na batalha noturna de Stony Point, usando apenas baionetas contra os soldados leais aos britânicos), Waynesboro sempre atraiu indivíduos que prezam a independência de pensamento. O jornal local era a mais pública e maior forma de comunicação no vilarejo. Era a conexão de Waynesboro, e de uma forma que nem os jornais nacionais ou de Charlottesville conseguiam ser.

O fax de Ginny chegou à redação ao lado de vários outros, mas deve ter sido o único escrito a mão. E a história atraiu imediatamente a atenção de Kirby: o amor inocente por um bicho de estimação desaparecido, a alta probabilidade de uma morte iminente. Ele voltou à sua mesa, pegou o telefone e discou o número anotado no fax. O prefixo era 703, e certamente viria de uma pequena área do estado, em um dos subúrbios de Washington.

O telefone tocou uma vez, e Ginny atendeu.

— Residência dos Marshall — disse ela.

Estava sem fôlego, como se vivesse ao lado do aparelho, esperando que tocasse. E, sim, ela vivia dessa maneira. Kirby se apresentou e agradeceu o envio do fax. Ginny, por sua vez, ficou atônita. Aquela, após vários dias de trabalho, era sua primeira chance real. Em poucos segundos, a história começou a ser contada, incluindo Oji, o akita, além de alguns detalhes de sua infância. Kirby escutava. Fazia anotações. E finalmente perguntou:

— Você poderia nos enviar uma foto do cachorro? Precisamos dela até as sete da noite. Se quiser, envie por e-mail.

Houve uma pausa na conversa.

— O que é um e-mail? — perguntou ela, em um tom leve e inquisitivo.

Kirby suspirou.

— Não se preocupe — disse ele. — Nós vamos dar um jeito.

Mas já eram três e meia. Por volta das cinco e meia, Ginny conseguiu entrar em contato com Fielding, que estava no hotel. Seu filho lhe explicou o que era um e-mail, mas não sabia como ajudá-la. Ele não poderia voltar a McLean e depois regressar ao hotel. Isso levaria no mínimo seis horas. Uma loja como a Kinko, uma copiadora com serviços

de envio, poderia funcionar, pensou ele — mas ele não sabia se o arquivo era pesado demais para ser enviado. Afinal, era uma fotografia grande e colorida.

Ginny teria que levar a imagem a Waynesboro, disse Fielding. Dirigir até lá e entregá-la pessoalmente. Só assim chegaria a tempo. Ginny aceitou sua proposta. Fielding a guiaria no processo de passar a imagem do computador a um disquete.

— Não é tão complicado — disse ele. — Eu prometo.

Mas Virginia teve uma ideia.

— Eu ligo de volta — disse ela.

Do outro lado da rua, em um declive gramado, vivia a família Emore. Tratava-se de uma família mórmon com dez filhos. Sendo mórmons, eram obrigados a dizer sim ao pedido de ajuda de qualquer pessoa. A cada primavera e outono, Ginny pedia aos meninos da família que retirassem os tapetes da sua sala de estar — deveriam carregar até os degraus da entrada da casa, espanar a poeira, descer ao porão e subir outro jogo de tapetes para a sala, que seriam dispostos em seus devidos lugares. Isso feito, ela oferecia aos meninos um copo de leite com achocolatado e biscoitos Oreo.

Aquela seria uma missão perfeita para o mais velho da família, pensou Ginny. Um menino de 18 anos que estava a ponto de partir para o Brasil em uma missão mórmon. Ele entendia tudo sobre aquelas novidades: disquetes e arquivos de imagem, e poderia dirigir até Waynesboro para levar a foto. Aliás, o que seria mais edificante para ele do que a oportunidade de atrair as bênçãos do Senhor através do trabalho? Ajudando uma família e um cachorro?

De: *The News Virginian*
15 de outubro de 1998

“Gonker” desaparecido na trilha dos Apalaches

Um golden retriever mestiço, que responde pelo nome de “Gonker”, desapareceu no sábado, dez de outubro, na trilha dos Apalaches. (...)

Ele foi visto pela última vez próximo ao abrigo de Maupin Field, não muito longe da Fenda de Reeds. Gonker tem seis anos de idade, está castrado e é um golden retriever mestiço. Seu pelo é dourado, com pontos brancos nas patas, barriga e peito. Ele usava uma coleira roxa e branca, com plaquinhas. Está em dia com todas as vacinas.

Gonker tem aparência saudável, mas sofre de uma doença séria, a Doença de Addison (um problema na glândula suprarrenal), e por isso toma medicação. Ele precisa voltar ao seu veterinário no dia 2 de novembro. Caso contrário, sua deterioração será rápida. Por conta da doença, ele cambaleia e cai. Seu dono não quer que as pessoas pensem que tem raiva.

O estresse agrava seu problema. E ele fica muito chateado quando se separa do dono. A família teme que esteja faminto, confuso e assustado.

Gonker é um cão muito inteligente e adorável. Ele responde bem ao seu nome. Em condições favoráveis, adora brincar correndo atrás de gravetos ou bolas.

Seu dono está “completamente arrasado”. Gonker era sua companhia constante há seis anos. Uma recompensa de quinhentos dólares é oferecida a quem recuperá-lo em segurança. Entre em contato com o número (703) xxx-xxxx caso tenha qualquer informação.

TERÇA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 1998

Quarto dia de busca
Dezesseis dias restantes

Ginny estava completamente desperta pouco antes das seis e meia, e tudo por conta do toque persistente do telefone. Fielding e John continuavam fora. Ela estava sozinha em sua cama *king size*, o que lhe parecia algo profundamente desorientador. Durante mais de trinta anos, sempre dormira com o pé encostado na perna de John. Sem tal contato, era difícil cair no sono.

Ela lutou para encontrar os óculos na mesinha de cabeceira.

— Alô? — disse ela, coçando o nariz e se concentrando para escutar alguma coisa, pois havia ruído no telefonema.

— Eu o vi — disse uma voz do outro lado da linha. Não houve preâmbulo nem explicação, apenas a voz de uma idosa, e com um forte sotaque dos moradores dos Apalaches, provavelmente um tanto embriagada. — Eu o vi, e ele não parecia bem.

— Sinto muito, senhora — disse Ginny. — Poderia repetir? A senhora está falando sobre o nosso cachorro, sobre o Gonker?

— Ele está com o meu vizinho — disse a mulher. Ginny continuou escutando, embora a mulher tivesse feito uma pausa para tomar um gole do que quer que estivesse bebendo. — Ele é um homem malvado.

Após cinco minutos, Ginny conseguira ouvir a história completa. O vizinho daquela mulher, Claude, tinha animais (*todos* os tipos de animais),

e eles viviam trancados em seu porão. Era impossível saber o que fazia com eles. E Gonker estava lá, sem dúvida. Pelo que vira, Claude levava o golden retriever para o porão aquela mesma manhã.

A história era estranha, mas ela conseguira sua primeira pista. Ginny agradeceu à mulher, anotou seu endereço e desligou o telefone. Em uma hora, pediria a John e Fielding que viajassem a Charlottesville. Eles rodariam durante meia hora, até encontrar Claude, que era um homem malvado. O que mais poderiam fazer? Precisavam seguir qualquer pista que surgisse.

Ela pousou a cabeça no travesseiro. Pensou novamente em Gonker, que estaria procurando por ela, por Fielding, por qualquer membro da família. Seu coração ficou apertado no peito, chegando a doer fisicamente. Ela fechou os olhos por um momento, querendo descansar só um pouquinho mais. O telefone voltou a tocar.

— Alô? — disse Ginny, mais bem preparada desta vez, com um caderno de anotações e uma caneta na mesa de cabeceira.

— Eu sei onde está o seu cachorro, senhora Marshall. Juro que sei.

Dessa vez a voz era masculina, mas novamente com um forte sotaque dos habitantes dos Apalaches.

Ginny sacudiu a cabeça e pegou o papel.

— Qual é o seu nome, senhor? — ela perguntou.

— Meu nome não importa. O que importa é que seu cachorro está na estrada, no meio.

— Na estrada, no meio? — ela perguntou. — O senhor quer dizer no meio da estrada, no canteiro central?

— Exatamente — ele respondeu. — Na área gramada. Nos arredores aqui do vilarejo, não muito longe da minha casa.

— Ótimo — disse Ginny. — Isso é ótimo.

— Ele foi atropelado por um carro — disse o homem.

Ginny ficou com o coração na boca.

— Ah, não... — disse ela, em tom suave. — Meu Deus... Por favor, isso não. Qualquer coisa, menos isso.

— Eles chamaram uma ambulância, mas não adiantou. Chamaram um padre também, da igreja católica.

Ginny franziu a testa, olhando para a escuridão do lado de fora. Deixou a caneta sobre a mesinha.

— Devo dizer, senhor, que sua história me parece improvável.

— Agora estão tentando ligar para o governador.
Silêncio.

— Talvez o governador possa poupá-lo. O cachorro não está fazendo mal a ninguém, sabe? Ele é apenas um cachorro, certo?

— Sim, senhor — ela respondeu. — E muito obrigada pela sua ligação.

— De nada, minha senhora. Sou apenas um cidadão norte-americano sempre em alerta, sempre pronto a ajudar.

Pensando bem, Ginny chegou à conclusão de que imprimir seu número de telefone no jornal foi, no mínimo, uma decisão arriscada.

A seguinte ligação surgiu 15 minutos mais tarde. Ginny conseguira descer as escadas e preparar um café.

— Vocês já encontraram o cachorro? — perguntou uma voz masculina, assim que ela atendeu, em tom duro, petulante e agressivo.

— Ainda não — respondeu Virginia.

— E nem vão encontrar — disse o homem.

E desligou o telefone.

Ginny estava tendo uma amostra repentina (e sem filtro) do que sua vulnerabilidade poderia atrair. Durante os dias que se seguiriam, falaria com pessoas que sentiam raiva diante da fraqueza. Incapazes de construir a vida dos seus sonhos, essas pessoas, pelo motivo que fosse, abusavam da paciência de Ginny. Ela era conivente. Estava completamente acessível, algo que via acontecer diariamente no Women's Center. Aliás, ainda criança, Ginny vivera o mesmo tipo de coisa.

Naquela tarde, Fielding e John chegaram a Charlottesville. Chovia quando estacionaram na rua, naquela área residencial próxima à universidade. À distância, uma sirene policial tocou, depois se calou, surgindo e desaparecendo, como se fosse um aviso.

— Vou deixar o motor ligado — disse John. — Vá dar uma olhada, Fields.

— Ele deve ser um assassino.

— Que bobagem, filho! A sua imaginação não tem limites.

— Sendo assim, por que você não desce do carro?

John começou a gargalhar. Ele gargalhava, gargalhava, gargalhava, até o momento em que lágrimas começaram a escorrer de seus olhos.

— Porque — disse ele, finalmente conseguindo expressar-se com palavras — alguém precisa ficar no volante do veículo que será usado na fuga.

No final das contas, Claude não era um homem malvado. Muito pelo contrário. Ele resgatava animais, depois os reabilitava, devolvendo-os à natureza. Trabalhava em parceria com a universidade e a sociedade protetora dos animais local. O problema de Claude era a birra de sua vizinha, que nunca o perdoou por ter construído uma cerca feia no quintal há mais de duas décadas.

Enquanto isso, na cidade de Nova York, por trás de uma fachada de concreto e vidro, no número 450 da rua 33 West, no quartel-general da Associated Press, a editora de notícias regionais dava uma olhada nas novidades da manhã. Entre elas, encontrou uma foto de Gonker. Fez uma pausa. Ficou olhando para o golden retriever por um momento, com o coração na boca. Ela encontrara uma história, a história de um cão perdido, uma história de pouco mais de duzentas palavras. No entanto, de alguma forma, parecia ter uma ressonância maior, mais profunda. Poderia interessar ao grande público.

Ela decidiu divulgá-la.

Quão longe pode chegar uma única palavra, sobretudo quando é inventada em um ambiente repleto de uma fumaça de odor suspeito? No caso do nome que Fielding inventou para seu cão, a palavra chegou a 1.700 jornais e 5.100 estações de televisão e rádio, em 115 países. Em um único dia, metade da população do planeta entraria em contato com a história da Associated Press.

Esse foi o escopo da história de Gonker, que começou naquele barracão decrepito e com cheiro de mofo, nos arredores de Charlottesville, na Virgínia. Repórteres da Rússia, China, Egito, Burkina Faso, Nova Zelândia e Chile, todos olharam para a notícia e enxergaram uma boa história. E quantas pessoas a leram? Milhares, certamente. Um número incalculável de pessoas leu o nome do pobre cachorro, e ficaram pensando nele por algum tempo.

35

SEXTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1998

Quinto dia de busca
Quinze dias restantes

— Estou parado aqui, em frente ao Exxon de Charlottesville, ao telefone — disse a voz do outro lado da linha.

— E ligou só para me dizer isso, meu querido — retrucou Ginny. — Quanta delicadeza.

— Vou comer salsicha empanada no café da manhã — disse John. — É uma delícia.

— Ótimo — disse Ginny. — Eu vou voltar a dormir.

— Não, espere — disse John. — Tem algo mais. Para o que você acha que estou olhando?

Ginny não respondeu nada, por isso ele seguiu em frente:

— Sem contar a salsicha empanada, claro. Tenho comigo um exemplar do *Daily Progress*, de Charlottesville.

— O jornal local?

— Sim, o jornal local. E sabe que nome estou lendo aqui, bem aqui, na capa do jornal?

Ginny se sentou na cama.

— Gonker? — ela perguntou.

— Estivemos ocupados — disse John. — Estamos conversando com algumas pessoas.

Dito isso, John começou a ler o artigo inteiro, em voz alta.

De: *The Daily Progress* Charlottesville, Virgínia

Cachorro perdido deixa companheiro preocupado

CHARLOTTESVILLE — Ele está perdido, assustado, precisando tomar remédios, provavelmente doente e possivelmente morrendo.

O melhor amigo de Fields Marshall está sozinho na floresta junto à trilha dos Apalaches, e não há muito que o dono possa fazer.

“Entrei em contato com todos que vieram à minha cabeça”, disse ele, em voz baixa, calma, triste, mas sob controle. “Coloquei anúncios em todos os lugares. Estou procurando por ele. Não sei mais o que fazer.”

A história do senhor Marshall deveria ser um passeio nas montanhas, mas terminou mal. Tudo começou no dia 10 de outubro, quando ele e seu amigo Gonker, um golden retriever mestiço de 6 anos, que era sua companhia constante, faziam uma trilha para aliviar o estresse de uma semana de trabalho.

Durante todo o caminho, Gonker deu algumas fugidas da trilha para sentir o cheiro dos bosques. Ele foi visto pela última vez perto do abrigo Maupin Field, usando uma coleira canina roxa e branca com placas e com sua identificação gravada em um *microchip* inserido entre suas omoplatas. O abrigo fica perto da Fenda de Reeds, próximo ao marco 16 da Blue Ridge Parkway, no ponto mais ocidental do condado de Nelson, ao sul de Afton.

Falta de medicamentos

Porém, esta não é uma simples história de um cão perdido. Se não for encontrado, Gonker morrerá em pouco tempo...

“Gonker sofre de Doença de Addison, que afeta suas glândulas suprarrenais, deixando-as em desequilíbrio”, explicou o senhor Marshall. “Nós descobrimos isso quando ele começou a se mostrar cada vez mais cansado, até finalmente não conseguir se mover. Quando o levei ao veterinário, fiquei sabendo que estava à beira da morte. Demorou um tempo, mas descobriram o motivo.”

Para manter suas glândulas suprarrenais sob controle, Gonker toma medicamentos regularmente. Os remédios fazem com que ele volte a sentir vontade de correr atrás de gravetos e bolas, como qualquer outro golden retriever.

“Temos até o dia primeiro de novembro, quando ele deveria tomar outra injeção. Porém, se estiver assustado ou estressado, é provável que piore e precise do remédio antes da hora”, disse o senhor Marshall.

“Se ele ficar doente, a doença fará com que comece a cambalear. As pessoas podem ficar com medo, pensando tratar-se de um cão doente, com raiva. Ele está doente, mas não é perigoso. Eu não quero que ninguém confunda sua doença com raiva, resolvendo matá-lo”, disse ele.

Pode parecer estranho, mas quando Gonker saiu da trilha o senhor Marshall não se preocupou.

“Eu não pensei em nada disso. Quando vivíamos em Charlottesville, caminhávamos muito pelos bosques, e ele dava passeios de dez, quinze ou vinte minutos, mas sempre

voltava ao ponto de partida”, disse o senhor Marshall, programador de computadores *freelance* que mora em West Falls Church.

“Desta vez, porém, ele não voltou”.

Companheiro carinhoso

O senhor Marshall adotou Gonker na Sociedade para a Prevenção da Crueldade Contra Animais de Charlottesville-Albemarle, quando ele ainda era um filhote. Na época, o senhor Marshall era aluno da Universidade da Virgínia.

“Fazemos tudo juntos. Passamos muito tempo na companhia um do outro. Agora que vivo na cidade tento fazer o melhor para ele, levando-o para passear sempre que posso”, disse o senhor Marshall. “Por isso não fiquei muito preocupado, até dar meia hora e ele não voltar. Não sei se ele foi atrás de um animal ou simplesmente sentiu um cheiro e se perdeu. Não sei o que aconteceu. Tudo o que sei é que preciso encontrá-lo.”

Com cartazes espalhados por toda a trilha, e todas as sociedades protetoras dos animais avisadas, não há muito mais a ser feito pelo senhor Marshall, além de esperar.

“Espero que, de alguma maneira, alguém o encontre, para que ele possa ser levado ao veterinário antes que seja tarde demais”, disse triste, com lágrimas nos olhos. “Quando o adotei, prometi cuidar dele até que ficasse velho. Hoje, espero apenas que não tenha morrido antes do tempo.”

Virginia ficou maravilhada ao perceber que a história contada pelo filho era ligeiramente diferente de como ela a enxergava. Era curioso ouvir a história de Gonker ser transformada sempre que a escutava, embora apenas um pouco. Seus olhos ficaram cheios de lágrimas.

— Ah, John — disse ela —, o que você acha?

— Eu acho que te amo, Ginny. E que esse cachorro... O que eu poderia dizer? Eu acho que ele é mágico.

— Você realmente acha que vamos encontrá-lo?

— Estamos marchando nessa direção, meu general — disse John. — Estamos marchando. Não perca a fé.

— E você, não perca nosso filho de vista — disse ela.

— Ele está sempre ao meu alcance. Não se preocupe. Ele está muito bem.

36

SÁBADO, 17 DE OUTUBRO DE 1998

Sexto dia de busca Quatorze dias restantes

Enquanto isso, a “Contagem regressiva para o dia do juízo final” era implacável.

Tarde da noite, no dia 17, o telefone de Ginny voltou a tocar: era a sexta chamada do dia. Ela pensou em não atender. O dia fora longo, e sua voz falhava de tanto que falara ao telefone. Ela repetia a história de Gonker com tanta frequência que estava começando a se sentir uma máquina. Estava perdendo o viés emocional, a sua urgência. Tudo começava a se perder no tempo.

— Residência dos Marshall — disse ela, em tom suave, segurando o fone com uma das mãos e apoiando a cabeça na articulação dos dedos. — Aqui é Ginny Marshall.

Silêncio do outro lado da linha. Logo depois, surgiu uma voz trêmula:

— Ginny — disse uma mulher —, meu nome é Rosa Lee Chittum. — Outra pausa. Os olhos de Ginny ficaram arregalados. Ela reconheceu aquele nome. — Você deve ter ouvido falar sobre a minha família na imprensa.

Ainda hoje, bebês continuam sendo trocados nas maternidades (mesmo em nossa era tecnológica, repleta de braceletes eletrônicos e exaustivos protocolos de segurança). As estimativas indicam que isso acontece pelo menos três vezes ao ano nos Estados Unidos. A probabilidade é

implacável, não se preocupa com os seres humanos, com o que imaginamos para nossas vidas, com as narrativas que construímos. E um erro, embora pequeno, pode gerar enormes consequências.

A história de Callie Johnson e Rebecca Chittum é um exemplo desse tipo de relato. Por algum motivo, nas primeiras horas do dia 1º de julho de 1995, no Centro Médico da Universidade da Virgínia em Charlottesville, uma enfermeira se confundiu com as identificações dos bebês. Eles foram trocados e enviados para as casas dos pais errados. Durante três anos, as duas famílias criariam as meninas como se fossem suas.

No entanto, por conta de uma elaborada disputa de paternidade envolvendo o pai de Callie Johnson, um teste de DNA revelou a verdade: a menina não apenas *não era* filha do seu pai, como também *não era* filha da sua mãe.

A família Johnson lutou para entender o que estava acontecendo. Uma busca nos registros do hospital chegou em Kevin e Whitney Chittum, e na sua filha, nascida na mesma hora que Callie. Novos testes foram feitos. Um erro foi apontado. Porém, no dia 4 de julho de 1998, um dia antes da confirmação dos testes de DNA, a história teve uma reviravolta trágica.

Kevin e Whitney viajavam até uma feira em Salém, na Virgínia, debaixo de uma chuva pesada. Eles tentaram ultrapassar um caminhão, mas a estrada estava escorregadia, o que fez a pequena van perder o controle, terminando do outro lado da estrada e batendo em um enorme caminhão. Os dois veículos passavam sobre uma ponte, e acabaram despencando mais de trinta metros, caindo em outra rodovia. Todos morreram. Callie nunca conheceu seus pais biológicos.

No outono de 1998, quando Gonker estava desaparecido, essa continuava sendo a história de perda mais repetida pelos jornais locais. Foram recolhidos fundos para a educação de Callie, e as duas famílias não sabiam como apresentar Rebecca Chittum para os pais biológicos. Os avós também ficaram arrasados por conta da perda, e o excesso de notícias nos jornais não estava ajudando.

Ginny não conseguia tirar essas famílias da cabeça, e pensou em escrever uma carta de condolências, oferecendo ajuda e preces — qualquer coisa que estivesse ao seu alcance. Ela conversou com vários amigos sobre o assunto. Ela e John sempre falavam sobre a tragédia. Eles enxergavam essa história como mais um exemplo da indiferença do destino, como uma

demonstração de que os acontecimentos humanos estão além das fronteiras do entendimento racional.

Naquela noite, escutando Rosa Lee Chittum, mãe de Kevin, se apresentando ao telefone, Ginny ficou sem palavras. Deveria lhe dizer que a tinha como uma amiga, que a família Chittum não saía de sua cabeça há meses? Ou fazer isso seria negativo, uma intromissão?

Mas Rosa Lee Chittum resolveu explicar o motivo da ligação. Como tantas pessoas, ela lera a história de Gonker no *The News Virginian*. Ela a lera de manhã cedo, ao se sentar para tomar uma xícara de café. Logo depois, para sua surpresa, ela estava chorando. As lágrimas desciam em cascatas pelas suas bochechas, molhando o jornal de uma maneira incontrolável.

Aquela foi, segundo disse a Ginny, a primeira vez que ela chorou após o terrível acidente que, no dia 4 de julho, tirou a vida do seu filho. Ela passara todo esse tempo em choque, incapaz de acessar uma área do seu corpo que deveria ser libertada, incapaz de viver o luto. De certa forma, a história de Gonker abriu essas comportas. Ela passou o dia inteiro chorando, mas naquele momento, embora ainda se sentisse arrasada, estava melhor.

— Não sei o que dizer à senhora — disse Ginny, balançando a cabeça. — Gonker é exatamente esse tipo de cão. De alguma maneira, ele aproxima as pessoas. Não sei como ele faz isso.

— Vocês o encontrarão — disse Rosa Lee.

— Estamos fazendo o possível — disse Ginny.

Poucos minutos mais tarde, desligaram. Sentada, atônita, ouvindo o eco da linha do telefone, Ginny se sentiu uma mulher de sorte. Mas também se sentiu culpada... Era complicado entender o que sentia. Ela se sentia grata por John, e por toda sua família, que sempre a apoiava em tempos de crises, mesmo quando ajudavam a construí-las. Fielding e John se mostraram prontos para defender Gonker e Ginny. Eles entraram em um quarto de hotel com um cachorro, passaram grande parte da semana subindo e descendo a trilha dos Apalaches, sempre com um megafone nas mãos. Para ela, isso era a definição de família: pessoas que, em tempos de crise, mostraram-se dispostas a nos ajudar, com um megafone nas mãos.

Seu pai teria feito o mesmo? Após desligar o telefone, Ginny caminhou até a sala de estar, ruminando tal pensamento. A louca intensidade das 24

horas anteriores a deixou arrasada. O telefone não parava de tocar, os trotes, as pessoas bem-intencionadas, Rosa Lee Chittum.

Ginny girou a manivela de latão que acendia a lareira a gás. Depois se serviu uma dose de vinho branco com uma pitada de licor de cassis. Ela se sentou no sofá, com os olhos viajando entre o quadro de lírios em tons suaves, pendurado logo acima da lareira, e a própria lareira. As chamas eram constantes e contínuas, alimentadas por uma válvula de gás natural. Elas não hesitavam. Por conta disso, eram diferentes das chamas de uma lareira de lenha, que aumentavam e baixavam de intensidade.

Ginny balançou a cabeça, arrasada pela simples lembrança do rosto do pai no momento em que ele entrou pela porta, no dia da morte de Oji. Seu olhar era sério. Ele franzia a testa. Ela se lembrava claramente de tudo isso, mesmo após 45 anos, pois a imagem fora marcada a fogo com aquele peso indelével das memórias da infância.

Nesse momento, Ginny entendeu o que devia fazer. Ficou de pé, e ao fazer isso quase derrubou um abajur. Ela correu para a bancada da cozinha. Em um canto, havia um grande rolo de cortiça, material que seria usado para substituir o mural. Ela pegou uma tesoura e cortou um grande retângulo. Em seguida, pegou um rolo de fita e prendeu o retângulo na traseira da porta de entrada da casa. Usando uma canetinha, escreveu no papel de um bloco de anotações:

EQUIPE DE HERÓIS

Ela prendeu o papel no topo do retângulo. Depois pegou outro papel e escreveu “Rosa Lee Chittum”. Em um canto desse papel, com cuidado, escreveu e circulou o número 1. Rosa Lee era sua primeira heroína. Ela prendeu o papel logo abaixo do outro. Na cortiça, havia espaço para duas dúzias de nomes. E ela provavelmente precisaria de todos eles.

DOMINGO, 18 DE OUTUBRO DE 1998

Sétimo dia de busca
Treze dias restantes

O que é o heroísmo?

De certa forma, poderíamos dizer que isso é irrelevante para a maior parte dos norte-americanos, que vivem suas vidas aparentemente sem ligar para os atos heroicos? Eles acordam todos os dias, enfrentam uma estrada congestionada até o escritório, passam dez horas sentados em um cubículo — isso não se parece em nada com um estilo de vida que poderia gerar um ato de heroísmo de qualquer natureza, certamente não no sentido cinemático da palavra.

Wesley Autrey, um pedreiro de 50 anos de idade, esperava o metrô junto às suas duas filhas ainda jovens, em uma fria manhã de janeiro de 2007, na cidade de Nova York. A poucos metros de distância, um jovem chamado Cameron Hollopeter começou a ter uma convulsão. Ele cambaleou em direção aos trilhos, onde acabou caindo no exato momento em que um trem entrava na estação. Autrey não hesitou. Ele se atirou aos trilhos e pressionou seu corpo contra o corpo do desconhecido. Cinco vagões passaram por cima deles, a menos de três centímetros de distância. Autrey ficou com manchas de óleo no seu boné azul. O trem parou. As pessoas gritavam. As filhas de Autrey choravam, gritando o nome do pai. Ele ergueu a voz, vencendo a comoção: “Diga às minhas filhas que estou bem.

Diga a elas que estou bem.” Os gritos se transformaram em berros de surpresa, e depois, espontaneamente, em aplausos.

Ainda assim, tais momentos são raros. Será mesmo? De jeito nenhum, argumenta Phil Zimbardo, fundador do projeto Heroic Imagination, instituto que pretende redefinir o heroísmo no século XXI. Um herói, aos olhos de Zimbardo, é alguém que segue esses quatro princípios:

1. Ação voluntária.
2. Ação feita em serviço de pessoas ou comunidades que passam por necessidades.
3. Ação envolvendo risco.
4. Ação que não exige qualquer compensação material.

“Heroísmo não é um conceito abstrato”, argumenta Zimbardo, “mas um estilo de vida gerado por contínuas escolhas pessoais”.

Essa definição é interessante, mas um de seus pilares, o risco, é difícil de ser calculado. Entre os mais incríveis poemas sobre heroísmo escritos em inglês está “Those Winter Sundays”, de Robert Hayden. Com apenas 14 versos, ele carrega o peso de uma relação completa, uma relação, em essência, heroica. “Também aos domingos meu pai acorda cedo / ele veste suas roupas no frio azul-preto...” Esse pai acende uma fogueira para o resto da família, diariamente, embora seu corpo esteja debilitado por conta de certas dores. Ainda assim, dolorosamente, ninguém o agradece.

O trabalho heroico pode ser um trabalho individual, um trabalho levado a cabo mesmo quando o corpo hesita: uma persistência que vence doença, ferimentos. Em 1968, nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, 57 atletas terminaram a maratona masculina. O último a cruzar a linha de chegada foi John Stephen Akhwari, da Tanzânia. Ele chegou uma hora mais tarde que os demais competidores. Machuado no meio da corrida (os ligamentos do seu joelho foram afetados por conta de uma queda), sua perna foi enfaixada e ele seguiu em frente, alternando caminhada e corrida, com seu corpo em clara agonia. Ele mancava muito ao entrar no Estádio Olímpico. Aquele era o momento para o qual ele treinara, mas estava alterado de uma maneira que ele nunca poderia prever.

Naquele momento, grande parte do público já tinha ido embora. Mas os que permaneciam, atraídos pelas notícias — *um corredor continuava a caminho* — se levantaram para aplaudi-lo. E não pararam de aplaudir, não até ele cruzar a linha de chegada e cair no chão, colapsado de dor, e continuaram aplaudindo durante vários minutos. “Meu país não me enviou

a 8 mil quilômetros de distância para começar a corrida”, disse Akhwari, quando questionaram por que perseverara. “Eles me enviaram a 8 mil quilômetros de distância para terminar a corrida.”

Mas o heroísmo é possível em quase qualquer contexto. Certamente, a carga de obrigações em nosso trabalho pode ser, para muitos de nós, algo extremo. Isso dificilmente é uma novidade para a era dos e-mails; embora a avalanche em nossas caixas de entrada pareça algo inédito, a realidade não é exatamente essa. O trabalho sempre foi uma atividade difícil, que consome tempo. A questão atual, com os e-mails, também existia em 1998, com as cartas e os telefonemas. As pessoas que ajudaram Ginny estavam, ao mesmo tempo, lidando com as próprias exigências profissionais, com problemas no local de trabalho.

Isso é uma forma de dizer que qualquer desvio da norma, qualquer ajuda feita a desconhecidos, tem certa dose de heroísmo para a nossa sociedade. Zimbardo não descreve o que muitos de nós sentimos de maneira intuitiva neste princípio de século XXI: ajudar alguém, qualquer pessoa, da maneira que for, é um ato de heroísmo neste mundo de pessoas sempre muito ocupadas. Isso, claro, é triste. No entanto, ignorar que seja uma verdade pode ser ignorar uma importante realidade do tempo em que vivemos: “Muitas normas sociais não fazem sentido para as pessoas que lidam com a comunicação digital”, escreveu Nick Bilton, no dia 10 de março de 2013, no *The New York Times*.

No dia 18 de outubro, Ginny recebeu um telefonema de Mary Kay, do Hospital Veterinário de Waynesboro. Ao conhecer a história de Ginny, essa mulher entrou em ação, reunindo uma lista de clínicas veterinárias em um raio de 160 quilômetros. Mary enviou a lista a Ginny por fax, junto com uma nota muito gentil. O bilhete deixou Ginny cheia de esperança, com a sensação de que não estava sozinha, buscando um cão desaparecido, isolada, fazendo algo insignificante. Ela foi até a porta de entrada da casa, com um bloco de anotações e uma caneta nas mãos. Sua lista crescia, e ela aproveitou para sublinhar o título.

EQUIPE DE HERÓIS

Rosa Lee Chittum Bill Kirby e *The News Virginian* Mary Kay

Mais tarde, naquela mesma noite, ela escreveu novos nomes. Primeiro foi Jenni, da Pousada de Afton, que fotocopiou várias páginas da lista

telefônica de vários tipos de estabelecimentos e enviou a Ginny por fax, com dicas sobre quem poderia ser mais útil. E também Laurie, da Rodes Farm Stables, que espalhou diversos panfletos com a foto de Gonker, e ligava quase diariamente para manter Ginny atualizada quanto à busca que fazia. E Connie Baber, moradora de Waynesboro, que escreveu sua própria descrição do acontecido e postou no Village Market da cidade. Connie visitou vários veterinários em nome de Ginny, uma completa desconhecida para ela, fazendo perguntas sobre os cães perdidos que tivessem passado por seus consultórios na semana anterior. Ela lhes dizia que Gonker poderia ser identificado graças ao seu microchip, uma novidade em 1998.

Portanto, o que começara com uma ideia matinal parecia um fato estabelecido. Eles formavam uma equipe, sem sombra de dúvida. Ginny tinha uma equipe em campo. Parecia um esquadrão, uma falange movendo-se de maneira coordenada, para cobrir todo o território.

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1998

Oitavo dia de busca
Doze dias restantes

Nas primeiras horas da manhã, Fielding estava no seu quarto de hotel, ao lado do pai, que dormia profundamente, roncando, com o estômago se movendo a um ritmo constante.

Fielding, por sua vez, lutava contra cólicas. A dor crua, pulsante, corrosiva em seu intestino. Uma dor indigesta como uma refeição. Aquilo doía, e ele se contorcia em seu colchão. Ele retorcia o corpo, em agonia, tentando encontrar uma posição confortável para permanecer deitado, mas sem encontrar nenhuma. Ele curvou as costas. Alongou o corpo. Suas coxas estavam tensas, tentando se manter retas sobre o colchão. Depois ele se prostrou em posição fetal, bem no canto da cama. Em pânico, tentou lançar mão da respiração que aprendera com a yoga, silenciosa e profunda, para acalmar a náusea. Não funcionou.

E foi ao banheiro. Não havia alternativa. Ele trancou a porta e se ajoelhou à frente do vaso, enfiando um dedo na garganta. Em um primeiro momento, não funcionou, mas ele começou a mover o dedo da direita para a esquerda, quase machucando o tecido delicado do seu corpo, tocando o fundo da garganta com as pontas dos dedos. Finalmente a comida subiu com força, graças ao reflexo faríngeo, enchendo o vaso com tudo o que comera aquela noite. Ele arquejava, com as duas mãos agarradas à porcelana. A dor desaparecera, o desconforto diminuía. Com a boca

tomada pelo gosto de bile, ele se recostou na parede de estuque do banheiro do hotel, sem fôlego, arfando, com o corpo desgovernado, incontrolável, uma sensação odiosa.

John continuava dormindo. O que ele teria feito se soubesse que o filho estava em agonia? Quando somos pais, os corpos dos filhos se transformam, de certa maneira, em uma extensão dos nossos. Quase podemos sentir suas dores. Quando eles se envolvem em pequenos acidentes — joelhos esfolados, canelas contundidas —, nós nos contorcemos. De certa maneira, Fielding estava protegendo seu pai das dores que sentia. Embora não fosse o ideal, ele queria proteger o pai da verdade.

Uli, no entanto, escutava bem melhor. Ele percebeu algo errado com Fielding, por isso o seguiu ao banheiro. Ele ficou deitado na frente da porta, com o nariz enfiado no vão da moldura, lamuriando-se. Com a pata, arranhava a madeira, e as unhas riscavam o metal das dobradiças. Fielding permaneceu com as mãos pousadas sobre os joelhos. Sua testa estava banhada em suor frio.

— Está tudo bem, meu garoto — ele murmurou. — Não se preocupe, eu volto já.

Por fim, Fielding conseguiu acalmar o corpo. Ele colapsou na cama, ao lado de John, e embalado pelos roncos do pai caiu em um sono tranquilo e profundo.

No exato momento em que seu filho conseguiu descansar, Ginny acordava, sentindo-se um pouco solitária naquela casa vazia. Ela desceu as escadas, fez as tarefas de todas as manhãs, pegou o jornal na porta de entrada, preparou um café e abriu o *Washington Post*, lendo primeiro as colunas de perguntas dos leitores, como sempre.

Essas colunas ofereciam um alívio a Ginny. Ela costumava ver seus problemas refletidos naquelas palavras, ou pelo menos uma versão dos temas que não abandonavam seus pensamentos. E aquele dia foi um bom exemplo disso. Ginny leu as palavras de Ann Landers com assombro. Ann recebera uma carta de Mary, moradora de Houston. “Querida Ann Landers”, dizia a carta, “fiquei muito abalada com suas palavras sobre a mulher cujo marido queria que ela se livrasse dos bichos de estimação.” A carta seguia em frente, detalhando o horror da mulher, e oferecia, “em

nome dos amantes de animais de todo o mundo”, a “Oração aos animais”, de Albert Schweitzer.

Escute nossa humilde oração, Meu Deus, em nome de nossos amigos, os animais. Especialmente aqueles que sofrem; os que são caçados, estão perdidos, foram abandonados, estão assustados ou famintos; e todos os que poderão ser mortos. Pedimos, a todos eles, Sua misericórdia, e para as pessoas que lidam com eles, pedimos um coração repleto de compaixão, além de mãos gentis e palavras carinhosas. Faça de nós verdadeiros amigos dos animais, para que possamos compartilhar as bênçãos da Sua misericórdia.

No livro *Yours Ever*, Thomas Mallon escreve lindamente sobre cartas de todos os tipos, incluindo as escritas para colonistas como Landers. “A única real dificuldade na hora de oferecer conselho, epistolar ou de qualquer natureza”, diz Mallon, “é fazer com que as pessoas o aceitem.” E foi exatamente isso o que fez Ginny, recortando a breve oração e registrando a data no canto superior direito do papel. Depois a leu em voz alta. E voltou a ler. Aquilo era muito reconfortante. Havia algo na simplicidade daquelas palavras, uma sensação de sinceridade. Como grande parte das rezas, a de Schweitzer era completamente livre de ironias, construída sobre as bases de um pedido sincero, um pedido de intervenção.

A papelada de Ginny, espalhada pela casa da maneira mais desordenada, deixava à mostra a extensão de seus sentimentos, do desespero que ela tentava, assiduamente, manter sob controle. “Que Deus a abençoe por ter ligado”, ela escreveu a Dale Sweeney, “eu não consigo parar de chorar. Você foi um anjo ao se oferecer para buscar Gonker. Obrigada por compartilhar tudo isso com seu irmão, na montanha Calf. Espero podermos encontrar nosso amado cão.” Para Dale, a história foi tão tocante que ela começou a considerar Gonker como seu. E contou o acontecido a toda família, dizendo que faria o possível para ajudar a localizá-lo.

Lendo os faxes, uma palavra se repetia: “orientação”. Ginny agradecia aos desconhecidos, uma e outra vez, pela orientação, que em vários casos era oferecida de maneira espontânea, ultrapassando e muito seu pedido. Eles ligavam para amigos, familiares e estabelecimentos próximos, mais

ou menos como se soubessem o que Ginny fazia e tentassem imitá-la. Vicki, da Sociedade Protetora dos Animais de Rockingham/Harrisonburg, ligou, sem que sua ajuda fosse solicitada, oferecendo sua experiência na busca de animais perdidos. Mary Baldwin, uma orientadora de carreiras em uma escola de ensino médio, também ofereceu ajuda. “Sou uma amante dos animais”, ela disse a Ginny, ao telefone, “por isso, quando meu marido recortou o artigo do jornal, me senti obrigada a telefonar.” Em suas anotações, Ginny registrava cada ligação com uma cor diferente. “Senhora muito gentil”, ela escreveu”. “Tem um beagle. Vai procurar por Gonker esta noite e amanhã, o dia inteiro.”

Em vários cômodos, Ginny colou a mesma foto de Gonker nas paredes. Era uma foto em preto e branco, mas o cão mantinha uma aparência régia, sentado no sofá. Dependendo do humor de Ginny, Gonker poderia parecer feliz ou triste, e mais raramente parecia suplicar com seus olhos. *Cadê vocês?*, ele parecia perguntar. *Por que estão demorando tanto?* Por outro lado, como costumava acontecer em seus momentos mais solitários, Ginny ouvia a voz da sua mãe, com o mesmo tom lento e anasalado de sempre: “Você, Virginia, nunca parece fazer nada direito. Veja o quão facilmente foi vencida. Um bosque de poucos quilômetros, e você o deixou escapar. Você não se importa? Que tipo de mãe é você? Você nunca consegue fazer as coisas direito”.

E lá estava ele, caminhando ao longo da trilha. Suas patas, cobertas de lama, antes sempre suaves, ganhavam calos por conta dos quilômetros percorridos. Seus joelhos, que antes não o incomodavam, já amanheciam doendo, uma dor profunda nas articulações, uma dor misteriosa, que se acentuava por conta do frio. Aquela escuridão infinita. Casas distantes umas das outras — cada uma somente um ponto para onde seguir, e nada mais. Não havia esperança no interior das casas. Nenhuma tinha cheiro de lar.

E, sim, de perigo. Aquelas casas pareciam ter cheiro de perigo. Aquelas pessoas não lhe eram familiares. *Não sei nada sobre elas*. E como poderia saber? Junto a Fielding, ele passara a vida inteira aprendendo a conviver, a prosperar. Por exemplo: Fielding sempre deixava restos de macarrão com queijo na pia. Ele nunca limpava, nunca à noite, nunca após o jantar. E Gonker passava várias noites lambendo e se deliciando com aquele sabor de comida industrializada, o sal e os restos de macarrão empapado e com gordura do leite. Porém, naquela trilha, onde estariam os macarrões com queijo? Mesmo quando as portas das cozinhas estavam abertas, não parecia seguro entrar. Tudo o que havia era a escuridão. A escuridão e as estrelas do céu noturno, muito distantes, brilhantes e solitárias.

40

TERÇA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 1998

Nono dia de busca Onze dias restantes

— Parece que vai chover — disse Fielding, abrindo as cortinas com estampa floral do quarto 118, no hotel de estrada da rede Super 8, em Waynesboro.

Naquele dia, a trilha começou a ser percorrida sob uma garoa fria. A folhagem, em apenas uma semana, ganhara um tom marrom-escuro e perdera o brilho. Muitas árvores estavam sem folhas. Um vento frio, vindo do norte, atravessava o vale, e parecia decidido a arrancar as últimas folhas que restavam nos galhos, preparando a floresta para o inverno.

A guarda-florestal Jennifer Waltz, do posto de guardas-florestais do Parque Nacional de Blue Ridge, aconselhara Fielding a permanecer o maior tempo possível fora da trilha.

— O cachorro vai sentir um cheiro e provavelmente permanecerá em um raio coberto por esse cheiro — disse ela. — Ele vai se ater a isso.

Por volta do oitavo dia, os pés de Fielding foram tomados por bolhas, ficando quase irreconhecíveis. No terceiro dia, ele escorregara na lama e machucara seu joelho esquerdo, que permaneceu inchado. John passava as tardes descansando nos quartos de hotéis que eles alugavam, mas Fielding persistia e não se permitia o mesmo.

Ele ligou para Noel assim que se aproximaram da área, e seu amigo aceitou ajudá-los na busca. Ele parecia entusiasmado com a história, e

conversou com seus velhos amigos de faculdade.

— Cara — ele disse a Fielding —, vamos conseguir levantar fundos. Isso vai ser um estouro, sabe? Vai ser... intenso. E tudo em nome do Gonker.

Noel conseguiu reunir umas trinta pessoas em seu apartamento, nos arredores de Charlottesville. Cada uma dessas pessoas doou pelo menos cinco dólares, e no meio da tarde ele conseguira uma boa quantidade em dinheiro. A ideia, claro, era que Fielding utilizasse o dinheiro para cobrir as despesas da busca. Porém, em certo momento, as cervejas acabaram e Noel reparou na enorme jarra de dinheiro sobre a mesa de centro da sala de estar.

— Para a loja de cervejas! — ele gritou, erguendo a jarra no ar.

Para o assombro de Fielding, todos na sala começaram a festejar.

Aquela noite, Ginny foi ao seu restaurante favorito de McLean, o Pulcinella. Tratava-se de um restaurante italiano simples — um dos mais antigos da área — construído no final da década de 1970, época em que a cidade deixava de ser um vilarejo perdido da Virgínia e se transformava em um subúrbio bem cotado, nos arredores da capital do país. O cardápio do Pulcinella oferecia um molho de tomate comum, mas delicioso, caseiro, brilhante, servido sobre massas frescas. Além, é claro, de pizzas preparadas em fornos a lenha e vários *antipasti* dispostos em uma grande mesa de mármore branco, muitos deles importados de Nápoles: corações de alcachofra marinados no mais fino azeite de oliva, uma dúzia de variedades de salame, além de azeitonas cultivadas pela família do dono do restaurante, em suas propriedades à beira do mar Adriático.

Sentada em uma das mesas sozinha, Ginny pediu uma massa e um chá gelado. O logotipo do restaurante representava Pulcinella, ou Punch, um personagem mascarado do folclore napolitano, que muitas vezes é desenhado segurando uma fatia de pizza e uma colher de pau. Na *commedia dell'arte* italiana, do século XVII, Pulcinella costumava ser mantido fora da ação, comentando-a, oferecendo um contraponto ao drama apresentado no palco. Naquela noite, Ginny percebeu que Pulcinella seria um *avatar* apropriado: ela parecia flutuar sobre sua própria vida, observando a história de Gonker à distância.

Virginia terminou de comer e ficou observando o restaurante esvaziar. Ela carregava consigo um bloco e um lápis, para anotar suas ideias, mas

naquele momento não conseguia pensar em nada. “Que tal um médium especializado em animais?”, escreveu, e logo depois apagou, envergonhada. Mas, sim, ela precisava seguir todas as pistas, explorar todas as possibilidades. E voltou a escrever o mesmo, depois suspirou e ergueu os olhos do papel. Do outro lado do restaurante, perto da cozinha, os garçons começavam a colocar as cadeiras em cima das mesas. Ela olhou para a rua. As janelas pareciam lagos escuros, mas refletiam algumas luzes, deixando passar algo do brilho dos postes. Se ela terminara a noite anterior com uma recordação do rosto do pai, aquela noite observava sua própria imagem. Era uma imagem fantasmagórica, parcial, sem corpo, emoldurada pelo vidro da janela.

Ela foi embora. Quando chegou ao carro, ficou um bom tempo sentada ao volante. Depois desabou, extravasando todas as emoções que se empilhavam no interior do seu corpo. Soluçando, sozinha, no interior do carro, ela limpava o rosto com o dorso das mãos. No entanto, mal podia respirar, e não conseguia controlar as lágrimas.

— Maldito cachorro — ela murmurou, limpando o nariz com o antebraço.

QUARTA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 1998

Décimo dia de busca
Dez dias restantes

A peregrinação já existe há um bom tempo. Em parte, algo de seu apelo vem da maneira como nossa espécie se desenvolveu, saindo do vale dos rios Tigre e Eufrates e espalhando-se pelo mundo. Praticamente todas as grandes religiões têm pelo menos uma peregrinação significativa, seja a Meca ou a Roma, e há séculos os peregrinos fazem longas jornadas, em todo o mundo, sempre em nome da fé. Talvez seja um gesto típico dos norte-americanos suas peregrinações em nome da natureza, sem um imperativo religioso. Nós amamos as caminhadas — caminhar por longos períodos de tempo através de florestas, sempre em nome de nada além de uma longa caminhada em meio à natureza. Como escreveu John Muir, fundador do Sierra Club: “Todos precisamos da beleza, assim como precisamos do pão e locais onde brincar e orar, onde a natureza possa nos curar e oferecer forças tanto para o nosso corpo quanto para nossa alma.”

Earl Shaffer foi o primeiro norte-americano a descobrir esse tipo de cura e força ao atravessar a trilha dos Apalaches, do princípio ao fim, em uma única estação. Veterano da Segunda Guerra mundial, ele entrou no exército ao lado do melhor amigo, Walter Winemiller. Os dois foram enviados ao Teatro do Pacífico, mas Winemiller foi morto durante a primeira ofensiva do ambicioso assalto a Iwo Jima.

Os militares treinaram Shaffer como operador de rádio e radar, e ele tinha uma dura jornada de trabalho, carregando pesados equipamentos a praias, sempre debaixo de bombardeios. Shaffer saiu da guerra confuso e deprimido e, por acaso, encontrou um artigo sobre a trilha, ainda bem rudimentar na época. Tal artigo fora publicado em um exemplar de 1947 da revista *Outdoor Life*.

Quando Shaffer fez a trilha, as condições eram terríveis. “Para se aquecer durante a noite”, está escrito em uma nota biográfica, “ele preparava uma cama de folhas no chão, envolvia o corpo em uma lona plástica encerada e a cobria de folhas, deixando apenas a cabeça do lado de fora. Certos dias, imaginava ser um caso perdido. Muitas vezes, sobretudo nas Montanhas Brancas de New Hampshire, ele enrolou os pés em juta para mantê-los aquecidos.”

John e Fielding não envolveram seus pés (nem as patas de Uli) em juta. Mas a caminhada, associada à deterioração da saúde de Fielding, deixava marcas neles dois. A quantidade de alternativas nunca é infinita, mesmo quando temos um otimismo profundo e devoção a uma causa. Em certo momento, somos obrigados a nos render. Devemos pesar os custos e os benefícios, e tomar decisões difíceis. Fielding precisava voltar ao trabalho. Por isso, os dois retornaram. Eles tinham investido centenas de dólares e centenas de horas naquela missão. Percorreram a trilha para cima e para baixo, fazendo buscas próximo ao local em que Gonker desaparecera. Não triunfaram, nem chegaram perto disso. E, ao contrário de outras peregrinações, não houve um momento de transcendência bem no meio da experiência. Eles não beijaram uma pedra negra, um ícone nem uma relíquia sagrada.

Ginny recebeu os dois na porta de casa. Ela os abraçou. Primeiro o filho, depois John. Eles não disseram nada. Entraram em casa. Assim que atravessaram a porta, os relógios começaram a soar, como faziam a cada hora. Eram sete da noite. Uma cascata de sons surgiu em sequência, começando pelos cucos e terminando no relógio de pé, esculpido em mogno, em 1820, no condado de Longcaster. Os dias passavam. O calendário de Gonker se aproximava do fim.

QUINTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 1998.

Décimo primeiro dia de busca
Nove dias restantes

Enquanto passavam as horas, enquanto o dia 21 se transformava em 22, enquanto o dia virava noite, uma sensação de ruína e perda tomava conta da casa dos Marshall. Os sintomas da doença de Gonker provavelmente já estariam se manifestando. Em pouco tempo, o cansaço físico levaria seu corpo ao colapso. Ele ficaria assustado, talvez, com o enfraquecimento súbito. Sentiria o corpo pesado, uma diminuição das forças, como se o chão clamasse pela sua aproximação. Fielding ficou imaginando Gonker lutando para conseguir caminhar, incapaz de se levantar ao raiar do dia, querendo apenas ficar deitado, em um ponto ensolarado de um declive, de olhos fechados... E descansar.

Os animais têm consciência de si mesmos? Os animais que amamos — cães, gatos, hamsters, coelhos e canários — se enxergam como nós nos enxergamos? Tais questões são muito amplas, impossíveis de serem respondidas, e geram constantes discussões entre filósofos, psicólogos, biólogos evolucionistas, neurocientistas cognitivos, artistas e especialistas em primatas. Seria a consciência “o líder da memória perceptiva”, como sugere o filósofo Michael Lockwood? Seria a consciência como o clique da lente de um fotógrafo? Seria a consciência, como disse William James, uma exceção no “caos original” da vida, o momento em que algo “inteiramente novo parece nos penetrar”? Para Gonker, na trilha dos

Apalaches, sua solidão — a primeira vez que se sentia realmente sozinho — possibilitaria a descoberta de uma nova parte de si mesmo, uma bonita parte integrante da sua condição de cachorro? Uma parte que não estivesse tão fissurada por *donuts*?

Ele estaria caminhando muito, sem parar. E de certa maneira estaria pensando nas coisas que existiam e não existiam. Sem dúvida, estaria investigando os cheiros do mundo. Sua membrana olfativa, tão grande quanto um lenço aberto, estaria lutando para categorizar e entender tudo o que encontrava. Ele era um cão, um cão que caminhava. Caminhava e procurava por Fielding, Ginny, John, Uli e por sua casa.

No primeiro dia de volta ao trabalho, ao dirigir seu carro pela manhã, Fielding enfrentou o trânsito pesado do Leesburg Pike, que avançava muito lentamente após a meia dúzia de revendedoras de carros e do recém-construído edifício de escritórios Booz Allen. Estava engarrafado. Ligou o rádio. Desligou o rádio. Voltou a ligá-lo. O calor do aquecimento era exagerado, mas abrindo a janela ficava muito frio, o vento era forte. Sua pele estava desconfortável; ele sentia o frio atingindo seus ossos. Estava a ponto de entrar no rodão, misturando-se à grande concentração de carros que seguia ao centro, quando teve uma ideia repentina.

Ele girou o volante e entrou na pista contrária, fazendo uma manobra proibida na Chain Bridge Road. Pisou fundo, afastando-se do engarrafamento, procurando um prédio que conhecia há anos, desde 1985, quando sua família adotou Benson. Após mais ou menos um quilômetro, encontrou o edifício, e parou na entrada da sociedade protetora dos animais do condado de Fairfax.

Fielding seguiu até a recepção, parecendo um pouco estranho.

— Eu gostaria de levar um cachorro para passear, de maneira voluntária — disse ele. Pareceu um pouco como um roubo a um banco, mas a recepcionista simplesmente sorriu e lhe entregou um formulário de candidatos a voluntário perfeitamente impresso.

— Você será chamado para um curso de orientação — disse ela, e ele assentiu, marcando uma hora para o dia 29 de outubro, terça-feira, dentro de uma semana. Ele preencheu o formulário.

Ouvimos essa história diversas vezes: pessoas que nunca quiseram ter filhos — *nunca* —, e que aos 40 anos adotam um cão, e ficam loucas por ele, amando-o com toda a força e profundidade que um ser humano é

capaz de amar. É a necessidade de criar, de oferecer tudo à outra criatura. “A empatia”, escreveu Sue Monk Kidd, “é a transação mais misteriosa que a alma humana pode experimentar.”

Ginny começou a enviar sua última leva de faxes.

— Se Gonker estiver morto — ela escreveu ao canil do condado de Greene —, gostaríamos de receber seus restos, para que pudéssemos lhe oferecer um enterro apropriado.

Mas ela seguiu trabalhando. Havia muitas coisas neste mundo que Ginny não poderia alterar. Sua vida fora repleta de injustiças, gerando terríveis lembranças. Se tivesse a chance de salvar um cachorro, faria o possível para salvá-lo. Enquanto existisse uma esperança, ela trataria Gonker como gostaria de ter sido tratada na infância. Dessa forma, daria sua pequena contribuição à erradicação de toda a injustiça deste mundo. Portanto, de certa maneira, ela não trabalhava em defesa de uma única criatura, mas de todas as criaturas do planeta.

Naquela noite, de volta ao seu apartamento, Fielding ligou para Peyton.

— Gonker? — ela perguntou, respondendo após o segundo toque. — É você?

— Au-au — respondeu Fielding.

— Você o encontrou?

— Au-au.

— Tem certeza de que não há um pedido de resgate?

— Au-au.

— Se você está enlouquecendo, basta latir uma única vez.

— Au.

— Fields, eu sempre soube que você era, em parte, um animal. E você sabe disso, certo?

Fielding riu bem baixinho, em uma espécie de murmúrio.

— Um animal indomável — disse ele, suspirando —, dos pés à cabeça.

SEXTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 1998

Décimo segundo dia de busca
Oito dias restantes

Como esforço final, Ginny preparou um anúncio de página inteira para o *News Leader*. Ela escreveu o texto, enfatizando os pontos mais destacados da aparência do cachorro. “Suas orelhas são caídas e, seu rabo, comprido. Seu pelo é macio e suave ao toque.” Na palavra “caídas” podemos enxergar uma pitada de tristeza, da intimidade de sua voz, do carinho que nutria pelo cão. Sem dúvida, tratava-se do amor de uma mãe. “Se estiver morto”, ela escreveu, concluindo o anúncio, “por favor, ajude-nos a localizar o seu corpo. Não saber onde ele está, ou se está vivo, é o que deixa nossos corações em pedaços.”

Porém, nem assim Ginny foi capaz de perder toda a esperança, pelo menos publicamente. “Estamos ficando sem tempo e sem alternativas”, disse ela ao *News Leader*, através de um fax, perguntando se respostas ao anúncio, em qualquer dica, teriam chegado à redação. Ao Centro da Vida Selvagem da Virgínia, um hospital para animais selvagens localizado em Waynesboro, Ginny escreveu: “O tempo para encontrá-lo em segurança está acabando, e estamos desesperados para trazê-lo de volta para casa.”

Não saber nada: essa é a parte mais difícil de suportar. Ela ficou vagando pela casa. Desceu as escadas, passando pelo corrimão de madeira escura que acompanhava a curva da escadaria. Depois seguiu até a sala de jantar e entrou na cozinha de azulejos alaranjados. Lá estavam as janelas através

das quais ela costumava ficar olhando, observando o sol e os pássaros, e também a floresta que começava logo atrás do quintal. Naquele dia, porém, a paisagem não lhe trazia qualquer conforto.

— Ele pode estar em um ponto completamente diferente da trilha — disse Fielding, quando chegou em casa aquela noite. Ele caminhou até a cozinha, onde ficou observando o mapa do estado da Virgínia. Ele observou também as pilhas de papel espalhadas por ali. Faxes enviados, cartas, bilhetes. — Talvez, se fizéssemos uma busca além da fronteira, ao norte...

— Fields — disse Ginny. E começou a dizer algo, mas parou. — Vamos conversar sobre outra coisa.

Fielding, no entanto, não aceitou sua sugestão. Ele continuou ruminando as imagens daquela manhã. Ele se sentia preso naquele momento. Parecia acreditar que, se conseguisse pensar direito, uma novidade surgiria no horizonte. Suas lembranças seriam alteradas. O cachorro deixaria de estar perdido. Gonker surgiria do meio da floresta, feliz, faminto e coberto de lama. Com a cabeça debilitada pela falta de comida (Fielding não comia nada há dois dias), ele mal encontrava energia para se sentar à mesa.

Ao seu lado, Ginny pensava em certo dia do mês de maio, do primeiro ano que Fielding vivera em casa. Naquele dia, ela levou Gonker ao Hospital Veterinário de Great Falls, onde faria um *check-up*. Após passar pela recepção, ela se sentou na sala de espera, imaginando que Gonker ficaria parado aos seus pés. No entanto, ele subiu na cadeira à direita de Ginny. O cachorro cruzou as patas dianteiras, uma sobre a outra, e ficou sentado, esperando, como um paciente na recepção de um médico, com a cabeça erguida. Isso se tornou o ritual dos dois em Great Falls. Quando chegava por lá, Gonker passava pela recepcionista, que lhe dava um biscoito para cães, depois escolhia uma cadeira onde se sentar. Ginny gostava de imaginá-lo pensando: *Não sei o que todos esses cães estão fazendo aqui, o certo é que não sou um deles.*

Ginny deixou escapar todo o ar dos pulmões. Depois se levantou e, de repente, seguiu em direção ao seu quadro de cortiça. Ela editou o título, sublinhando-o mais uma vez e incluindo um ponto de exclamação.

EQUIPE DE HERÓIS

Rosa Lee Chittum Bill Kirby e The News Virginian Mary Kay Jenny da Pousada de Afton Connie Baber Laurie da Rodes Farm Stables

E deu um passo atrás, olhando para a porta. Depois pegou mais dois papéis. Em um deles, escreveu “John Marshall”. E gostou de ficar olhando para aquele nome e sobrenome. Depois, no segundo papel, escreveu apenas um nome: “Fielding”.

SÁBADO, 24 DE OUTUBRO DE 1998

Décimo terceiro dia de busca
Sete dias restantes

Apesar do suplício de perder Gonker, John permaneceu resoluto e alegre, mantendo sua posição central na família. Sua confiança de que o cachorro seria localizado (em certos momentos, ele exclamava exatamente isso, em tom bem alto: “O cachorro vai ser encontrado!”) contagiava Ginny, dando-lhe forças para seguir em frente com seus esforços.

Determinação, otimismo, decisão. Muita coisa foi escrita, no final do século XX e início do século XXI, sobre os efeitos do otimismo na vida de uma pessoa. Incontáveis estudos relacionam o pensamento positivo à pronta recuperação de doenças. Desde a sua publicação, em 1952, *O poder do pensamento positivo*, do doutor Norman Vincent Peale, vendeu mais de 5 milhões de exemplares. Isso sem contar a multibilionária indústria da autoajuda, cujas bases são os benefícios do pensamento positivo. Nos últimos anos, dezenas de títulos, como *Cérebro cinzento, cérebro ensolarado: como retreinar o seu cérebro para superar o pessimismo e alcançar uma perspectiva mais positiva na vida*, tomaram de assalto o mercado literário. “O cérebro é organizado”, escreveu Tali Sharot em seu livro *O viés otimista*, “de tal forma a permitir que as crenças otimistas alterem a maneira como enxergamos e interagimos com o mundo ao nosso redor, transformando o otimismo em uma profecia que se realiza por si só.”

Claro que houve uma reação. Em seu livro de 2010, *As vantagens do pessimismo e o perigo da falsa esperança*, o pensador inglês de viés conservador Roger Scruton tenta “demonstrar o lugar do pessimismo no restabelecimento do equilíbrio e da sabedoria na condução dos assuntos humanos”. Ele apresenta o que acredita ser um otimismo epidêmico na história mundial e nos mostra uma maneira de pensar mais obscura e disciplinada. Só através do pensamento equilibrado, argumenta Scruton, podemos alcançar bons resultados.

John Marshall, porém, não concorda com essa teoria.

Fielding também apreciava o caráter positivo do pai, que se revelara o melhor companheiro de busca que ele poderia sonhar ter. O mistério daquele desaparecimento se tornara algo que eles dois deveriam esclarecer juntos. Pai e filho, viajando juntos pelo interior da Virgínia. Porém, quando chegou o momento de voltar para casa, John voltou, pois não queria ultrapassar os limites do bom senso.

— Lembre-se, Fielding — ele disse ao filho, na noite do dia 24 de outubro, sentado no sofá que havia no porão de sua casa, transformado em sala de jogos. Os Marshall tinham gravado o episódio de *Plantão médico* daquela quinta-feira para assistirem juntos, mas o programa permaneceu em *pause* na televisão de tela grande, com os créditos congelados. John fora tomado de um forte entusiasmo. Ele movia o controle remoto como se fosse a batuta de um maestro. — Lembre-se — ele repetiu —, que os antigos druidas perseveraram, mesmo enfrentando uma série de obstáculos.

— Os druidas? — perguntou Fielding.

— Claro — disse John. — Eles foram os nossos ancestrais. E foram os primeiros a terem animais de estimação. Isso é um fato conhecido.

— Pai — disse Fielding —, você está inventando essa história.

— Os druidas eram solenes, Fielding. Nós seguimos o caminho aberto por eles. Eu nunca faria piada sobre esse povo.

— E isso deveria fazer com que eu me sinta melhor?

John franziu a testa.

— Bem... eu acho que sim — disse ele. — Não está funcionando?

— Não está funcionando — respondeu o filho.

— Então vamos lá fora — disse John.

Antes que Fielding e Ginny pudessem dizer qualquer coisa, John subiu as escadas e abriu a porta da frente. Os dois o seguiram, depois ficaram

parados perto da entrada de casa. Chovia. A chuva era densa, formando uma névoa pesada. Eles tremiam.

— John, pegue um guarda-chuva — pediu Ginny.

— Não temos tempo! Não temos tempo! — gritou John. — Precisamos gritar por Gonker nesta escuridão misteriosa.

— Acho que o papai enlouqueceu — disse Fielding.

— Deveríamos levá-lo para dentro? — perguntou Ginny.

Mas John não seria convencido.

— Gonker! — ele gritou. — Gonker! — O controle remoto continuava na sua mão. Ele girou o corpo e apontou-o ao filho. — Vamos! Gonker! Cadê você? Gonker!

Do outro lado da rua, as luzes foram acesas na sala de estar da família Elmore.

— Alguém vai chamar a polícia — disse Ginny.

Mas eles moravam em McLean. Por ali, não havia nada além de ruas largas e enormes terrenos com cercas de madeira. A delegacia mais próxima ficava a vinte minutos da casa dos Marshall. Portanto, embora relutantes em um primeiro momento, mas depois com entusiasmo cada vez maior, Fielding e Ginny começaram a gritar: “Gonker! Gonker!”

Lá estavam eles, em uma noite de outubro, a centenas de quilômetros de onde seu cão estaria. Gonker nunca os escutaria. Era ridículo pensar que aquilo daria certo. E em pouco tempo eles choravam, gargalhavam, tossiam, com seus rostos ensopados de chuva. “Gonker!”, gritavam. “Gonker, cadê você?”

PARTE 5

E tudo chega ao fim*

O que terminaria com nossa tristeza?

As horas passam

Apague o sol!

Apague a lua!

Apenas o cão

é um puro trabalho de Deus!

JESSE NATHAN

* Endings: What will end / our sadness? / The hours / passing Blow out the sun! / Blow out the moon! / Only the dog / is a pure work of God!

A verdade, no final das contas, foi revelada: ele estava comendo lixo em uma estação de esqui.

Às duas da manhã do dia 25 de outubro, poucas horas após os Marshall estarem gritando na escuridão, sob a chuva, o telefone tocou pela última vez. Ginny pensou em não atender. Ela deixou tocar, tocar. John girou o corpo, tentando se afastar do som. Mas Ginny atendeu.

— Residência dos Marshall — disse ela, suspirando, com voz cansada e pesada de sono.

— Senhora Marshall — disse uma voz do outro lado da linha, uma voz agitada e feliz. — Aqui é o sargento Wake, da polícia de Wintergreen.

Ginny se sentou na cama.

— Pode falar — disse ela.

— Senhora Marshall, acho que localizamos o golden retriever desaparecido. Bonker, certo?

— Gonker.

— Como?

— O nome dele é Gonker — disse Ginny —, e eu gostaria de saber se está vivo.

O policial riu.

— Vivíssimo, senhora, mas não fomos capazes de trazê-lo para cá. Ele está no bosque, ao lado de uma de nossas propriedades, aqui em Wintergreen.

Wintergreen Resort é um enorme estabelecimento recreativo próximo a Charlottesville. Ele engloba quatro montanhas com pistas de esqui, três campos de golfe e um *spa* completo. Lá dentro, existem centenas de

prédios junto a grandes propriedades privadas e, o mais importante para um cão perdido, toneladas de latas de lixo, um verdadeiro bufê noturno.

— Um de nossos policiais, Spanky Harris, chamou o cachorro, mas ele fugiu.

— Você... tem certeza que é ele? — perguntou Ginny, lembrando-se de todas as pistas falsas.

— Certamente, senhora.

E o sargento Wade começou a descrever a situação. Naquela mesma semana, residentes de Wintergreen leram a história de Gonker nos jornais. No dia seguinte, viram um cachorro que se parecia com a descrição feita nos jornais e ligaram para a polícia local. A polícia se aproximou do local indicado, mas não conseguiu fazer com que Gonker entrasse na viatura. No entanto, uma coisa perceberam, sem sombra de dúvida: a coleira que o cachorro usava era branca e roxa.

Gonker estava vivo!

Apesar do horário — e de sua exaustão e medo e dúvidas — Ginny foi tomada por uma animação indomável. John acordou, aproximou-se dela e ficou ouvindo a conversa. Quando ela desligou, ele soltou um grito de alegria. Ficou de pé em cima do colchão, dançando de maneira louca, vergonhosa.

— Os camelos! — ele gritou. — O Caravançarai! Os generais de César!

— Quietos! — pediu Ginny. — Ainda não é certo.

— Nós o encontramos — disse John. — Encontramos esse idiota fujão.

Mas Ginny ignorou tais palavras. Ela saiu da cama. Precisava conferir uma coisa (pelo menos uma, e imediatamente), antes de avisar a Fielding. Ela atravessou os corredores escuros da casa, descendo as escadarias.

Na cozinha, acendeu a lâmpada que ficava sobre a mesa coberta por um mapa. Depois se sentou na cadeira de madeira, pegou seus óculos de leitura e analisou o mapa da Rand McNally. Como sempre, usando um lápis e um pedaço de papel, fez suas medições rudimentares.

Ele andara uns 180 quilômetros.

Gonker desaparecera no dia 10 de outubro, em Catawba, Virgínia. Fora encontrado 14 dias mais tarde, no Wintergreen Resort. A distância entre os dois pontos era de aproximadamente 180 quilômetros. Isso traçando uma linha reta, o que ele certamente não fizera. Ou seja, o cachorro andara, ao menos, 11 quilômetros por dia. E o fizera, imaginou Ginny, em busca de sua casa. Ele seguira a trilha dos Apalaches, em direção noroeste. Pelas

contas de Ginny, Fielding passara duas semanas em busca de Gonker, e ao mesmo o cachorro o procurava.

John desceu as escadas e ficou parado na porta da cozinha. Porém, incapaz de conter-se, resolveu ligar para o filho.

— Ele já pegou a estrada — disse John. — Deve chegar antes do nascer do sol.

Ginny balançou a cabeça.

— John — disse ela —, veja isso. — E apontou para a marca da trajetória de Gonker no mapa. — Cerca de 180 quilômetros. É difícil de acreditar.

— É, Ginny — concordou John, abraçando-a. — Nem o Gonker deve estar acreditando.

Fielding correu para Wintergreen, com a esperança de que a história do seu cão desaparecido, ao contrário de várias outras, terminasse com um final feliz. Ele ligou para a polícia local e descobriu a localização de Gonker: White Oak Drive, no perímetro da propriedade do resort.

Fielding escutava rádio enquanto seguia para lá, e as estrelas brilhavam sobre o teto do carro. Lentamente, o sol começou a tingir o céu, o mundo acordava. Ele encontrou o endereço de um casal, Trent e Laurie Bowen, os primeiros a avisar a polícia. Ao chegar na porta da casa, parou o carro, desceu e alongou o corpo: estava cansado após aquela viagem de quatro horas. Ele ligara para os Bowen usando um telefone público, por isso o casal saiu ao ouvi-lo chegar.

Os três ficaram parados, olhando para a escuridão do bosque que se abria atrás da casa.

E então, lá estava ele.

Com aparência saudável, olhos brilhantes, a cinco metros de distância, a cabeça de Gonker podia ser vista na linha que dava início ao bosque.

Ele olhou para Fielding e não parecia registrar nada.

— Gonker! — gritou Fielding, e na sua cabeça ouviu o eco dos gritos da noite anterior. — Gonker!

Nesse momento, na segunda vez que Fielding gritou seu nome, Gonker deu um salto à frente, alegre. Ele deixou escapar um uivo em *stacatto*, jogando a cabeça para um lado, com os olhos arregalados o máximo possível. Ele sentira o cheiro de Fielding, por isso correu em direção ao dono, e correu mais rápido do que Fielding jamais o vira correr. Os dois se encontraram ao lado do carro, estacionado na rua sem saída que dava acesso à casa, e caíram no chão.

O incrível foi que Gonker, como Fielding percebeu imediatamente, não perdera peso em sua longa jornada. Aliás, no dia seguinte, Gonker foi ao veterinário para tomar sua vacina e estava meio quilo mais pesado do que da última vez. Seu cheiro era terrível, mas Fielding não se importava. Ele agarrou tufos do pelo de Gonker e o abraçou com força.

Gonker voltaria para casa.

O momento mais incrível da história, no entanto, aconteceu na frente de uma casa, no subúrbio de McLean, na Virgínia. Foi um momento marcante, um recorte no tecido do tempo, no progresso contínuo da vida, que sempre segue seu curso de um evento a outro. Naquele momento, uma mãe, uma senhora de 57 anos de idade, transformou-se instantaneamente em uma menina jovem, sentada em um gramado, acariciando seu cão perdido, que voltava a estar em seus braços. Ela acabou caindo sobre a grama. E o abraçava com força. Ele voltara. Parecia impossível, mas ele voltara. Após tantos anos, após tantas vidas, ele voltara para Ginny. Seu espírito, a essência de sua consciência, flutuava, solta no universo, há meio século. Naquele momento: punhados de pelo de cachorro, patas no seu peito, cheiro de sujeira, de adubo, de espaços abertos, dos bosques dos Apalaches. Oji lambia seu rosto, fungava seu queixo, fuçava seu corpo.

Fielding estava de pé, observando a transformação de Virginia. Ele estava preso àquela imagem, maravilhado. A fraqueza que sentia nas pernas desaparecera. Entusiasmado, Gonker derrubou Ginny, e seus cabelos, antes presos em um coque, se soltaram. Ele lambeu seu rosto, suas orelhas, seu nariz, seus olhos. Ela segurou suas patas, uma em cada mão, e olhou para o filho.

— As patas — disse ela.

— Eu sei — respondeu Fielding.

Estavam ásperas e dilaceradas por conta da jornada. Quando tentou as observar mais de perto, Gonker gemeu e se afastou. No entanto, ela ficou surpresa com a boa aparência de um cão que passara duas semanas solto no mundo selvagem. Ele correu em direção a um arbusto, fuçou um pouco e encontrou um grande graveto, que deixou no colo de Ginny, dando um

passo atrás. *Vamos brincar?*, ele sugeriu, com um breve latido. E repetiu:
Vamos brincar?

O caminho de volta para casa (para Ginny, Fielding e Gonker) foi encontrado graças ao esforço de pessoas comuns. Redatores de jornais, funcionários de hospitais veterinários e residentes de um resort de esqui. Todos ajudaram a trazer o cachorro de volta.

O *Daily Progress* escreveu sobre o assunto no dia 28 de outubro, avisando aos seus leitores sobre o aparecimento de Gonker. Se Ginny e John imaginavam ter recebido um excesso de telefonemas após a primeira notícia sobre o caso, o que veio a seguir foi um dilúvio. Quase todos que entraram em contato quando Gonker estava desaparecido voltaram a telefonar para lhes dar os parabéns. Além dessas pessoas (com quem Ginny conversou durante os 14 dias de busca), totais desconhecidos ligaram, querendo conversar com ela. Não eram contatos diretos, eram pessoas que conseguiram o telefone do lar de Gonker com terceiros, e que também ajudaram a localizá-lo.

— Parece que um exército se formou — disse John, após um desses telefonemas —, e nós nem desconfiávamos disso. Isso é uma equipe!

— Essas pessoas merecem todo o crédito — disse Ginny.

— Ofereça seu crédito quando o sol estiver brilhando — disse John, secando as lágrimas surgidas nos cantos dos olhos —, pois eles culparão você quando estiver chovendo.

O trabalho dessas pessoas comuns, pensou Ginny, não poderia ficar à sombra. Aquela história, afinal de contas, só fora possível graças à gentileza de desconhecidos, de pessoas dispostas a ajudar alguém, e um animal, que não conheciam. E Ginny deu início a uma grande campanha, escrevendo cartas de agradecimento. E enviou a *todos* os seus heróis: Rosa Lee Chittum, Mary Kay, Janni da Pousada de Afton, a guarda-florestal

Waltz. Até Anna Lenders. Ela enviou cartas a todo mundo com quem falou, a todos que a inspiraram, gastando centenas de dólares em cartões e selos.

“Fantástico”, ela escreveu nas suas anotações sobre a segunda conversa com a central de guardas-florestais de Blue Ridge. “Um êxtase”, escreveu ao registrar sua conversa com os guardas-florestais do parque Shenandoah. “Estou muito contente. Gostaria que todas as histórias envolvendo cachorros tivessem um final feliz”, escreveu Laurie, do Rodes Farm Stables, no topo de uma de suas várias páginas de anotações.

No dia 24 de novembro, o *Daily Progress* publicou esta carta:

Cão perambulante teve sorte ao se perder próximo a Charlottesville

Aos inúmeros residentes da região de Charlottesville que ajudaram meu filho, Fielding Marshall, a encontrar Gonker, seu cão, após 15 dias perdido na trilha dos Apalaches, a família Marshall gostaria de dizer um enorme muito obrigado.

Nossos agradecimentos especiais vão endereçados a Bryan McKenzie, do *Daily Progress*, por sua gentil coluna do dia 21 de outubro. “Cachorro perdido deixa companheiro preocupado.” Ele alertou a comunidade de Charlottesville sobre os apuros do meu filho e sobre o fato de que seu cão precisava de medicamentos, e logo, para conseguir sobreviver.

O senhor McKenzie seguiu com a história no dia 28 de outubro (“Homem encontra seu melhor amigo”), outro relato sensível, desta vez contando a todo mundo como Gonker foi encontrado e como ele e seu dono estavam se sentindo.

No longo período de duas semanas em que Gonker esteve desaparecido, eu e meu filho conversamos com vários residentes de Charlottesville e arredores. Além disso, meu filho passou vários dias pregando panfletos do cão desaparecido junto ao meu marido, e fazendo buscas nessa comunidade. Cada um de vocês foi muito útil e encorajador.

Vários residentes de Charlottesville ligaram para nós, com pistas e conselhos. Foi muito reconfortante saber que toda essa gente nos ajudava a encontrar Gonker. Nós estávamos perdendo as esperanças, o tempo de Gonker estava acabando, e não conhecer seu paradeiro nos deixou com o coração em frangalhos.

A polícia de Wintergreen nos ofereceu a pista mais importante para localizarmos Gonker. O policial Harris estava certo de que o cão do meu filho fora visto por lá, e nos ligou. Naquela mesma manhã, bem cedo, o sargento Gary Wade nos ligou dizendo que Gonker teria sido visto em uma determinada rua. E eu sei que esses dois senhores passaram um bom tempo tentando fazer com que Gonker se aproximasse.

O Departamento de Polícia de Wintergreen levou muito a sério nossa preocupação, e fez um grande trabalho dando buscas e nos localizando.

Esses homens merecem muito crédito. São eles os verdadeiros heróis da família Marshall, e gostaríamos que vocês se alegrassem sabendo o que fizeram por nós.

Nossas preces foram atendidas. Agradecemos a todos vocês por isso. Foi um milagre que nosso filho tenha conseguido encontrar seu cachorro. Espero que o próximo cachorro

desaparecido tenha a sorte de se perder na região de Charlottesville, pois sei que esta comunidade o ajudará a encontrar seu caminho de volta para casa.

Virginia C. Marshall Condado de Fairfax

49

No Dia de Ação de Graças, Fielding (que voltara ao trabalho) resolveu tirar outro dia de folga. Queria passar a noite em McLean, para que Gonker e Uli pudessem brincar juntos à noite e de manhã. Eles gostavam de dormir empilhados, aos pés da sua cama, após terem corrido até não aguentar mais.

Na escuridão, pouco antes da meia-noite de quarta-feira (com o ar tomado pelo som de dois cachorros roncando), Fielding ligou para Peyton. Eles estavam tentando entrar em contato desde outubro, mas nunca conseguiam, e apenas brincavam de dar telefonemas de uma ponta à outra do país.

— Ei, garotão — disse Peyton, assim que atendeu. — Já ouvi dizer que encontrou seu cachorro.

— Nós o arrancamos da floresta com um punhado de batatas fritas e uma caixa de cerveja — disse Fielding.

— Eu sei. A mamãe me disse que ele passou a adorar cerveja.

— Deveríamos ter comprado cerveja light — disse Fielding.

— Você também ficou famoso. Ela me disse que você apareceu na imprensa local, certo?

— Quem apareceu mais foi o papai.

— Ah, não...

— É — disse Fielding. — Foi exatamente como você está imaginando. Ele cantou uma música chamada “A esperança é a última que morre”.

— Não...

— Sim. E disse que os velhos etruscos costumavam uivar como cachorros para agradecer ao deus do sol.

— Você está falando sério?

— Mais sério, impossível — disse Fielding.

Peyton falou sobre o que fizera no ano anterior. Ela acabara de escrever seu primeiro romance, um livro baseado em uma história real, sobre a explosão de uma carcaça de baleia em uma praia do Oregon.

— Acho que é um fracasso total — disse ela, alegremente.

— Continue tentando — comentou Fielding.

— Foi exatamente isso que papai me disse.

Eles conversaram sobre como era estranho, para Fielding, estar novamente junto a Gonker, e como ao mesmo tempo tudo parecia normal. A saúde do cachorro se deteriorara um pouco, ele admitiu. Ele parecia mais rijo e lento, e certa vez, quando Fielding o pegou no colo, Gonker gritou de dor. Ele o levou ao veterinário, e aumentaram sua dose de hormônios sintéticos. Graças ao exame sanguíneo anual que faziam eles observaram que o quadro geral de Gonker possivelmente havia piorado. Isso deixou Fielding triste, tirando um pouco do brilho de seu feriado. Embora estivesse fazendo o melhor para cuidar bem de Gonker, ficou pensando se as horas que o cachorro passava sozinho, quando Fielding estava no trabalho, poderiam estar gerando um efeito gradual e acumulativo.

— E como *você* está se sentindo? — perguntou Peyton.

— Já estive melhor. — Ele fez uma pausa. — Mas... acho que tenho um plano.

Após a refeição de Ação de Graças, os Marshall se reuniram novamente na sala de estar. Ginny tomava seu vinho branco com uma pitada de licor de cassis, Fielding e John tomavam cidra. Eles revisitavam os acontecimentos dos últimos meses. John ficou assustado ao saber que Gonker sentira uma sede extrema após ter sido resgatado. Quando Fielding finalmente conseguiu colocá-lo no carro, Gonker bebeu um galão de água, sem parar para respirar.

E Ginny contou a história — que se esquecera de contar no tumulto da busca — sobre como seus vizinhos conseguiram a ajuda da comunidade mórmon local, que fez correntes de oração em nome da família. Seria *isso* o que conseguira reverter a situação a favor deles? Quem poderia ter certeza?

Gonker se sentou ao lado deles, aquecido pela lareira. Ele parecia ouvir. Em certo momento, pousou a cabeça em suas patas da frente, cruzadas. Uli

se deitara ao lado dele. Logo caiu no sono, espalhado ao lado do amigo, suas costas coladas ao lado de Gonker. Desde o retorno de Gonker, nenhum dos dois gostava de ficar sozinho. Eles se procuravam sempre que possível. Chegavam a dividir uma mesma grande cama de cachorro.

Fielding terminou de beber sua cidra. Pigarreou.

— Mãe — disse ele, sentindo um abismo se abrir no interior do seu corpo, expandindo-se pelo peito. — Eu não estou me sentindo bem.

E revelou tudo: a torrente de sintomas, os meses de sofrimento.

Ginny ficou em silêncio. Seu corpo estava parado, mas sua mente estava frenética. Ela reavaliava as dezenas de momentos passados ao lado do filho — caras de dor, de fadiga, expressões ilegíveis, momentos em que não entendia o que acontecia com ele. John balançou a cabeça.

— Ah, Fielding — disse ele. — Isso é terrível.

— Que parte?

— Tudo.

— Então, como podemos ajudar? — perguntou Ginny. Ela estava de olhos arregalados. — Eu conheço um especialista. Um gastro. Ele mora aqui na rua, perto dos Olshan.

— Não precisa, mãe.

— Eu poderia ligar para ele — insistiu Ginny.

— Não, mãe. Eu vou cuidar disso.

— Eu posso conseguir o número dele. Em poucos minutos, poderíamos entrar em contato. Você poderia descrever seus sintomas para ele e...

— Mãe...

— ...não precisa marcar uma consulta agora.

— Mãe...

— Seria algo rápido...

— Veja bem, mãe. Eu estava pensando uma coisa: Gonker poderia passar um tempo por aqui? Até que eu me sinta melhor?

A lenha crepitava na lareira. O carvalho seco estalava e uma brasa cor de fogo se separou do restante. Ginny olhou para o filho.

— Ah, Fielding — disse ela, após um momento, com os olhos cheios de lágrimas —, seria uma honra.

Em seu livro *Inside of a dog*, Alexandra Horowitz escreve sobre o comportamento dos cães, maravilhada com a complexidade (muitas vezes subestimada) dos animais em geral. Segundo ela, a palavra “domesticado”

“nasce de uma raiz que significa pertencente à casa”. Gonker, portanto, pertencia à casa dos Marshall no sentido mais profundo dessa palavra. É interessante, também, que a nomenclatura latina para cães, para todos os cães que habitam ao nosso redor, contenha uma mensagem tão forte: *Canis lupus familiaris*.

O que Gonker vira lá fora, no meio do bosque? Teria caçado coiotes, ou teria sido caçado por eles? Teria simplesmente escutado seus uivos à noite, na escuridão da floresta? É possível que o simples fato de não poder contar sua história, de não ter acesso a uma linguagem para fazê-lo, tenha levado as pessoas a reagirem com tanta generosidade, uma e outra vez. É possível que essas pessoas, como Rosa Lee Chittum, tenham imaginado a sensação de impotência de Gonker frente à crueldade do destino. E também é possível que tenham sentido a mesma impotência refletida em si mesmas.

Familiar. Horowitz questiona: “O que os cães sabem (...) sobre si mesmos, sobre certo e errado, sobre emergências, emoções e morte?” O grande mistério, é claro, o que nunca será resolvido, é exatamente o que aconteceu com Gonker na trilha dos Apalaches. Quando voltou à família Marshall, tudo o que podia fazer era recuperar seu lugar na vida cotidiana daquelas pessoas. Gonker não dominava uma linguagem para explicar o que vivera, e os Marshall não saberiam lhe explicar tudo o que fizeram para tentar trazê-lo de volta para casa.

50

Em um dia incrivelmente quente para o mês de dezembro, o telefone tocou na casa dos Marshall. Ginny atendeu.

— Senhora Marshall? — perguntou a voz do outro lado da linha. Era uma voz áspera, masculina, não muito diferente de várias outras que lhe lançaram pistas falsas durante o mês de outubro.

— Sim, sou eu.

— Bem, senhora Marshall — disse o homem. — Eu encontrei seu número novamente ao limpar minha carteira, e decidi que deveria ligar.

— Sim — disse Ginny. — O que o senhor gostaria de me dizer?

— Bem, senhora... Espero não estar atrapalhando. É sobre seu cão, o Gonker. — O homem fez uma pausa. — Eu não consigo tirá-lo da cabeça. Há meses, li aquele artigo de jornal, e até hoje me pergunto: será que o encontraram?

Ginny sorriu. E não demorou para responder:

— Sim. Ele foi encontrado.

— Sério? — perguntou o homem, elevando seu tom de voz.

— Eu não estou de brincadeira — disse Ginny, sorrindo.

— Que bom, minha senhora — disse ele —, esta notícia alegrou o meu Natal.

51

Até os cães ficam velhos.

Em média, um golden retriever vive 11 anos. Gonker viveu exatamente isso. Por volta de 2003, sua visão começou a falhar. Seu fígado e rins, enfraquecidos após anos de medicamentos contra a doença de Addison, já funcionavam mal. Suas articulações sofriam de artrite. Andar era uma luta. Até ficar de pé era complicado. Uli, com muita delicadeza, roçava o focinho nas costelas do amigo, tentando chamá-lo para brincar, mas Gonker se recusava. Por volta do mês de maio, Gonker mal saía de casa. Por volta de junho, tinha de ser carregado e posto sobre a grama, para ficar um pouco ao sol e se aquecer. No início de julho, Ginny percebeu que chegara a hora de dizer adeus.

Fielding chegou em casa de manhã. Ele se sentou junto ao velho amigo, ao lado da porta de entrada. A cabeça de Gonker estava apoiada no seu colo, e ele acariciava os pelos cinzentos e dourados do cachorro.

— Conversei com Noel hoje de manhã — ele murmurou.

Gonker ergueu uma das sobrancelhas.

— Ele enviou um recado: “Faça uma boa viagem, cara.” — Nesse momento, Fielding começou a perder a compostura e fungou o nariz na manga da camisa. — Você sabe como ele costuma se expressar: “Diz pra ele: faça uma boa viagem, cara, para onde quer que você vá.”

Gonker relaxou a sobrancelha.

— Parece uma mensagem legal, não acha, amigão?

John se aproximou e parou na frente do filho, apoiando as mãos nos seus ombros.

— Eu te amo, Fielding — disse ele.

Logo depois, pai e filho abraçaram Gonker e o levaram ao carro. Ginny caminhava ao lado deles. Deixaram Gonker no colo de Ginny, no banco do carona, e abriram a janela. Depois, bem lentamente, deram um passeio pelas redondezas, mostrando a Gonker tudo o que ele estava acostumado a ver, todos os lugares que amava, e que passara anos explorando, sempre cheio de alegria. Naquele momento, porém, tudo o que Gonker fazia era abanar o rabo.

John dirigia. Ginny aproximou Gonker do seu corpo. Fielding estava sentado bem atrás deles, sem cinto de segurança, curvado para a frente, encaixado entre os dois bancos dianteiros. Ginny desejou que aquele momento se congelasse para sempre. No entanto, isso seria impossível. Como ela costumava dizer ao enfrentar a impermanência da vida, citando uma conhecida oração: “O tempo, como um riacho em constante movimento, leva todos os seus filhos embora.” Ela acariciou a cabeça de Gonker, sentindo a maciez dos pelos de suas orelhas, e também da área logo abaixo do seu focinho.

O veterinário, doutor Henshaw, que há muito tempo cuidava de Gonker no Hospital Veterinário de Great Falls, foi até a casa deles. Os Marshall se sentaram ao lado do seu querido cachorro, cujo corpo se espalhava entre as pernas de Fielding e Ginny. Com rapidez, o veterinário administrou Euthasol na pata dianteira de Gonker. O medicamento fez efeito em segundos. O corpo de Gonker se moveu uma vez, logo depois sua cabeça caiu no colo de Ginny. Ele fora embora.

No momento da morte, ver o corpo do ser que amamos é sempre um choque. É algo muito familiar. Esperamos que ele fique de pé, abra os olhos, fale, ganhe vida, espírito, tudo o que conhecemos tão bem. Mas nada disso acontece. Ele permanece imóvel, inerte. E pesa muito, de uma maneira que praticamente não conseguimos entender.

O veterinário esperou alguns minutos, em silêncio. Depois arrumou suas coisas e se preparou para ir embora. Ele perguntou a Ginny o que planejavam fazer com o corpo. Quando ela lhe contou, o homem lhes disse que era sua obrigação informar que a cidade de McLean proibia o enterro de animais em propriedades privadas. Ginny assentiu com a cabeça, agradecendo pela informação, e o acompanhou ao seu carro.

Portanto, o local do descanso eterno de Gonker é um mistério.

Naquele mesmo ano, Ginny abriu a caixa de correio e encontrou uma carta, endereçada a toda a família, vinda do Colégio Regional de Medicina e Veterinária da Virgínia-Maryland, pertencente à Universidade da Virgínia. Quem escrevia era o reitor Peter Eyere, e o fazia para informar que o Hospital Veterinário de Great Falls fizera uma doação, em nome de Gonker, ao Fundo Veterinário da Universidade.

Ginny ficou surpresa. Ela se sentou à mesa da cozinha e escreveu uma carta de agradecimento.

Setembro de 2003 Queridos amigos do Hospital Veterinário de Great Falls,
Imagine nossa surpresa quando, ontem, recebemos uma carta do reitor da Escola de Veterinária da Universidade da Virgínia. Ele nos disse que uma doação foi feita, em nome de Gonker, ao Fundo Veterinário graças aos médicos e funcionários do Great Falls.

Ficamos muito surpresos! Vocês encontraram uma maneira tocante e cheia de significado para relembrar nosso tão especial “ser peludo”. A família Marshall — Fields, Ginny, John e Peyton — agradece sua gentileza.

Algum dia é possível que a Universidade da Virgínia encontre a cura para a doença de Addison. Isso seria incrível, concordam? Gonker abanaria o rabo ao ouvir essa grande notícia!

Eu sinto falta dos meus amigos do Hospital Veterinário de Great Falls. Espero que tudo esteja correndo bem para vocês, que sempre foram tão carinhosos com Gonker (e comigo). Por conta disso, acredito que ele, de alguma maneira, esperava ansiosamente para tomar as injeções mensais. Gonker era uma figura, não acham? Vocês não adoravam a maneira como ele se sentava em sua cadeira, esperando seu nome ser chamado?

Como vocês podem imaginar, as coisas andam quietas por aqui, sem nosso querido cachorrinho. Hoje, dois meses após nosso adeus, continuamos procurando por ele ao abrírmos a porta de casa.

Mais uma vez, faço um agradecimento especial ao doutor Henshaw.

Todos trabalhamos juntos para ajudar Gonker a ter uma vida maravilhosa.

Com carinho, para todos vocês, De toda a Família Marshall

Era o dia 5 de setembro de 2003. O líder da Al-Qaeda, Osama bin Laden, declarou que sua prioridade, em um futuro próximo, seria usar armas biológicas contra os Estados Unidos. O furacão Fabian atingiu as Bermudas (em uma tempestade categoria três, com ventos que ultrapassavam 190 quilômetros por hora). Foi o pior furacão a atingir a ilha em cinquenta anos. O líder supremo da Coreia do Norte, Kim Jong-Il, foi reeleito presidente da Comissão Nacional de Defesa, e a surpresa: com votos unânimes. Foi registrado, em Cingapura, o primeiro caso de SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave), responsável pela morte de 8 mil pessoas no Canadá, China, Hong Kong, Filipinas, Taiwan, Estados Unidos e Vietnã.

A indústria farmacêutica da Holanda se tornou a primeira indústria mundial a vender *marijuana* como droga medicinal. O único jornal da oposição foi fechado no Zimbábue. Arnold Schwarzenegger lançou sua campanha para governador do estado da Califórnia. Os restos de um guerreiro Viking foram encontrados em Dublin. Marte passou pela Terra a uma distância de aproximadamente 55 milhões de quilômetros — há 60 mil anos não se aproximava tanto do nosso planeta.

E, na vastidão interestelar, a alma de um cachorro, uma criatura humilde, saiu do seu corpo, desintegrando-se, transformando-se no seu eu natural. Em um primeiro momento, ela passou algumas poucas semanas vagando (subindo, rolando e caindo) entre os caminhos empoeirados que acompanham a trilha dos Apalaches. Tratava-se de uma lufada, um círculo de luz, de poeira atômica. E ficou um tempo por lá. No entanto, essa alma tinha mais o que fazer. E foi embora. Nesse momento, começou sua verdadeira viagem.

Epílogo

Roger, é claro, imaginou que eu estaria simplesmente perdendo minhas manhãs. No entanto, ele não me abandonou, mas permaneceu debaixo da mesa, dormindo, enquanto eu fazia meu trabalho.

GERALD DURRELL, *My Family and Other Animals*

Laska corria, alegre e ansiosa, sob a neve semiderretida que se espalhava pelo chão.

LEON TOLSTOI, *Anna Karenina*

A cadela de Tolstói, Laska, correndo pelos pântanos, sempre foi uma de minhas passagens favoritas de *Anna Karenina*. Nela, o autor nos oferece seu melhor. Trata-se do oposto, por vários motivos, do epílogo de cem páginas de *Guerra e paz*, no qual ele incita seus leitores com um tratado sobre o poder humano e a natureza das mudanças históricas.

Na sua interpretação de Laska, Tolstói é sutil, doce, imaginativo. Os padrões semiarticulados da consciência humana são difíceis de serem capturados no papel; e encapsular a maneira como os cães pensam (sendo um artista humano) é um desafio ainda maior. Mas ela existe. Laska... Cheia de vida, sedenta, agitada, alegre, enfrentando o mundo usando, sobretudo, seu faro.

Eu vivi com cães muito amados (e os perdi). E foram vários ao longo dos anos. Continuo me sentindo em dívida com uma cadela de quem não pude me despedir: Glasgow, minha são bernardo. Eu a entreguei para doação quando não podia mais cuidar dela, em março de 2005. Embora tenha encontrado um bom lar para Glasgow (uma fazenda em Vermont, onde viveu uma existência feliz e livre), minha última imagem dela, a imagem de uma cadela me olhando, confusa, sendo levada embora pela sua nova família, nunca sairá da minha mente. Meu peito ainda dói quando

volto a imaginar Glasgow, na traseira do caminhão, apurando seu faro e procurando meu cheiro, mudando de posição e me buscando, enquanto ia embora.

Contadores de histórias raramente viveram o que contam. Mas eu acordo todos os dias ao lado de Peyton Marshall, minha esposa e mãe de nossos gêmeos de 6 anos.

Ao longo dos anos, levando nossos filhos à casa dos avós, em McLean, foi impossível não notar, em quase todos os pontos da casa, fotografias de um cachorro enorme e alegre, com um graveto na boca e a língua caída para fora. Perguntei a Peyton sobre as fotos. Ela rolou os olhos. “Tem mais fotos de Gonker por aqui”, disse ela, “do que minhas, do Fielding ou do papai.”

Eu contei as fotografias. E ela estava com a razão, ainda que a margem de ganho fosse apertada.

As histórias tecem os laços de uma família. Ginny, John e Fielding, claro, ficaram loucos para me contar a história de Gonker. Mas seu pano de fundo (a infância de Ginny, a tentativa de Fielding de ser pai, sua terrível doença) vieram com o tempo, ao longo dos anos.

Fielding, aliás, tinha colite ulcerativa. Ele esteve doente, profundamente mal, até 2003, quando foi à Clínica Cleveland (imediatamente após a morte de Gonker) e fez uma cirurgia que retirou grande parte do seu intestino grosso. Em seu pior momento, ele chegou a pesar menos de 66 quilos. Fielding quase morreu. E todos precisaram de uma boa dose de confiança para me contar essas histórias complicadas. Por minha vez, espero ter lhes provado que o esforço valeu a pena.

Ainda hoje, anos mais tarde, o megafone que John utilizou na trilha continua em lugar de destaque na residência dos Marshall. Sempre que é visto, funciona como um lembrete familiar do seu passado em comum. Eis como os objetos vivem em nossas lembranças. Eles ganham vida de uma maneira insuspeita, aderindo-se a ela. O megafone se tornou algo vivo, referência de um tempo perdido, de pai e filho juntos, em busca de algo, em um ambiente traiçoeiro.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao meu herói/agente Bill Clegg, que vendeu este livro enquanto eu atravessava o Marrocos de ônibus, sem qualquer sinal de telefonia celular. E também, em igual medida, agradeço ao meu herói/editor Tim O'Connell, cujas notas formais e informais ajudaram a moldar e transformar este projeto. Robin Desser também ofereceu comentários inestimáveis, por isso agradeço. À minha mentora e antiga editora Shaye Areheart, obrigado por ter acreditado em mim e continuado a me oferecer o tipo de apoio que os escritores tanto necessitam. E, claro, muito obrigado à artista Margaret Owen, cujas ilustrações tanto enriqueceram o manuscrito.

Completei parte deste livro no Retiro Internacional de Escritores Hawthornden, cuja generosidade à serviço da literatura é profundo e amplo, por isso lhes ofereço todo meu apreço. Hamish Robinson, o diretor do retiro, foi um anfitrião divertido, de boa índole e culto. O tempo que passei em Hawthornden foi feliz e produtivo.

Consultei vários textos enquanto escrevia este livro, e dois foram particular e enormemente importantes: *How Dogs Think*, do doutor Stanley Coren, e *Walking the Appalachian Trail*, de Larry Luxenberg. Estou em débito de gratidão junto aos meus familiares e amigos que ajudaram com partes deste manuscrito: Jon Raymond, Arthur Bradford, Cheston Knapp, Lance Cleland, Tony Perez, Ruta e Joseph Toutongh. E, claro, à ESSR.

A John, Ginny e Fields Marshall, meus mais profundos agradecimentos por permitirem que eu mergulhasse em suas vidas, e por terem compartilhado suas histórias comigo. A Bea e Phin (meus doces filhos), obrigado. E a P.M.M.... O que eu poderia dizer? A aventura continua.

PUBLISHER

Omar de Souza

GERENTE EDITORIAL

Mariana Rolier

EDITORA

Clarissa Melo

COPIDESQUE

Marcela Barros

REVISÃO

Piña Bastos Paula Dutra Luana Balthazar

DIAGRAMAÇÃO

Abreu's System

CAPA

Pedro Lima

CONVERSÃO PARA EBOOK

Letra e Imagem